



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

Câmpus de São José do Rio Preto

Marta de Oliveira Silva Arantes

O fenômeno da eponímia nos nomes de tecidos: glossário
terminológico e aspectos socioculturais que subjazem a esses
termos

São José do Rio Preto
2018

Marta de Oliveira Silva Arantes

O fenômeno da eponímia nos nomes de tecidos: glossário
terminológico e aspectos socioculturais que subjazem a esses
termos

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Lidia Almeida
Barros

São José do Rio Preto
2018

Arantes, Marta de Oliveira Silva

O fenômeno da eponímia nos nomes de tecidos: glossário terminológico e aspectos socioculturais que subjazem a esses termos / Marta Oliveira de Arantes. -- São José do Rio Preto, 2018
196 f.: il., tabs.

Orientador: Lídia Almeida Barros

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Terminologia. 2. Indústria têxtil - Terminologia. 3. Tecidos. 4. Vocabulários, glossários, etc. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 677(038)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Marta de Oliveira Silva Arantes

O fenômeno da eponímia nos nomes de tecidos: glossário
terminológico e aspectos socioculturais que subjazem a esses
termos

Tese apresentada como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Doutor em Estudos Linguísticos, junto
ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos, do Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas
da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de
São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Titulares

Prof^a. Dr^a. Lidia Almeida Barros
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Celso Fernando Rocha
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Nelson Luís Ramos
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Mariângela Araújo
USP- São Paulo

Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia Castiglioni
UFT- Tocantis

Suplentes

Prof^{fa}. Dr^a. Adriane Orenha
UNESP- São José do Rio Preto

Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva
UNESP – Araraquara

Prof. Dr. Guilherme Fromm
Universidade Federal de Uberlândia

São José do Rio Preto
22 de fevereiro de 2018

Dedico esta tese a minha mãe Laurinda, a meu filho Heitor e a meu esposo Renan.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu força e saúde e sempre esteve ao meu lado durante a realização deste trabalho;

A minha orientadora, Profa. Dra. Lidia Almeida Barros, pelas orientações, esclarecimentos de dúvidas, apoio e estímulo durante toda a realização desta pesquisa;

A meu esposo, que sempre me apoiou, incentivou e me ajudou nessa etapa;

A minha mãe, que esteve ao meu lado em todos os momentos, apoiando-me incondicionalmente;

A meus sogros, a meus irmãos Thiago, Lucio e a minha cunhada Priscila pela ajuda e cuidado com o meu filho nos momentos que precisei ausentar-me para estudar;

A minha família, principalmente a tia Fátima e tio Cecílio por toda ajuda prestada quando precisei;

À Profa. Dra. Adriane Orenha e ao Prof. Dr. Celso Fernando Rocha que enriqueceram este trabalho com as sugestões feitas durante o Exame Geral de Qualificação;

Aos professores que compõem a banca de defesa, Profa. Dra. Mariângela Araújo, Profa. Dra. Ana Cláudia Castiglioni, Prof. Dr. Celso Fernando Rocha e Prof. Dr. Nelson Luís Ramos;

Aos professores do Doutorado, pelo aprendizado durante o curso;

A professora Dra. Camilla Borelli que colaborou com a indicação de material para a realização desta pesquisa;

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

RESUMO

Por meio do estudo da terminologia recorrente em apostilas que denominam tecidos e são utilizadas em cursos técnicos e de graduação da Indústria Têxtil, esta tese tem como objetivos identificar e dar tratamento terminológico aos termos que denominam tecidos, elaborar um glossário desses termos, estudar os termos eponímicos encontrados no material de extração e apresenta como público-alvo os estudantes de cursos técnicos e de graduação do setor Têxtil e profissionais que trabalham diretamente com a venda de tecidos. Para tanto, consideramos algumas características dos termos eponímicos de nosso estudo e são elas: termos formados com base em topônimos ou antropônimos, termos de origem estrangeira sob forma de xenismos e empréstimos e países, regiões ou cidades de referência para a formação dos termos eponímicos. No arcabouço teórico estão Cabré (1999), Barros (2004), Krieger e Finatto (2004), Pavel; Nolet (2002), Guilbert (1975) e Van Hoof (2001). A pesquisa beneficiou-se de um conjunto de textos que serviram de ponto de partida para a extração dos termos que comporiam o glossário e de um conjunto de obras lexicográficas e terminográficas que serviram para a constatação do uso real dos termos selecionados no discurso de profissionais do setor têxtil. Os dados terminológicos dos termos foram retirados de obras e sites do domínio têxtil que trabalham com a subárea “tecidos”. O glossário terminológico dos nomes de tecidos contém 157 termos, organizados em ordem alfabética, mas com um sistema de conceito que permite ao consulente visualizar os termos em sistema e recuperar as relações conceituais mantidas entre eles. O estudo do conjunto terminológico desta tese constitui em uma contribuição para o ensino-aprendizagem realizado nas escolas técnicas e Faculdades brasileiras que preparam estudantes do campo da Indústria Têxtil e uma contribuição à comunicação entre os profissionais da área. Esta tese compõem-se de cinco seções: 1) Fundamentação Teórica, 2) Indústria têxtil mundial e nacional, 3) Metodologia, 4) Análise dos termos eponímicos encontrados nos nomes de tecidos, 5) Glossário Terminológico dos nomes de tecidos.

Palavras-chave: Terminologia. Indústria têxtil - Terminologia. Tecidos. Vocabulários, glossários.

ABSTRACT

Through the study of recurrent terminology in textbooks that define fabrics and are used in technical and Graduation courses of the Textile Industry, this thesis aims to identify and give terminological treatment to the terms that define fabrics, elaborate a glossary of these terms and study the eponymic terms found in the list of terms raised by our research. This work presents as target the students of technical and Graduation courses of the textile sector and professionals who work directly with the sale of fabrics. To do so, some characteristics of the eponymic terms found in our study, such as: terms formed from toponyms or anthroponyms, terms of foreign origin in the form of xenisms and loans, and countries, regions or cities of reference for the formation of eponymic terms were taken into account. The theoretical framework includes Cabré (1999), Barros (2004), Krieger and Finatto (2004), Pavel; Nolet (2002), Guilbert (1975) and Van Hoof (2001). The research benefited from a set of texts that served as the starting point for extracting the terms that would make up our glossary and a set of lexicographic and terminographic works that served to verify the actual use of the terms selected in the discourse of professionals in the textile sector. The terminological data of each term were taken from works and websites in the textile domain that work with the sub-area "fabrics". The terminological glossary of fabrics names has 157 terms, arranged alphabetically, but with a concept system that allows the consultant to view the terms organized in a system and so retrieve the conceptual relations between them. The study of the terminological set studied on this thesis constitutes a contribution to teaching and learning in technical schools and Brazilian colleges that prepare students in the field of Textile Industry and a contribution to communication among professionals in the area. This thesis consists of five sections: Introduction, 1) Theoretical basis, 2) World and national textile industry, 3) Methodology, 4) Analysis of eponymic terms found in names of fabrics, 5) Glossary of fabric names

Keywords: Terminology. Textile industry – Terminology. Fabric. Vocabularies, Glossaries.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: C3rpus de levantamento dos termos	52
Quadro 2: Pesquisa das unidades terminol3gicas que denominam tecidos no “Google.com.br”	58
Quadro 3: Confirma33o de estatuto do termo	65
Quadro 4: Termos epon3micos com ep3nimos na forma original	76
Quadro 5 - Termos epon3micos com ep3nimos na forma banalizada.....	96
Quadro 6 - Ep3nimos na forma original e ep3nimos na forma banalizada	112
Quadro 7 - Quadro dos pa3ses e dos termos epon3micos com origem topon3mica.....	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tecido astrac3	77
Figura 2 - Tecido Batista	78
Figura 3 - Tecido Caxemira	79
Figura 4 - Tecido Chambray	80
Figura 5 - Tecido cheviot.....	81
Figura 6 - Cordeiro cheviot.....	81
Figura 7 -Tecido Crepe da China.....	81
Figura 8 - Tecido crepe Georgette	82
Figura 9 - Tecido Crepe Suzette	83
Figura 10 - Tecido Damasco.....	84
Figura 11 - Tecido Gobelin.....	85
Figura 12 - Tecido Gros de Tours.....	86
Figura 13 - Tecido Jacquard	86

Figura 14 - Tecido Jersey	87
Figura 15 - Tecido Madras	88
Figura 16 - Tecido Melton	89
Figura 17 - Tecido Oxford	89
Figura 18 - Tecido Panamá	90
Figura 19 - Tecido príncipe de Gales	91
Figura 20 - Tecido Shantung	92
Figura 21 - Tecido Shetland	93
Figura 22 - Ovelha Shetland	93
Figura 23 - Tecido Tweed	94
Figura 24 - Tecido Vichy	94
Figura 25 - Tecido Angorá	97
Figura 26 - Cabra Angorá	97
Figura 27 Coelho Angorá	97
Figura 28 - Tecido Astracção	98
Figura 29 - Tecido cambraia	99
Figura 30 - Tecido Casimira	100
Figura 31 - Tecido Cetim	101
Figura 32 - Tecido Crepe cetim	102
Figura 33 - Tecido Crepe marrocaín	102
Figura 34 - Tecido Crepe romain	104
Figura 35 - Tecido Damasco, Adamascado	104
Figura 36 - Tecido Denim	105
Figura 37 - Tecido Escocês	106
Figura 38 - Tecido Lona	107
Figura 39 - Tecido Lonita	108

Figura 40 - Tecido Musseline	108
Figura 41 - Tecido Oxfordine	109
Figura 42 - Tecido Otomano, Otomana, Ottoman	110
Figura 43 - Mapa da França.....	121
Figura 44 - Mapa Reino Unido	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de termos eponímicos com epônimos na forma original e termos eponímicos com epônimos na forma banalizada	113
Gráfico 2 - Percentual de termos eponímicos formados por antropônimos e por topônimos	114
Gráfico 3 - Percentual dos países que serviram de referência para a criação de termos eponímicos de origem toponímica.....	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1 Terminologia.....	21
1.1.1 Terminologia: conceitos básicos e correntes teóricas	21
1.1.2 O objeto de estudo da Terminologia	25
1.1.3 A pesquisa terminológica.....	26
1.2 Processos de produção lexical	29
1.2.1 Estrangeirismos	31
1.2.1.1 Empréstimo	34
1.2.1.2 Xenismo	35
1.2.2 O fenômeno da eponímia	35
1.2.3 O neologismo em Terminologia	38
2 INDÚSTRIA TÊXTIL MUNDIAL E NACIONAL	42
2.1 Aspectos históricos	42
2.2 A indústria têxtil no Brasil.....	45
3 METODOLOGIA	50
3.1 Estudo do domínio.....	50
3.2 Delimitação do domínio.....	50
3.3 Constituição do corpus inicial para levantamento dos termos.....	51
3.4 Pesquisas diretas na internet	56
3.5 Os nomes de tecidos em obras lexicográficas ou terminográficas	63
3.6 Fichas Terminológicas.....	71
4 ANÁLISE DOS TERMOS EPONÍMICOS ENCONTRADOS NOS NOMES DE TECIDOS	73
4.1 Termos eponímicos com epônimos na forma original.....	76
4.2 Algumas considerações sobre os epônimos na forma original	95

4.3	Termos eponímicos com epônimos na forma banalizada.....	96
4.4	Algumas considerações sobre os epônimos na forma banalizada	111
4.5	Análise comparativa dos termos eponímicos com epônimos na forma original e banalizada.....	111
4.6	Os termos eponímicos com epônimos na forma original <i>versus</i> epônimos na forma banalizada	111
5	GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DOS NOMES DE TECIDOS.....	130
5.1	A macroestrutura.....	131
5.2	A microestrutura dos verbetes	135
5.3	Glossário dos nomes de tecidos	137
	CONCLUSÃO.....	170
	REFERÊNCIAS	175
	REFERÊNCIAS DAS FIGURAS	181
	REFERÊNCIAS DAS DEFINIÇÕES	184
	REFERÊNCIAS DOS CONTEXTOS DE USO	185
	REFERÊNCIAS DAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS CONSULTADAS	194

INTRODUÇÃO

A Indústria Têxtil é um setor que abrange diversas atividades, que vão desde o cultivo de matéria prima à confecção de artigos de consumo como roupas e acessórios. O setor têxtil, no que diz respeito ao panorama mundial, é considerado importante gerador de empregos e consequentemente contribui para o desenvolvimento econômico de diversos países. Alguns desses possuem tradição de produção e exportação de têxteis para todo o mundo que data de séculos.

Em nível nacional, o Brasil possui cerca de 32 mil empresas (formais) do setor têxtil, há registro de empresas que estão ativas há 200 anos (ABIT, 2017). O país é considerado o quarto maior parque produtivo de confecção e o quinto maior produtor têxtil do mundo. Há no Brasil mais de 100 escolas e faculdades de moda (ABIT, 2017). Nosso país atua desde a produção das fibras até os desfiles de moda, sendo ainda referência mundial em design de moda praia, *jeanswear* e *homewear* (ABIT, 2017).

Conhecer a terminologia do setor têxtil é de relevância para os estudantes de cursos técnicos e universitários da área têxtil, para os engenheiros têxteis, comerciantes, pesquisadores e outros profissionais desse campo, uma vez que a comunicação oral e escrita nesse setor é intensa e não podem ocorrer problemas provocados por desconhecimento da terminologia da área.

Nesse sentido, estudar a terminologia desse campo e organizar os dados em forma de glossário, como propomos nesta tese, têm como objetivo principal fornecer elementos que contribuam para uma comunicação sem ruídos entre os profissionais da área têxtil.

Como esse ramo comporta diversas subáreas e nossa pesquisa de doutorado nos obriga a uma delimitação do objeto de estudo, realizamos aqui uma investigação científica sobre um conjunto de termos que denominam tecidos. A escolha dessa subárea se dá pelo fato de os

nomes dos tecidos se encontrarem no epicentro de qualquer comunicação no domínio da Indústria Têxtil e a não compreensão desses pode conduzir a problemas no campo profissional.

Para o estudo das unidades terminológicas dessa área, elaboramos um corpus composto por apostilas utilizadas em cursos de Graduação e Técnicos voltados para a Indústria Têxtil. Cada apostila disponibiliza uma lista de nomes de tecidos acompanhados de uma breve definição. Com base nesses dados, procedemos ao levantamento inicial dos termos para estudo no âmbito desta tese e à elaboração de um glossário de termos que denominam tecidos. Para verificar a pertinência desses termos ao domínio, recorremos ainda a uma busca na Web sobre a frequência geral dos termos inicialmente levantados em nossa pesquisa e à confirmação de seu estatuto de termo (enquanto unidades lexicais que denominam um conceito específico numa área de especialidade) em obras lexicográficas e terminográficas, a saber dicionários de língua geral que, em seus verbetes, situam o conceito na área têxtil e glossários de nomes de tecidos elaborados por especialistas da área. Os dados foram registrados em fichas terminológicas e posteriormente receberam tratamento terminográfico sob a forma de glossário. Todos esses procedimentos serão detalhados na Seção *Metodologia* e o glossário em si, assim como a descrição de suas características, serão apresentados na Seção *Glossário terminológico dos nomes de tecidos*.

Cumpramos ressaltar que nossa metodologia de levantamento dos termos que denominam tecidos coaduna-se com nossa proposta de trabalho, ou seja, não tivemos como objetivo levantar de modo geral termos que nomeiam tecidos, mas levantar os termos que denominam tecidos e que são destacados pelos especialistas autores das obras mais utilizadas nos cursos técnicos de Ensino Médio e Superior relacionados à Indústria Têxtil. Desse modo, nossa metodologia de pesquisa não partiu da compilação de corpus com grande número de palavras, nem teve como fonte principal a Web, mas sim as apostilas a que nos referimos. Também utilizamos como fonte inicial o glossário da Folha de São Paulo, por ser a única obra que conhecemos que deu

um tratamento lexicográfico organizado a alguns termos que denominam tecidos e que se tornou uma referência na área, visto a força de divulgação da editora.

Nossa proposta tem como objetivo dar um tratamento terminográfico cientificamente embasado aos termos que os especialistas destacam em suas obras destinadas ao ensino da Indústria Têxtil nas escolas técnicas do país.

Durante o levantamento e tratamento dos dados, algumas observações foram nos ocorrendo, dentre elas a de que há presença, entre os termos que denominam tecidos, de termos eponímicos, isto é, de termos que são formados em parte ou no todo por epônimos, sendo esses antropônimos (nomes de pessoas) ou topônimos (nomes de lugares).

Essa observação nos levou a alguns questionamentos, que se transformaram em chaves das análises realizadas nesta pesquisa, a saber: que tipo de termos eponímicos predominam no conjunto terminológico estudado, aqueles formados com base em topônimos ou em antropônimos? Os epônimos se apresentam em sua forma original (nome próprio) ou como substantivos ou adjetivos derivados de nomes próprios (em forma banalizada)? Há termos de origem estrangeira dentre eles? Sob qual forma os estrangeirismos se manifestam nos textos em português: como xenismos, empréstimos ou outro? Os termos antroponímicos homenageiam homens ou mulheres? Há predominância de algum dos gêneros na formação desses termos? Por quê? Quais países, regiões ou cidades serviram de referência para a formação dos termos eponímicos de base toponímica? Há predominância de algum país ou região? Por quê? Quais aspectos socioculturais relacionam-se à origem dos termos eponímicos, ou melhor, que relação esses mantêm com os povos e lugares de onde vieram os tecidos?

Nossos questionamentos também se dirigiram ao produto terminográfico a que pretendíamos chegar, isto é, ao glossário dos nomes de tecidos. Então nos perguntamos quais informações seriam fundamentais e deveriam compor os verbetes? Em que nosso glossário se

distinguiria de outros glossários ou listas de nomes de tecidos que se encontram disponíveis na Web ou impressos?

Esses questionamentos determinaram nossas reflexões sobre o perfil do conjunto terminológico encontrado e nortearam a elaboração de nosso glossário de nomes de tecidos.

Desse modo, os objetivos desta tese são, fundamentalmente, 1) identificar e dar tratamento terminológico aos termos que denominam tecidos destacados pelos especialistas nas apostilas utilizadas em cursos de Ensino Médio e Superior da área têxtil no Brasil; 2) elaborar um glossário desses termos; 3) estudar os termos eponímicos que se encontram na lista dos termos levantados por nossa pesquisa, observando sua configuração semântico-conceitual e sintático-semântica; estabelecendo, também, a relação desses termos com aspectos socioculturais ligados à sua origem.

Assim, pretendemos dar uma contribuição ao ensino-aprendizagem realizado nas escolas técnicas e Faculdades brasileiras que preparam estudantes do campo da Indústria Têxtil e à comunicação entre os profissionais da área, na medida em que disponibilizamos dados organizados em forma de glossário e uma reflexão sobre um aspecto que nos parece ser relevante no âmbito dos nomes de tecidos: a eponímia.

Nossa pesquisa se insere no campo da Terminologia e tem como base os pressupostos teóricos da Teoria Comunicativa da Terminologia-TCT (Cabré, 1999 e outros), da Lexicologia (Alves, 1999 e outros) e dos estudos sobre a eponímia (Van Hoof, 2001 e outros).

Esta tese se compõe das seguintes seções: *Introdução, Fundamentação Teórica*, [Dados sobre a] *Indústria Têxtil Mundial e Nacional, Metodologia, Análise dos termos eponímicos encontrados nos nomes de tecidos, Glossário terminológico dos nomes dos tecidos, Conclusão, Referências*.

Na seção 1, *Fundamentação Teórica*, apresentamos os principais conceitos adotados em nosso estudo. Nesse capítulo, discorremos sobre os conceitos básicos e correntes teóricas da Terminologia e contextualizamos nosso estudo dentro da TCT. Discorremos ainda sobre o objeto de estudo da Terminologia (o termo) e sobre as etapas de uma pesquisa terminológica. Apresentamos também os conceitos fundamentais sobre estrangeirismos e eponímia.

Na seção 2, *Indústria Têxtil Mundial e Nacional*, tratamos dos aspectos históricos relativos à origem da indústria têxtil e sua evolução ao longo do tempo, traçando um panorama mundial e nacional. Nesse capítulo apresentamos também um breve histórico da invenção dos tecidos.

Na seção 3, *Metodologia*, expomos as sucessivas etapas de nossa pesquisa, mostrando que inicialmente realizamos um estudo do domínio da Indústria Têxtil, em seguida procedemos ao levantamento dos termos que denominam tecidos que constam de um corpus composto por obras indicadas por especialistas desse setor, depois buscamos atestar o uso em comunicação dos termos levantados, na sequência verificamos a pertinência dos termos à área e seu estatuto de termo por meio da consulta a obras lexicográficas que deixam claras acepções especializadas (por meio de rubricas) e terminográficas. Explicamos, ainda, nessa Seção, como registramos os dados em fichas terminológicas e os campos que as compõem, para a subsequente elaboração do glossário de termos que denominam tecidos.

Na seção 4, *Análise dos termos eponímicos encontrados nos nomes de tecidos*, realizamos um estudo dos termos eponímicos formados por epônimos na forma original e na forma banalizada, respondendo aos questionamentos que nos fizemos no início de nosso trabalho e que foram expostos na Introdução desta tese.

Na seção 5- *Glossário Terminológico dos nomes de tecidos*, consta nosso glossário, que é composto por 157 termos que denominam 125 conceitos. Os termos encontram-se

organizados em verbetes e em uma lista de conceitos. Desse modo, a Seção 5 apresenta, além do conjunto de verbetes, o sistema conceitual, onde se pode visualizar a posição de cada termo dentro de um conjunto estruturado hierarquicamente disposto. Nessa Seção explicamos ainda a organização interna do glossário e os campos com dados que caracterizam a macroestrutura e a microestrutura dos verbetes. Cumpre ressaltar que não elaboramos definições para os termos elencados em nossa pesquisa, desse modo as definições apresentadas nos verbetes são transcrições das definições disponibilizadas nas apostilas técnicas que compuseram nosso corpus de levantamento de termos.

Por fim, expomos as conclusões às quais chegamos após nossas reflexões e análises (*Conclusão*) e as referências bibliográficas por nós utilizadas para a elaboração da tese e do glossário.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentamos os principais conceitos e termos adotados em nossa pesquisa. Utilizamos “Terminologia”, grafado em letra maiúscula, para nos referirmos ao campo de estudo e “terminologia” grafada em minúsculo, quando nos referirmos ao conjunto de termos de uma área de especialidade. Nosso arcabouço teórico foi elaborado com base em autores da Terminologia Geral e, mais particularmente, da Teoria Comunicativa da Terminologia (AUBERT, 1996; BARROS, 2004; CABRÉ, 1992, 1993; 1999; KRIEGER E FINATTO, 2004 e PAVEL; NOLET, 2002).

Sobre a questão da produção lexical na língua embasamo-nos nos pressupostos teóricos propostos por (ALVES, 1999; BARBOSA, 1981; BIDERMAN, 2001; BOULANGER, 1989; CABRÉ 1993, 2002; GUILBERT, 1975; CARVALHO, 2009 e REY, 1976).

No que tange às análises sobre a eponímia, tomamos como base os pressupostos teóricos de estudiosos desse domínio e pesquisadores que já realizaram estudos sobre esse fenômeno (BARROS, 2004; 2007; SILVEIRA, 2010 e VAN HOOFF, 2001).

1.1 TERMINOLOGIA

A Terminologia enquanto área do conhecimento, situa-se entre as ciências do léxico e é conhecida como o estudo e aplicação dos termos técnicos e/ ou científicos, é denominada dessa forma por ser utilizada no âmbito das atividades que abrangem os conhecimentos especializados conforme explica Depecker (2004, p. 11).

1.1.1 Terminologia: conceitos básicos e correntes teóricas

A Terminologia pode ser definida como o campo de estudo que se ocupa da seleção, descrição, tratamento e apresentação dos termos próprios de campos especializados de uma ou

mais línguas, como explica Cabré (1993, p.35). Já a terminologia consiste no conjunto de termos de uma determinada especialidade conforme ressalta Cabré (1999, p.18).

Aubert (1996) apresenta essa questão do seguinte modo:

O conceito de terminologia recobre pelo menos duas acepções divergentes, que incumbe desde já distinguir. De um lado, pode referir-se ao conjunto de termos característicos de determinada área ou sub-área- a terminologia da Química, a terminologia da Química Industrial, a terminologia do Futebol. De outro lado, pode designar o estudo de tais terminologias, o conjunto de pressupostos, métodos e representações que permitem as descrição das linguagens de especialidade. (AUBERT, 1996, p.26)

Nesse sentido, a terminologia, enquanto conjunto de termos de uma área de especialidade, é objeto de estudo da Terminologia.

As terminologias são tão antigas quanto a linguagem humana, conforme ressalta Barros (2004, p.28). De acordo com a autora, o homem nomeia as coisas, animais, plantas, alimentos, ferramentas de trabalho, roupas etc. há muito tempo.

Por outro lado, a Terminologia, enquanto disciplina científica, é bem mais recente e sua função social é assim explicada por Cabré (1993):

A Terminologia, enquanto otimização da disciplina que diz respeito à compilação, descrição, tratamento e apresentação dos termos próprios de campos especializados em um ou mais idiomas, não é uma atividade prática que se justifica por si só, mas é destinada a resolver as necessidades sociais vinculadas à comunicação entre especialistas e profissionais—seja diretamente ou por meio da tradução— ou relacionados com a normalização de uma língua. (CABRÉ, 1993, p.36)

A proposta da Terminologia enquanto disciplina surgiu com objetivos comunicativos e científicos e teve como marco a tese de Doutorado de Eugen Wüster defendida em 1931 na Alemanha. O interesse maior era por uma comunicação inequívoca, ou seja, que não houvesse ambiguidade na comunicação especializada. De acordo com Cabré (1993, p.22), a obra de

Wüster é o ponto de partida que suscita, por meio de um estudo terminológico, a importância da normalização dos termos.

As pesquisas de Wüster deram origem à Teoria Geral da Terminologia (TGT). “Essa teoria, está registrada em obra póstuma, intitulada *Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica*”, conforme ressaltam Krieger e Finatto (2004, p.31). A versão original foi publicada por Helmut Felbert e era composta por anotações das aulas de Terminologia ministradas por Eugen, na Universidade de Viena entre 1972 e 1974.

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) tinha como finalidade eliminar a ambiguidade dos discursos técnicos e científicos. De acordo com Wüster, não poderiam existir termos polissêmicos, sinônimos ou homônimos, uma vez que conteúdo e expressão são independentes.

Segundo Krieger e Finatto (2004, p.32), a teoria wüsteriana justifica seu papel de referência, porque ajudou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação.

Essa teoria tinha, porém, como um de seus objetivos, propor mecanismos que auxiliassem no trabalho de normalização das terminologias das áreas técnicas e científicas, de modo a garantir uma comunicação clara e sem ambiguidades. Apesar dessa visão normalizadora, a TGT deve ser reconhecida por sua contribuição à consolidação da Terminologia, pois elevou-a ao patamar de um campo de conhecimento com identidade própria no universo das ciências do léxico, como explicam Krieger e Finatto (2004, p.32)

Com o evoluir dos estudos terminológicos, as pesquisas nessa área passaram a ter cunho fundamentalmente linguístico e descritivo, não mais prescritivo. Nesse sentido, o modelo teórico da TGT passou a ser insuficiente para sustentar as investigações científicas sobre os termos *in vivo*, ou seja, em uso nos contextos. Desse modo, surgiu a necessidade de se buscar novo modelo teórico que desse suporte à essa perspectiva de análise.

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), sistematizada por Cabré (1999) surgiu com o propósito de responder à necessidade de uma inovação na proposta teórico-metodológica para a Terminologia. Essa teoria considera os termos como unidades linguísticas que exprimem conceitos técnicos e científicos, sem, no entanto, deixarem de ser signos de uma língua natural (geral), com características e propriedades semelhantes.

A existência de variação conceitual e denominativa nos domínios de especialidade é reconhecida pela TCT e a dimensão textual e discursiva dos termos é levada em conta. Os termos são unidades linguísticas que devem ser considerados em uma perspectiva poliédrica, ou seja, em seus aspectos linguísticos, cognitivos e sociais (Cabré, 1999, p.120).

Cabré (1999) propõe, no âmbito da Teoria Comunicativa da Terminologia, a “Teoria das Portas” que reforça o caráter poliédrico dos termos. Segundo a autora, os termos podem ser analisados de variadas perspectivas (“portas”), uma vez que eles são unidades recursivas dinâmicas, podem pertencer tanto ao léxico comum quanto ao léxico especializado. Como a terminologia pertence a um âmbito interdisciplinar, os termos por sua vez, devem receber um tratamento multidimensional, poderão ser analisados de diferentes ângulos e a análise das unidades terminológicas, com base na Teoria das Portas, leva em consideração os aspectos cognitivos, linguísticos, semióticos e comunicativos, de acordo com a necessidade do estudo realizado.

Em nosso trabalho, seguimos a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), uma vez que ela valoriza os aspectos comunicativos das linguagens especializadas, pois uma unidade lexical, pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados conforme postula essa teoria, e é dessa forma que os termos pertencentes ao domínio da Indústria Têxtil se comportam, eles assumem o status de termos em função de seus usos em contextos específicos desse setor.

1.1.2 O objeto de estudo da Terminologia

O principal objeto de estudo da Terminologia é o termo. De acordo com Cabré (1993), os termos são unidades lexicais que denominam conceitos de áreas técnicas ou científicas. O conjunto de termos desses domínios de especialidade constitui a terminologia própria dessas áreas. Para Barros (2004), o termo é uma unidade lexical que denomina um conteúdo específico dentro de um domínio especializado e também é chamado de *unidade terminológica*. Já o conjunto de termos de um domínio de uma área especializada é denominado *conjunto terminológico* ou *terminologia*.

Barros (2004, p.40) afirma que o termo pode ser analisado em seus diferentes aspectos, tanto do ponto de vista do significante quanto do significado, das relações de sentido que mantém com os outros termos, de seu valor sociolinguístico e outros, e que os conhecimentos provenientes desses estudos básicos fornecem sustentação teórica às pesquisas de diversas ciências aplicadas. Nesse sentido, Krieger (2000, p.20) afirma que o termo é, simultaneamente, tanto elemento constitutivo da produção do saber, quanto componente linguístico.

Cabré (1993) ressalta, ainda, que os termos são palavras do léxico geral, são, ao mesmo tempo unidades sgnicas distintivas e significativas, que se apresentam de forma natural no discurso especializado. Possuem uma vertente sistemática (formal, semântica e funcional), são unidades de um código estabelecido e possuem uma vertente pragmática, posto que são unidades usadas na comunicação especializada para denominar os “objetos” de uma realidade extralinguística.

De acordo com os princípios da TCT, o termo tem natureza poliédrica, ou seja, eles são simultaneamente unidades de conhecimento, unidades de linguagem e unidades de comunicação, e por isso, se diferenciam das unidades lexicais da língua geral:

- 1) por seus usuários;

- 2) pelas situações em que são utilizados;
- 3) pela temática que veiculam e
- 4) pelo tipo de discurso em que aparecem, como reforça Cabré (1999, p.26).

Em nossa pesquisa, embasamo-nos na TCT, pois nos habilita a estudar a terminologia da Indústria Têxtil com base em uma visão poliédrica e permite a análise dos termos estudados em seus contextos de ocorrência.

1.1.3 A pesquisa terminológica

Todo estudo de terminologias de áreas de especialidade que conduza ou não à elaboração de uma obra terminográfica segue passos metodológicos essenciais para a obtenção de resultados.

Desse modo, é preciso que a pesquisa terminológica seja realizada seguindo etapas que atendam às particularidades do estudo em pauta. Por *pesquisa terminológica* entendemos assim como Pavel e Nolet o “conjunto de atividades que inclui compilação, análise, síntese, registro e processamento da informação terminológica relativa a um ou mais conceitos especializados e suas designações” (PAVEL; NOLET, 2002, p.127).

O primeiro passo consiste em determinar a área temática sobre a qual se dará a pesquisa. Em seguida, é necessário que o terminólogo adquira conhecimento da área temática por meio da leitura de documentação que veicule esses conhecimentos e pela consulta à especialistas da área. Barros (2004, p.192-193).

Na sequência, deve estabelecer o *cópus* do qual extrairá os termos. Boutin-Quesnel (1985, p.26) define *cópus* como um “conjunto de enunciados escritos ou orais relativos ao domínio estudado e que são utilizados em um tratamento terminológico.”

Por *extração terminológica* entendemos a “leitura minuciosa de um *cópus* textual e seleção de termos, geralmente com contextos, para posterior registro em fichas terminológicas” (PAVEL; NOLET, 2002, p. 121). Os termos extraídos do *cópus* e seus respectivos dados devem ser registrados em fichas terminológicas, aqui entendidas como um documento em que são registrados: a unidade terminológica e a fonte da qual a unidade terminológica foi extraída (referência bibliográfica completa) Barros (2004, p.211).

O próximo passo deve consistir em uma *análise terminológica* para se determinar a natureza dos termos, se é termo ou não, se é pertinente à área, sua configuração semântica, valores sociolinguísticos e outros dados de importância para a caracterização dos termos. Barros (2004, p.197).

Outro passo importante, mas não obrigatório, é o da organização do conjunto terminológico levantado em um sistema conceitual. Por esse entendemos o “conjunto de conceitos estruturados de acordo com as relações lógicas que mantêm entre si.” (PAVEL; NOLET, 2002, p.130).

Os passos seguintes da pesquisa terminológica dependem sobretudo da natureza da investigação científica, seus objetivos e público alvo.

A terminologia utilizada por alguns domínios já possuem um processo de normalização, por isso é essencial consultar as normas que regem os vocabulários utilizados no domínio estudado.

Obras didáticas podem ser de grande auxílio ao terminólogo, já que buscam apresentar os conceitos e a terminologia do domínio pedagógico. Outra fonte preciosa de informações e esclarecimentos sobre o domínio e sua terminologia é o assessor, ou seja, um especialista da área. “No caso de domínios ensinados em escolas técnicas ou faculdades, a assessoria de um

professor da matéria é muito produtiva. O terminólogo, não-conhecedor do campo pode beneficiar-se desse tipo de assessor”, conforme reforça Barros (2004, p.209).

A análise do corpus estudado se dá por meio da coleta de unidades terminológicas que devem compor a nomenclatura da obra. A recolha dos termos pode ser realizada por trabalho manual ou eletrônico. A utilização de programas de computador agiliza a pesquisa e assegura maior precisão das informações.

Ainda como etapa do trabalho terminológico, é necessário ressaltar a importância de um sistema conceitual, a esse respeito Cabré (1993, p. 299) explica que todo domínio de especialidade transmite uma determinada visão da realidade e, por isso, um sistema conceitual está associado a um conjunto estruturado de conceitos organizados em classes conceituais. Assim sendo, as classes conceituais maiores e as subclasses mantêm entre elas uma série de relações fundamentadas nas características que possuem em comum, ou em seu emprego na realidade.

Os dados relativos ao conjunto terminológico estudado devem ser registrados em fichas. Como reforça Barros (2004), o pesquisador normalmente registra o termo, uma definição ou ilustração do objeto designado, a fonte de referência completa também deve ser indicada, mas o modelo de ficha terminológica pode variar conforme a natureza do projeto. Cada pesquisador determina o tipo de dados a serem coletados e elabora um modelo de ficha, adequado à proposta de projeto.

As fichas podem ainda apresentar dados terminográficos que oferecem precisões sobre a unidade terminológica pesquisada, como por exemplo, o domínio de aplicação do termo, símbolo de classificação, fontes dos dados, código numérico que indica o lugar do termo no sistema conceitual e outros, conforme expõe Barros (2004, p. 211).

Krieger e Finatto (2004, p.50) explicam que a Terminografia é uma face aplicada, voltada à produção de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e banco de dados. Por Terminografia entendemos “o registro, processamento e apresentação de dados terminológicos adquiridos pela pesquisa terminológica” (ISO 1087:1990, p. 13).

Em função disso, ressaltamos que, embora nosso objetivo não tenha sido a elaboração de uma obra terminográfica, a utilização da metodologia terminográfica para a organização dos termos foi essencial no que diz respeito ao momento da realização da análise dos dados.

1.2 PROCESSOS DE PRODUÇÃO LEXICAL

Toda língua é passível de constante renovação lexical. De acordo com Biderman (2001, p.203) novas unidades lexicais são constantemente criadas, ao passo que outras deixam de ser utilizadas, quando se tornam obsoletas. A autora explica que só com a morte da língua o sistema lexical se cristalizaria (BIDERMAN, 2001, p.203). A renovação do acervo lexical de uma língua pode ocorrer de diversos modos e nesse processo normalmente são utilizadas mais de uma estratégia.

De fato, esse acervo pode ser renovado por elementos provenientes de outros sistemas linguísticos, traduzidos ou não (decalques, estrangeirismos, empréstimos), mutações de sentido (neologismos semânticos) e outros. Diante da necessidade de se nomearem novas realidades e diante das carências lexicais de uma língua, dá-se a neologia, como processo de criação lexical, e seu produto, o neologismo, que é, portanto, uma unidade lexical nova (PILLA, 2002, p. 12 e 13).

Barbosa diferencia *neologia* e *neologismo* do seguinte modo:

À oposição entre processo e produto pode-se fazer corresponder a distinção entre *neologia* e *neologismo*: se *neologia* é o processo que pode ser definido

em termos de uma tipologia, o *neologismo* é o produto que, depois de passar por aquele processo, pertence a uma tipologia de neologia. (BARBOSA, 1981, p.78)

Assim, a autora chama atenção para o fato de que a neologia constitui o processo pelo qual a mudança linguística gera formas significantes e significados novos que ainda não tinham sido observados na língua (os neologismos). Segundo a autora, a neologia exige um sistema, um conjunto de regras que possuem uma coerção sobre a criação, a sinalização, a determinação e o emprego dessas novas unidades (BARBOSA, 1989, p.78).

Barbosa (1981, p.117) ainda ressalta que a neologia deve ser considerada como um processo dinâmico que vai do momento da criação do neologismo até a desneologicidade.

Biderman (2001, p.203) no que concerne ao neologismo, define-o como uma criação vocabular nova, incorporada à língua. Há dois tipos de neologismos segundo a autora:

- 1) *neologismo conceitual*: quando uma acepção nova é incorporada ao campo semântico de um significante qualquer; 2) *neologismo formal*: que corresponde a uma nova unidade lexical introduzida no idioma (BIDERMAN, 2001, p.208).

O neologismo pode corresponder a um termo da própria língua ou um empréstimo estrangeiro.

A autora reconhece três tipos de estrangeirismos: 1) **decalque**, que é a tradução literal da palavra na língua de origem (exemplo: “*credit card*” /cartão de crédito); 2) **adaptação** da forma estrangeira à fonética e à ortografia do português (exemplo “*cocktail*”/coquetel); e 3) **incorporação** do vocábulo com sua grafia e fonética originais (exemplo “best-seller”) (BIDERMAN, 2001, p.203)

Rey (1976, p.06) define o neologismo como a unidade léxica que é sentida como nova pela comunidade linguística, o resultado tangível da operação de produção linguística inédita, isto é, a unidade nova capaz de ocupar espaço no léxico. Para Boulanger (1989, p.202), uma

unidade nova introduzida na língua geral ou para os neologismos nos domínios sócio profissionais. Cabré (1993, p.443) define neologia da seguinte forma: “A neologia, em termos gerais, é a matéria que se ocupa dos aspectos relativos aos fenômenos novos que aparecem nas línguas.”

Em nosso trabalho adotamos as definições desses estudiosos mencionados, por entendermos que o neologismo é uma unidade lexical nova “abrigada” pela língua receptora e neologia é o processo que leva à criação de um neologismo. Em Terminologia, alguns autores chamam o neologismo de “neônimo” para se referirem à criação de um termo novo, que pode ser adotado em sua forma xênica (forma com a qual era grafado na língua original) ou ser adaptado à língua que o recebe, sofrendo alterações gráficas e fonológicas.

1.2.1 Estrangeirismos

Na terminologia da Indústria Têxtil, objeto de investigação desta pesquisa, observamos a presença de estrangeirismos. Assim, a questão do uso de unidades terminológicas de origem estrangeira na área torna-se presente, levando nos aos conceitos de *estrangeirismos*, *xenismos* e *empréstimos*.

A adoção de estrangeirismos é uma prática constante na maioria das línguas. Os processos de colonização e as migrações testemunham esse fato ao longo da História. Com relação à adoção de unidades lexicais oriundas de outros sistemas linguísticos, Bagno (2001) exemplifica esse fenômeno da seguinte forma:

Ao se lançarem na grande aventura marítima, entre os séculos XV e XVI, os portugueses acabaram se tornando os primeiros europeus a fazerem contato com povos de regiões até então desconhecidas na África e na Ásia (e, mais tarde, aqui na América). Esse contato fez que muitas palavras originárias dessas regiões penetrassem nas grandes línguas da Europa, por meio do português, e que muitas palavras de origem portuguesa entrassem nas línguas africanas e asiáticas. É o caso de *banana*, que os portugueses aprenderam na

África e divulgaram pelo mundo todo, junto com a planta, e de *caju*, palavra indígena brasileira, que as outras línguas acolheram. É assim que se explica, também, em sentido inverso, que em japonês o *pão* se chame *pan*, e que o termo usado para agradecer seja *arigatô*, derivado do português *obrigado*. Do português *feitiço* se formou o francês *fetich*, que acabou voltando para nós, com nova forma e significado (BAGNO, 2001, p. 79).

Tendo em vista que a adoção de estrangeirismos pelas línguas em todo mundo data de tempos remotos, e é constante entre as línguas, entendemos que o estudo desses tem relevante importância, uma vez que é por meio do léxico de uma língua que sua História também pode ser contada. Pode-se observar, então, ao se investigar a origem das unidades lexicais de uma língua, como ela é formada e as mudanças ocorridas em seu léxico.

Outro fator interessante a se levar em conta é que, ao ser transposto de uma língua para outra, o termo pode não preservar a sua acepção inicial, pode adquirir, na língua receptora, outras conotações às suas de origem, e por vezes, pode até subverter o significado. Além do exemplo dado por Bagno, podemos ainda citar o caso da lexia *pagode*, que, no Extremo Oriente, denominava *templo*, em português adquiriu o sentido de *pândega*, *brincadeira* e, por fim um estilo musical conforme ressalta Carvalho (2009, p. 38-39). Além dessas conotações assinaladas pela autora para o termo *pagode*, gostaríamos de acrescentar outro sentido, atualmente utilizado para essa unidade lexical, na região onde moramos. No Estado do Mato Grosso do Sul, essa unidade lexical pode significar *pagamento*, *salário*. É comum ouvir nas ruas, por exemplo, a seguinte frase: “Será que saiu o *pagode*?”, quando um funcionário está ansioso para saber se o seu pagamento foi depositado.

No âmbito da Terminologia, o uso frequente de estrangeirismos se dá devido às relações científicas, técnicas e comerciais que existem entre os países que cooperam cientificamente ou importam e exportam matéria prima. É o caso da Indústria Têxtil, por exemplo. Com o constante avanço tecnológico no setor, há sempre a necessidade de aquisição de novas matérias-primas, equipamentos, processos, técnicas e produtos acabados, conseqüentemente a terminologia

desse setor também é afetada, uma vez que, não existindo termos específicos na língua receptora que nomeiem esses elementos, utilizam-se os neologismos referenciais (como proposto por Cabré). Acreditamos também que esse tipo de neologismo é utilizado, não apenas quando o termo inexistente na língua receptora, mas também com o intuito de trazer uma “cor local”, em alguns casos, como no setor da moda, utilizar o nome de um produto em francês ou em inglês, por exemplo, pode demonstrar uma espécie de “glamour” ou conhecimento do produto comercializado.

A fabricação de tecidos mundial e nacional é antiga e, ao longo de sua história, diversas inovações se tornaram de interesse das indústrias têxteis de muitos países, provocando intercâmbios técnicos e comerciais que, conseqüentemente, levam os novos produtos e descobertas de um país ao outro. Em cada lugar, recebem denominações que podem ser criadas nas próprias línguas ou, em muitos casos, essa língua adota os termos utilizados na língua de origem, caracterizando, assim, esses neologismos como estrangeirismos.

No setor da Indústria Têxtil, domínio estudado por nós, novos produtos e técnicas são constantemente importados e exportados, por isso a criação de neônimos é uma prática frequentemente realizada.

Por questões metodológicas, entendemos em nosso trabalho sobre a terminologia da Indústria Têxtil, o *estrangeirismo* como a temática geral relativa ao processo de introdução, uso e adaptação de uma unidade lexical estrangeira em uma língua receptora.

A aquisição de uma unidade lexical estrangeira por uma língua passa por algumas fases. Guilbert (1975), adotando a proposta de Louis Deroy (1956), distingue as etapas de adaptação pelas quais uma unidade léxica passa no processo de integração na língua receptora e a esse processo dá o nome de **peregrinismo**. Dentro desse processo, destacam-se o *xenismo* e o *empréstimo*.

Esses processos foram identificados como produtivos na formação de termos que denominam tecidos. Em nosso cópua identificamos termos oriundos de diversas línguas: francês, inglês, chinês, italiano e outros, tais termos se mantiveram tal como são utilizados em sua língua de origem (xenismo) ou sofreram adaptações ao serem adotados em língua portuguesa (empréstimo).

1.2.1.1 *Empréstimo*

O conceito de empréstimo pode trazer variações do ponto de vista de alguns estudiosos. Apresentaremos aqui algumas considerações sobre esse tipo de aquisição lexical.

Para Guilbert (1975, p. 92), o empréstimo constitui o resultado final do processo pelo qual uma unidade lexical é adotada pela língua receptora. Carvalho (1989, p. 42) salienta que o “empréstimo tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em línguas estrangeiras transferem-se para outra cultura.” Nessa nova língua, a unidade lexical assume o status de empréstimo quando assume uma forma fônica e gráfica, adequando-se às regras do sistema linguístico que o adota.

Segundo Carvalho (1989, p.42) há quatro situações pelas quais uma unidade léxica pode viver numa relação entre línguas: a) *palavra estrangeira* (existente na língua A); b) *estrangeirismo* (usado na língua B); c) *empréstimo* (adaptação de qualquer tipo na língua B) e d) *xenismo* (ausência de adaptação para a língua B).

Em nosso trabalho, adotamos o conceito de *empréstimo* postulado por Guilbert (1975) e outros como o último estágio do processo de adoção de uma unidade lexical nova numa língua receptora. O termo *lona*, utilizado para denominar um tipo de algodão conhecido pela resistência e impermeabilidade, é um caso de empréstimo identificado em nossa pesquisa, uma vez que, ao ser adotado em língua portuguesa, sofreu alterações tanto na grafia quanto na pronúncia. Esse termo foi criado com referência à cidade francesa *Ollone*.

1.2.1.2 *Xenismo*

O xenismo seria uma unidade lexical estrangeira que preserva, na língua receptora, o significante que possuía na língua fonte (GUILBERT, 1975, p. 92). No domínio desta pesquisa, consideramos que ocorra xenismo na língua portuguesa quando a unidade terminológica mantém sua forma original, tendo como língua de origem uma que adota o alfabeto latino.

Podemos citar como caso de xenismo, encontrado em nosso corpus, o termo *gobelin*, que é utilizado para denominar um tipo de tecido. Esse tecido foi assim nomeado em homenagem aos irmãos *Gobelins*, tintureiros famosos e donos de oficinas de tecelagem em Paris.

1.2.2 O fenômeno da eponímia

Os termos eponímicos são termos formados em parte por um epônimo, isto é, por nome próprio (nome de pessoa ou nome de um lugar). São muito utilizados em algumas áreas técnicas e científicas. Na Medicina, os termos eponímicos ocorrem com grande frequência e geralmente são empregados para denominar uma patologia (BARROS, 2004, p.29).

Silveira (2010) explica que “o estudo da eponímia situa-se no campo da Onomástica, que é a ciência da linguagem que possui duas principais áreas de estudo, a saber, a Antroponímia e a Toponímia” (SILVEIRA, 2010, p. 33). Nesse sentido, Seabra (2006) ressalta que a Antroponímia tem como objeto de investigação os nomes próprios individuais, os nomes parentais e as alcunhas ou apelidos. Já a Toponímia investiga os nomes dos lugares (léxico toponímico), por meio da pesquisa da motivação dos nomes próprios de lugares (SEABRA, 2006).

Em relação aos epônimos, nessa área científica, Victor A. McKusick (1998) explica que:

O uso de epônimos, isto é, nomear doenças através de nomes próprios, geralmente nomes de médicos, mas algumas vezes de pacientes (por exemplo, *Christmas disease* e *Lou Gehrig disease*) e algumas vezes nomes geográficos (por exemplo, *familial Mediterranean fever*) ou étnicos, segue o princípio de

Hermógenes, mas não completamente, já que o nome não carrega informação específica à doença. (McKUSICK, 1998, p. 425)¹

Como podemos observar, o uso de epônimos é bastante produtivo no ramo da Medicina, no que diz respeito a nomear doenças, isto é, o cientista que descobre a doença geralmente é homenageado, pois a doença passa a receber parte de seu nome, no entanto, como Mckusick pondera, o nome não carrega informação relativa à doença e o mesmo ocorre com os termos eponímicos por nós estudados, já que eles não trazem informações específicas dos tecidos que denominam. Em nosso estudo comprovamos esse fato, é o caso do termo *crepe Georgette*, que recebeu esse nome em homenagem a uma famosa estilista de moda parisiense.

No setor têxtil, ocorre o mesmo, uma vez que alguns nomes de tecidos são criados em homenagem aos tecelões que os inventaram, como ocorreu com o tecido *batista*, que tem esse nome em referência a Jean-Baptiste ou em homenagem ao local (país ou cidade) em que o tecido foi fabricado pela primeira vez, é o caso, por exemplo, do tecido *vichy*, que recebeu esse nome em homenagem à cidade de Vichy na França.

Levando em consideração que o fenômeno da eponímia abrange os nomes próprios, não apenas de pessoas, mas também de lugares e nomes relacionados a etnias, empregaremos em nossa tese a unidade lexical *epônimo*, para nos referirmos ao nome próprio (antropônimo, topônimo ou outro) e *termo eponímico* à unidade terminológica que se forma por meio do fenômeno da eponímia. Em nosso estudo, podemos citar como exemplo *tweed*, pois este trata-se de um termo eponímico que foi criado com referência a um topônimo: o rio Tweed. O tecido recebeu esse nome porque foi fabricado pela primeira vez pela população que residia às margens do rio de mesmo nome.

¹ Use of eponyms, that is, naming disorders by proper names, usually names of physicians but sometimes names of patients (for example, Christmas disease and Lou Gehrig disease) and sometimes geographic (for example, familial Mediterranean fever) or ethnic names, follows the Hermogenes principle, but not completely since the name convey information specific to the disorder.

Os termos formados por esse fenômeno podem preservar o nome próprio em sua forma original, ou ainda serem utilizados para a criação de substantivos comuns, verbos ou adjetivos por meio de composição ou derivação. Barros (2007, p. 30) salienta que, nesses casos, são denominados por Van Hoof (2001) como *epônimos banalizados*. O autor afirma que “por epônimo banalizado deve-se entender todo termo sob forma substantiva (*parkinsonismo*), verbal (*pausterizar*) ou adjetival (*parkinsoniano*), por oposição aos epônimos mantidos com o nome próprio (*mal de Parkinson*)²” (VAN HOOFF, 2001, p.82). Em nossa tese podemos citar o termo *angorá* como exemplo de um epônimo banalizado, já que o substantivo comum *angorá* é derivado do nome próprio Ancara, capital da Turquia.

O fenômeno eponímico pode, portanto, ocorrer em três grandes classes lexicais, segundo Van Hoof: nos substantivos, adjetivos e verbos. Os termos eponímicos podem, ainda, assumir configurações morfossintáticas e léxico-semânticas diferentes, podendo ser simples ou sintagmáticos, curtos ou longos, por exemplo, *hanseníase*, *nevo de Ito* e *síndrome de Christ-Siemens*, como ressalta Barros (2004, p.30).

Os tecidos e maquinários do setor têxtil recebem, muitas vezes, o nome de quem os inventou, como no caso do tecido *jacquard*, que recebeu esse nome em homenagem ao seu inventor, mecânico tecelão que inventou a primeira máquina de tear mecanizada, o que revolucionou o setor têxtil, pois com sua invenção o trabalho do tecelão seria feito de forma rápida e sem falhas. Na seção destinada a análise dos termos eponímicos discorreremos mais sobre o termo *jacquard*, também utilizado para denominar um tipo de tecido.

Podem ainda ter origem toponímica, quando se referem a lugares de origem de sua produção. No caso dos nomes de tecidos, alguns assumiram o nome da matéria prima que, por

² Par éponyme banalisé, il faut entendre tout terme substantivé (*parkinsonism* /*parkinsonisme*), verbalisé (*to pasteurize* / *pasteuriser*) ou adjectivé (*parkinsonian* /*parkinsonien*), par opposition à l'éponyme resté nom propre (*Parkinson's syndrome*/maladie de Parkinson).

sua vez, provém do nome do animal que a fornece e esse, a seu turno, recebe o nome do lugar ou região geográfica onde ocorre com frequência. É o caso de *cheviot*, uma raça de carneiro que fornece lã e é proveniente de uma região localizada entre a Inglaterra e a Escócia.

Em nosso corpus constatamos a presença de alguns termos eponímicos que denominam nomes de tecidos sob a forma xênica e sob a forma de empréstimo, como veremos no capítulo de análise dos termos eponímicos que dão nomes aos tecidos.

1.2.3 O neologismo em Terminologia

O avanço constante da ciência produz novas descobertas, tecnologias e conceitos. Desse modo, há constante atividade de nomeação, fazendo com que os neologismos se façam presentes de modo significativo também nos domínios de especialidade.

A partir da década de 1970, o conceito de neologia tornou-se polissêmico, uma vez que os trabalhos terminológicos tanto do ponto de vista descritivo quanto do ponto de vista normalizador, passaram a redimensionar o fenômeno neológico (BOULANGER, 1989, p.200-7). Dessa forma, o neologismo passa a ter relevância não apenas na língua geral, mas também nas línguas de especialidade. O termo “neologismo” pode ser encontrado na Norma ISO 1087, que diz respeito ao vocabulário da Terminologia, como “termo de criação recente ou emprestado há pouco tempo de uma língua estrangeira ou de uma área do conhecimento³” (ISO 1087, 1990, p.08).

Alves (1999, p.75) explica que os *neologismos terminológicos*, ao contrário dos neologismos da língua geral, são criados por conta de uma motivação quando há necessidade de se nomear em novas técnicas e produtos, por exemplo.

³ neologism: Term newly coined or recently borrowed from a foreign language or from another subject field.

Boulanger (p.215, 1989) atribui algumas atividades ao conceito de neologia, que de forma sucinta são:

- 1) processo prático de criação de novas unidades lexicais na língua geral ou nas línguas de especialidade;
- 2) estudo teórico aplicado relativo às inovações lexicais;
- 3) atividade institucional, organizada para coletar, registrar, divulgar e implantar as novas unidades lexicais, no domínio concreto de uma política da língua;
- 4) tarefa de identificação dos setores especializados novos ou recentes, ou com lacunas que necessitam de intervenção e
- 5) relação com os dicionários, não apenas gerais, mas também específicos (dicionários de neologismos, de palavras selvagens, de empréstimos etc.).

Complementando essa ideia, Cabré (1993, p.450) ressalta que: “a neologia, do ponto de vista da Linguística Aplicada, está estreitamente ligada ao planejamento linguístico, à normalização de uma língua e à sua codificação.”

Dois tipos de neologia são reconhecidos por Cabré (1993), de acordo com a função que eles desempenham: *referenciais* e *expressivos*:

Os primeiros aparecem porque são necessários, isto é, porque é preciso cobrir uma lacuna denominativa em determinado campo de especialidade; o segundo tipo nasce simplesmente para introduzir novas formas expressivas na comunicação⁴. (CABRÉ, 1993, p. 447)

⁴ Los primeros aparecen porque son necesarios, es decir, porque es preciso cubrir una laguna denominativa en un determinado campo de especialidad; el segundo tipo nace simplemente para introducir nuevas formas expresivas en la comunicación (CABRÉ, 1993, p.447).

Cabré (2002) apresenta ainda três ângulos de visão da produção neológica: **1) a vertente linguística**: o sistema permite a adoção de recursos para denominar as novidades, **2) a vertente cultural**: a neologia reflete a evolução e o estado do desenvolvimento técnico e cultural de uma sociedade e **3) a vertente política**: para garantir a permanência de uma língua como língua cultural, são necessárias denominações que garantam a amplitude da língua para todas as necessidades expressivas e comunicativas dos membros de uma comunidade (CABRÉ, 2002, p.34).

Vale ainda ressaltar que, segundo Cabré (1993, p. 451), existem condições linguísticas que um neologismo precisa apresentar para que se garanta certa viabilidade para sua implantação e são elas:

- 1) deve denominar um conceito estável;
- 2) deve ser breve e conciso, deve ser formado de acordo com as regras do próprio sistema linguístico;
- 3) deve ser o mais transparente possível;
- 4) deve poder constituir a base de séries derivativas, e
- 5) deve adaptar-se ao sistema fônico e gráfico da língua.

A autora ainda explica que o neologismo deve ser fruto de uma necessidade de denominar um conceito novo, evitar variantes concorrentes, não deve apresentar conotações negativas, deve pertencer a um registro formal de especialidade, deve ser memorizado sem grandes dificuldades, não deve contradizer as linhas básicas da política linguística estabelecida, a atividade neológica deve contar com o trabalho de especialistas que orientem as propostas neológicas, não devem contradizer as regras que seguem as demais unidades do mesmo domínio de especialidade e não deve proceder à normalização de um termo sem considerar o sistema conceitual e denominativo de que faz parte (CABRÉ, 1993, p. 452).

Tendo como base todos os critérios citados por Cabré como necessários para criação de um neologismo terminológico, as decisões que os comitês de normalização tomam sobre um neologismo são as seguintes: 1) aceitá-lo; 2) recusá-lo ou 3) aceitá-lo adaptando-o ao sistema linguístico, caso se trate de um empréstimo (CABRÉ, 1993, p. 453).

Alves (1996, p.13) enfatiza o fato de que o conceito de neologia antes dizia respeito apenas aos aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais, mas passou por uma evolução e estabeleceu relações mais estreitas com a Terminologia, o que provocou o surgimento de denominações específicas para o neologismo terminológico, chamado *neônimo* por Rondeau (1984) e por Boulanger (1989) de *neotermo*.

Não discutiremos aqui de forma exaustiva as diferenças de utilização entre esses termos, mas no âmbito desta tese utilizaremos o termo *neônimo* para nos referirmos às lexias criadas numa língua para denominar um conceito que não existe nessa língua.

2 INDÚSTRIA TÊXTIL MUNDIAL E NACIONAL

Nessa seção, traçamos um breve panorama da história da indústria têxtil no mundo e no Brasil e dos tipos de tecidos existentes hoje

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

A origem da indústria têxtil reporta aos tempos primordiais e todos os países têm a sua. Os tecidos sempre tiveram importância na história da Humanidade.

O Egito era muito desenvolvido na técnica de produção do linho, tecido que era utilizado para embalsamar os faraós. Na Mesopotâmia, a lã era de grande importância e a produção dessa ganhou impulso com a domesticação de carneiros e ovelhas (SAYURI, 2010). A Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção- ABIT explica que “os fios, confeccionados com lã, linho e algodão foram primeiramente produzidos há 4.000 ou 5.000 anos na Mesopotâmia e no Egito e, posteriormente, com seda na China.” (ABIT, 2003, p.120). Com a produção desses fios, iniciou-se também a tecelagem artesanal e artística com teares manuais, alguns deles ainda hoje utilizados em regiões da América, Ásia, África e Oceania. Esses teares rudimentares só tiveram seu primeiro aprimoramento importante no século XIII, com a criação dos pedais para movimentar os liços (MALUF; KOLBE, 2003, 2003, p.120).

No século XVII, a Revolução Industrial, que teve seu início com a indústria têxtil, trouxe avanços significativos, do ponto de vista tecnológico, para as máquinas de fiação e teares (SILVA; MENEZES, 2013, p.3).

Uma importante inovação que marcou a história dos tecidos foi o tear automático, criado em 1805, em Lyon, pelo francês Joseph-Marie Jacquard. Esse aparelho utilizava cartões perfurados que conduziam os fios que formavam a folha superior da cala dos teares de tecidos

(urdume e trama), permitindo, assim, a elaboração de desenhos mais complicados. Esse princípio foi posteriormente aplicado a todo tipo de tear de malha, possibilitando a seleção das agulhas que entram em ação na formação de determinadas fileiras, e na elaboração de desenhos complexos (WITKOSKI, 2013, p.5).

A evolução histórica da indústria têxtil se deu com a Revolução Industrial na Inglaterra. A indústria do vestuário deu impulso à Revolução e, em poucos anos, a indústria inglesa de tecidos de algodão dominava o mundo (FERRAZ, 2007).

Do século XVIII em diante, o tecido de algodão, que era utilizado apenas para forros ou utensílios domésticos, passou também a ser usado para roupas confeccionadas e destinadas a membros da alta sociedade. A partir desse século, as técnicas de estamparia do algodão foram mecanizadas, aumentando a venda e procura do produto. Na Inglaterra, a industrialização da lã, matéria-prima antes utilizada apenas por membros de classes inferiores, também começou a se estabelecer, não sendo mais apenas tecelagem de domínio familiar e artesanal, mas também utilizada por membros da alta sociedade. Já a tecelagem da seda passou a ser significativa na Inglaterra nos séculos XVII e XVIII. Esse tecido sempre foi considerado raro e de difícil produção, por isso exigia mão-de-obra qualificada, como mestres tecelões (FERRAZ, 2007).

Na França, a partir da segunda metade do século XV, iniciou-se um estímulo à indústria local, transformando Lyon em um dos maiores centros mundiais de tecelagem de seda, posição mantida até hoje. Já no século XVIII, a produção de sedas em Lyon atingiu seu ápice, tornou-se famosa devido a inovações técnicas e à arte de seus desenhistas, uma vez que esse tecido apresentava uma variedade de cores. Ganhou ainda destaque nos quadros do Rococó, provocando nas pessoas que viviam naquela época, o desejo de vestir a seda por ser um tecido que estava relacionado à fantasia do luxo e poder (LIMA, 2012, p.8).

Com o fio importado da China ou do Brasil, Lyon possui cerca de 30 fábricas de tecidos. Após a crise de 2008, que atingiu grandemente o setor têxtil francês, a seda lionesa conheceu um renascimento nos últimos anos, devido a uma consistente demanda do mercado do luxo (FRANÇA, 2011).

O aparecimento das fábricas de roupas consolidou a divisão entre as indústrias que usavam maquinário e aquelas que contratavam mão de obra semiqualeificada e os velhos artesãos (FERRAZ, 2007).

Foi no período entre 1898 e 1910, que a indústria do vestuário feito em massa deslanchou de fato, tanto na Inglaterra como na América. O crescimento das indústrias de confecção, no entanto, não provocou a falência das lojas de alfaiates ou o desaparecimento das costureiras. Esse sistema aumentou o trabalho em domicílio (FERRAZ, 2007).

Em 1909, Nos Estados Unidos, houve uma greve histórica na indústria das roupas onde 20 mil trabalhadores paralisaram seu trabalho na fábrica. Apesar de a maioria dos grevistas serem homens, foi a maior greve feminina da América e essa greve levou a um acordo histórico, que foi assinado pelos donos das indústrias. A partir daí, as roupas femininas começaram a ser criadas também visando às necessidades de uso para o trabalho da mulher, ou seja, teve início a produção de roupas funcionais (FERRAZ, 2007).

Nos anos de 1940 a confecção de roupa por um preço mais acessível estava cada vez mais ligada ao desenvolvimento de métodos de fabricação modernos, que proporcionavam rapidez, estilo, qualidade e preço. Já durante a década de 1950, com o fim do período bélico, houve uma melhoria nas condições de vida mundial e, com isso, o crescimento de uma sociedade consumidora. Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento da industrialização de roupas foi o surgimento do mercado voltado aos jovens estudantes. Na metade da década de 1960, grande parte das roupas industrializadas já era destinada à faixa etária entre 15 a 19 anos

de idade. Essa mudança nos hábitos de consumo da juventude teve início na Inglaterra, o que fez com que o design de moda inglês para o mercado de massas passasse a liderar o resto do mundo (FERRAZ, 2007).

A partir de 1955, período de grande avanço para a tecelagem, com a introdução de novos tipos de teares, cada vez mais tecnológicos, o que fez com que a indústria têxtil entrasse definitivamente na velocidade de um mercado de consumo ávido ((MALUF; KOLBE, 2003, 2003, p.120). De lá para cá, os tecidos têm passado por um processo de evolução que mistura tradições, arte, tecnologia, ciência e moda (SILVA; MENEZES, 2013, p.4).

2.2 A INDÚSTRIA TÊXTEL NO BRASIL

A produção de tecidos data dos primeiros anos da colonização. O algodão já era conhecido e utilizado pelos indígenas, quando os portugueses chegaram ao Brasil. Esses passaram também a produzir o algodão dando origem a uma produção têxtil doméstica com teares artesanais de alguma importância (CLEMENTINO, 2012, p.3).

No século XVII, no Nordeste brasileiro, alguns missionários portugueses descobriram que na região de Ibiapaba havia uma grande plantação de algodão, e o fio de algodão em forma de rolos ou novelos, conhecido como nimbo, era utilizado como moeda no Ceará, Piauí e Maranhão. Os nativos cultivavam o algodão, principalmente para confeccionar redes de dormir e para carregar seus mortos. Os jesuítas, então, aproveitando-se das tradições indígenas, organizaram nas aldeias do Ceará um trabalho direcionado para a fiação e tecelagem de panos de algodão e redes de dormir. As meninas das aldeias foram ensinadas a confeccionar rendas e bordado. Assim, o algodão foi incorporado à economia dos colonizadores, que o utilizavam para a fabricação de tecidos que seriam utilizados por escravos, homens pobres e também para os fardos de mercadorias (ARAGÃO, 2002, p. 57-58).

Foi no século XVIII que a grande produção de algodão e algumas medidas governamentais estimularam a instalação de fábricas no interior do país, no entanto a política de dependência estabelecida pelos Estados Europeus, principalmente a Inglaterra, garantiu que a indústria têxtil algodoeira ficasse apenas nas mãos dos ingleses, pois um alvará emitido por D. Maria I, em 1785, acabou com a primeira tentativa de comercialização do algodão. Com a transferência da Corte Real portuguesa para o Brasil, D. João VI decidiu incentivar o desenvolvimento econômico brasileiro, e essa decisão incluía o setor industrial dos tecidos. Para tanto, revogou o alvará de 1785. (ARAGÃO, 2002, p.68).

No início do século XIX, surgiu a primeira fábrica de tecidos, situada em Vila Rica (Hoje, Ouro Preto, MG). A partir de 1814 surgiram fábricas em outras regiões do país, como no Rio de Janeiro e na Bahia.

Com o aumento da produção e exportação do café nas últimas décadas do séc. XIX, no Estado de São Paulo iniciou-se um processo de acumulação de capital por parte dos donos de fazendas, que expandiam suas plantações em direção ao Oeste paulista. Para escoar sua produção, a burguesia do “complexo cafeeiro” levou o Estado a investir em estradas de ferro e nos portos. Essa burguesia percebeu, também, que era necessário diversificar suas atividades e passou a investir no processo de industrialização em geral, além de criar companhias de seguros e bancos (CLEMENTINO, 2012, p.3).

Os primeiros anos da década de 1890 foram de significativo crescimento da indústria têxtil. Várias fábricas de tecidos foram construídas em São Paulo e essas empresas correspondiam a 70,8% da totalidade do capital investido em indústrias (CANO, 2007, p.153).

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a capacidade produtiva têxtil brasileira cresceu de forma moderada, e, em 1920, só a indústria paulista “apresentava dinâmica de crescimento muito à frente de sua dinâmica específica”. Isso se deu pelo capital acumulado nos tempos áureos de 1907-1913 (CANO, 2007, p.193). Assim, a indústria têxtil do resto do Brasil não

estava em condições de abastecer o mercado interno e o alto custo de seus produtos inviabilizava o comércio de ramo em nível internacional. Por esse motivo, os empresários brasileiros passaram a diversificar seus investimentos em outros setores da indústria. Nesse sentido, a década de 1920 constitui um período de transição para uma formação industrial de bases mais complexas no Brasil. (CLEMENTINO, 2012, p.4).

Com a deflagração da 2ª Guerra Mundial em setembro de 1939, as repercussões desse conflito mundial foram altamente favoráveis para a indústria têxtil brasileira. Os empresários do setor puderam abastecer a América latina e a Europa.

Em 1947, e com o fim da Guerra, os preços dos produtos têxteis brasileiros não tinham mais condições de competir no mercado internacional, já que em termos tecnológicos a indústria têxtil nacional estava atrasada pelo menos 30 anos em relação aos EUA e os países industrializados da Europa. Houve, então, a necessidade de modernização do parque têxtil de modo que a indústria têxtil nacional pudesse continuar a competir no exterior e atender também a crescente demanda interna (CLEMENTINO, 2012, p.7). Essa modernização se deu graças aos lucros acumulados no período anterior. O Sudeste do país tinha recursos próprios e contava com ajuda governamental, tendo conseguido modernizar-se rapidamente (CLEMENTINO, 2012, p.9).

No período posterior à década de 1950, os ciclos de renovação tecnológica do setor começam a se aproximar rapidamente das transformações ocorridas nos países industrializados, porque foi nesse período que surgiram as fibras sintéticas.

O aperfeiçoamento das máquinas acontecia com o intuito de elevar a produtividade do trabalho e, com a invenção da fibra sintética, foi possível aumentar a produtividade da máquina. Dessa forma, foi o avanço tecnológico da indústria química que permitiu a solução do impasse enfrentado pela indústria têxtil, na época, essas fibras eram mais resistentes e impulsionaram a inovação tecnológica na indústria têxtil (CLEMENTINO, 2012, p.8).

Já ao longo da década de 1970 houve o interesse de investidores estrangeiros, que tinham como prioridade a produção de fibras e filamentos artificiais e sintéticos para atender à demanda do setor do vestuário por tecidos de tergal e lycra.

Tendo em vista que o setor têxtil também inclui confecções e vestuário, torna-se evidente a sua importância para a economia nacional. Esse setor passou e ainda passa por um processo de mudanças e, embora tenha um grande potencial a ser explorado, precisa de investimento em tecnologia.

Atualmente, o Brasil está entre os oito maiores mercados consumidores de traje, cama, mesa e banho do mundo, e foi o que mais cresceu nos últimos dez anos (ABIT, 2015, p.8). No entanto, indústria têxtil nacional não consegue produzir de modo a abastecer o mercado nacional, tendo-se observado um aumento na participação dos produtos importados no provimento do mercado brasileiro. O Brasil, atualmente, importa produtos têxteis principalmente da China, Indonésia e Índia. A maior parte desses produtos importados são fios e tecidos (DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONÔMICOS - DEPEC, 2016, p.21).

A Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) (2010, p.21) realizou um estudo prospectivo setorial da cadeia têxtil e confecção no Brasil que identificou tendências e levantou questões relevantes para a elaboração e implementação de um plano estratégico setorial com o intuito de estimular a competitividade do setor de Têxtil e de Confecção no Brasil num período de 15 anos (2008 a 2023). De acordo com esse relatório:

O Brasil tem mantido baixíssima participação no mercado internacional, principalmente entre os produtos de vestuário de malha e de tecidos planos. Maior participação nesses setores representaria um aumento na utilização de mão-de-obra e um expressivo aumento do valor agregado dos nossos produtos exportados. (ABDI, 2008, p. 189)

Assim, o Brasil tenta reverter a tendência de mercado importador e incentivar sua exportação.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico percorrido em nossa pesquisa para que nossos objetivos fossem alcançados.

3.1 ESTUDO DO DOMÍNIO

O primeiro passo deste estudo consistiu na aquisição de conhecimento sobre a área de especialidade sobre a qual recairia nosso estudo, ou seja, a Indústria Têxtil. Para tanto, recorreremos a especialistas desse setor para que nos indicassem bibliografia de base.

Contamos com a colaboração de uma profissional do domínio têxtil, doutora em Engenharia Têxtil, a professora Dra. Camilla Borelli, coordenadora do Curso de Engenharia Têxtil da FEI (Faculdade de Engenharia Industrial), da cidade de São Paulo. Colaborou conosco ainda o senhor Eduardo Mourão, gerente de uma indústria especializada em fios texturizados na cidade de Três Lagoas, no Estado do Mato Grosso do Sul.

Esses profissionais nos indicaram um manual de dados técnicos para a indústria têxtil (ABIT, 2003), apostilas de cursos técnicos disponíveis na internet e apostilas elaboradas por professores de cursos de Engenharia Têxtil.

Desse modo, pudemos realizar um estudo da área, para que, posteriormente um conjunto terminológico delimitado fosse estudado em nossa tese.

3.2 DELIMITAÇÃO DO DOMÍNIO

Uma vez de posse do conhecimento geral da área, sentimos a necessidade de delimitar uma subárea, visto que o setor têxtil possui diversas ramificações e não haveria tempo hábil

para estudo, no âmbito de nosso Doutorado, dos termos de todas as ramificações. Optamos, então, pela seguinte subárea: nomes de tecidos.

A decisão sobre a delimitação da pesquisa a essa subárea se deve ao fato de que há vários glossários desse campo do saber disponíveis na internet ou em outro suporte, mas a grande maioria não foi elaborada seguindo um trabalho terminológico, ou seja, os termos não receberam um tratamento terminológico e terminográfico com base em uma metodologia siga os preceitos da Terminologia. Assim, decidimos delimitar nossa pesquisa aos termos que denominam tecidos e elaborar um glossário que se sustentasse em uma proposta cientificamente estabelecida.

Decidimos, ainda, realizar um estudo sociocultural sobre os termos eponímicos da área dos tecidos, visto que eles trazem consigo a história e a cultura de um povo em determinada época. Esse tipo de informação enriquece o conhecimento sobre os termos e seus conceitos.

3.3 CONSTITUIÇÃO DO CÓRPUS INICIAL PARA LEVANTAMENTO DOS TERMOS

O corpus de levantamento dos termos foi constituído por apostilas e manuais técnicos indicados pelos especialistas da área têxtil e que são utilizados nos cursos de Graduação de Engenharia Têxtil e cursos técnicos desse setor. As apostilas e manuais apresentam dados relativos ao processo de fabricação dos tecidos e, ao final dessas, há sempre uma lista com os nomes dos tecidos acompanhados das respectivas definições. A esse material, acrescentamos um glossário de moda da *Coleção Folha*. Utilizamos esse corpus para a extração dos termos que constituíram o conjunto terminológico de estudo de nossa pesquisa.

O critério de extração dos dados foi de frequência um, ou seja, para que um termo fizesse parte deste estudo era necessário que tivesse aparecido pelo menos uma vez em uma das obras. Esse critério se justifica pela perspectiva de nosso estudo, que não é a de abarcar o maior

número de termos que denominam tecidos no Brasil e no mundo, mas o de levantar, analisar e tratar os termos que denominam tecidos encontrados em nosso *córpus de partida*, ou seja, dos reconhecidos como importantes pelos especialistas da área autores do material didático utilizado nos cursos técnicos sobre Indústria Têxtil.

A seguir apresentamos as referências do material de extração dos termos que denominam tecidos (*córpus de levantamento dos termos*, *córpus de partida*) e que foram estudados em nossa tese:

AMARAL, L; JAIGOBIND, A, G. A; JAISINGH, S. **Dossiê Técnico Confecção** de Vestuário. Instituto de Tecnologia do Paraná, Abril de 2007.

NICOLINI, Rubens. TX7440 - **Tecelagem -IV-Tecidos – Glossário**. Centro Universitário da FEI, Apostila de tecelagem. 2008.

RUBERTELLI, Manuela; WHITEMAN, Vivian. **Coleção Folha Moda: glossário**; [tradução: Wally Constantino]. - São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

SENAI SP. **Manual técnico –Têxtil e vestuário**. 1 ed. São Paulo: Escola SENAI Francisco Matarazzo. Apostila de tecelagem. [2000?]

Com base nos verbetes apresentados nos pequenos glossários (listas) que constam no *córpus de levantamento de termos*, identificamos as seguintes unidades terminológicas:

Quadro 1: *Córpus de levantamento dos termos*

	AMARAL ET AL., 2007	NICOLINI, 2008	RUBERTELLI ET AL, 2015	SENAI SP, 200?
1. <i>angorá</i>	X		X	
2. <i>adamascado</i>	X	X	X	X
3. <i>aniagem</i>	X	X		
4. <i>arrastão</i>	X			
5. <i>astracã</i>		X		
6. <i>astracão</i>	X			
7. <i>baeta</i>	X			
8. <i>bailarina</i>	X			
9. <i>batik</i>	X			

10. batista	X	X		X
11. bayadere	X			
12. botoné		X		
13. botonê	X			X
14. bouclê	X			
15. brim	X	X		X
16. brocado	X	X	X	X
17. buclê			X	
18. cambraia	X	X		X
19. camurça	X	X		X
20. canelado	X	X	X	X
21. canvas	X	X		
22. carpete	X			
23. casimira	X	X		X
24. caxemira			X	
25. cetim	X	X	X	X
26. challis	X	X		
27. chamalote	X	X		
28. chambray	X	X		X
29. chape	X			
30. charmeuse	X			
31. chenille	X			
32. cheviot	X	X		
33. chevron	X	X		X
34. chiffon	X	X	X	
35. chintz	X	X	X	X
36. chita	X			X
37. chitão			X	
38. cirrê	X			
39. clidelia	X			
40. cloqué	X			
41. corduroy	X	X		X
42. cotelé		X		
43. cotelê	X	X		
44. crepe	X	X	X	X
45. crepe cetim	X			
46. crepe da china	X		X	
47. crepe de lã	X			
48. crepe georgette	X	X	X	X
49. crepe marrocaïn	X			
50. crepe marroquim			X	
51. crepe mousse	X			
52. crepe romain	X			
53. crepe susette	X			
54. crepe suzette		X		
55. crepom	X			
56. cretone	X			
57. cristal	X			
58. damascado	X			
59. damasco	X	X	X	
60. denim	X	X		
61. devoré		X		

62. devorê	X		X	
63. double-face	X			
64. dupla face	X		X	X
65. entretela	X			X
66. escocês	X	X	X	
67. espinha de peixe	X		X	X
68. etamine	X			
69. faillete	X	X		
70. faille	X	X	X	
71. favo de mel	X			
72. feltro	X		X	X
73. fil a fil	X			
74. flamê	X		X	
75. flanela	X	X	X	X
76. flocado	X			
77. fustão	X	X		X
78. gabardine	X	X	X	X
79. gaufrê	X			
80. gaze	X	X	X	X
81. gingham	X			
82. glacê	X			
83. gobelin	X	X		
84. gorgurão	X	X		X
85. granitê	X			
86. grisette	X			
87. gros de tours		X		
88. guipire	X			
89. helanca	X			
90. ikate	X			
91. jacquard	X	X	X	X
92. jérsei			X	
93. jersey	X			
94. juta	X	X	X	
95. laise	X			
96. lamê	X			
97. laqué	X			
98. lâzinha	X			
99. lingerie	X			
100. linho	X	X	X	X
101. listrado	X	X		
102. lona	X	X		X
103. lonita	X	X		
104. lycra	X		X	
105. madras	X	X	X	
106. marquissete	X	X		
107. melton	X			
108. microfibra	X		X	
109. mohair	X		X	
110. moiré	X	X	X	X
111. morim	X			
112. musse	X			
113. musselina			X	X

114. <i>musseline</i>	X	X		X
115. <i>náilon</i>			X	
116. <i>ninho de abelha</i>	X	X		
117. <i>nylon</i>	X		X	
118. <i>otomana</i>			X	
119. <i>otomano</i>	X			
120. <i>ottoman</i>		X		
121. <i>oxford</i>	X	X	X	
122. <i>oxfordine</i>	X			
123. <i>panamá</i>	X	X	X	X
124. <i>patchwork</i>	X	X		
125. <i>pelúcia</i>	X		X	X
126. <i>percal</i>	X	X	X	X
127. <i>piede-de-coq</i>	X			
128. <i>pied-de-poule</i>	X		X	
129. <i>pique</i>	X			X
130. <i>plush</i>			X	
131. <i>poliéster</i>	X	X	X	X
132. <i>pongee</i>	X			
133. <i>príncipe de gales</i>	X		X	X
134. <i>reps</i>	X	X	X	X
135. <i>risca de giz</i>	X			X
136. <i>sarja</i>	X	X	X	X
137. <i>seda</i>	X	X	X	X
138. <i>serge</i>	X			
139. <i>shantung</i>	X	X	X	X
140. <i>shetland</i>	X	X	X	
141. <i>tafetá</i>	X	X		X
142. <i>talagarça</i>	X			
143. <i>tartan</i>	X	X		X
144. <i>tergal</i>	X			
145. <i>tricoline</i>	X	X		X
146. <i>tricotine</i>	X			X
147. <i>tropical</i>	X			
148. <i>tubic</i>	X			
149. <i>tussor</i>	X			X
150. <i>tweed</i>	X	X	X	X
151. <i>twill</i>	X	X	X	
152. <i>vichy</i>			X	
153. <i>voal</i>	X			
154. <i>voile</i>	X	X	X	
155. <i>xadrez</i>	X	X		X
156. <i>xantungue</i>			X	
157. <i>zuarte</i>	X			

Podemos observar no quadro anterior que o número de *hápax legomena* (unidades terminológicas com frequência um) também foram considerados em nosso estudo, uma vez que para nós interessava saber quais termos constam no corpus de levantamento, independente de

sua frequência, pois essas obras foram indicadas por especialistas do ramo têxtil e são tidas por eles como referências importantes na área.

O número máximo de ocorrência das unidades terminológicas seria quatro, visto que quatro obras foram analisadas. Sinônimos e variantes das unidades terminológicas que constam como entradas dos glossários dessas obras também foram considerados e contabilizados. Por variante ou sinônimo entendemos, no âmbito desta pesquisa, todas as unidades terminológicas indicadas nos verbetes dos glossários estudados como outras formas de denominar o mesmo conceito que a entrada do verbete denomina. Caso o nome do tecido fosse apenas mencionado no enunciado de um verbete, mas não constituísse a entrada de um verbete nem sinônimo ou variante da unidade terminológica estudada, esse não foi levado em consideração, uma vez que o fato de não participar da lista de entradas dos verbetes do glossário significa que esses termos não são tidos como relevantes para os autores das obras.

Uma vez elaborada a lista preliminar de termos a serem estudados em nosso trabalho, dedicamos a etapa seguinte da pesquisa, que foi verificar o uso real dos termos por parte dos especialistas e empresas que trabalham diretamente com a venda de tecidos. Para tanto, realizamos pesquisas diretas na internet, como apresentaremos no próximo item desta seção.

3.4 PESQUISAS DIRETAS NA INTERNET

Nesta etapa procedemos a pesquisas diretas na internet, restringindo-as ao “google.com.br”, ou seja, nossa pesquisa foi realizada apenas em páginas em português do Brasil. Buscamos, então, os nomes dos tecidos da seguinte forma: “nome do tecido + a palavra *tecido*”.

Alguns tecidos são pouco usados e, portanto, o termo que o denomina não possui grande número de ocorrências, mas outros são muito vendidos e a unidade terminológica utilizada para

denominá-lo pode apresentar milhares de ocorrências na web. A questão da verificação de frequência de ocorrências na internet dos termos estudados foi por nós associada ao aspecto semântico-conceitual, ou seja, uma mesma unidade lexical podia denominar um tecido, mas também o animal que fornecia a lã ou pelo para a fabricação desse e ainda a região geográfica de onde esse tipo de tecido é originário.

Outro aspecto importante disse respeito aos termos eponímicos antroponímicos, porque alguns deles atendiam ao critério “Google br” + a palavra “tecido”, visto que o nome do tecido era uma homenagem a algum tecelão famoso. Foi o caso do termo *batista* que, apesar de nosso filtro de busca, conduzia-nos a sobrenome de pessoas, à religião Batista e a igrejas dessa congregação.

Era, portanto, necessário verificar os resultados da busca. Como essa gerou um número vasto de registros dos termos buscados, não foi possível acessar site por site, devido às milhares de ocorrências, por isso optamos por um levantamento metódico por amostragem. As primeiras páginas foram todas consultadas, algumas páginas do “meio” da lista gerada pelo Google, e, por fim, as últimas páginas. Ou seja, se nossa busca surtia um resultado de 30 páginas do Google contendo dez sites cada, consultávamos as primeiras cinco páginas, da 10 a 15, e as últimas cinco. Esse procedimento visava verificar se o filtro inicial tinha sido eficaz, pois, após as primeiras páginas, surgem sites e documentos em outras línguas e ocorrem termos em outros contextos que não são os de nomes de tecidos.

Deve-se aqui ressaltar que o número de ocorrências na internet varia de dia para dia e acreditamos que isso também aconteça quando pessoas diferentes pesquisam o mesmo termo em locais diferentes, pois em dado momento em que realizávamos testes da busca dos termos, eu no Brasil e a minha orientadora na Irlanda, os resultados em números de ocorrência de termos e de páginas da web em que eles constavam eram bem diferentes.

A seguir, apresentamos os resultados de nossa busca, sobre os temas que compõem nosso glossário, feita no “Google.com.br”, por meio do filtro “nome do tecido”+ “a palavra *tecido*”; realizada no dia 11 de dezembro de 2017:

Quadro 2: Pesquisa das unidades terminológicas que denominam tecidos no “Google.com.br”

TERMOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DOS TERMOS
angorá	43.000
mohair	276.000
aniagem	319.000
arrastão	270.000
astracã	15.000
astracão	91
baeta	59.600
bailarina	516.000
batik	433.000
bayadere	38.200
botonê	94.600
botoné	807.000
bouclê	496.000
buclê	293.000
Brim	373.000
brocado	325.000
cambraia	332.000
batista	566.000
camurça	478.000
canelado	311.000
Reps	46.900
canvas	703.000
carpete	522.000
caxemira	156.000
casimira	70.300
cetim	504.000
challis	208.000
chamalote	11.700
moiré	206.000
chambray	399.000
chape	946.000
charmeuse	232.000
chenille	442.000
cheviot	44.200
chevron	421.000
espinha de peixe	299.000
chiffon	489.000

chintz	82.200
chita	541.000
chitão	105.000
Cirrê	439.000
laquê	50.100
glacê	433.000
clidelia	842
cloquê	42.500
cotelê	81.200
cotelé	Redireciona para cotelê
corduroy	258.000
crepe	442.000
crepe cetim	475.000
crepe da China	2.480.000
crepe de lã	4.850
crepe Georgette	174.000
crepe marrocaín	4.760
crepe marroquim	39.800
crepe mousse	136.000
crepe romain	7.940
crepe Suzette	14.100
crepe Susette	2.230
crepom	674.000
cretone	30.100
cristal	559.000
damasco	422.000
adamascado	162.000
damascado	Redireciona para <i>adamascado</i>
denim	605.000
devorê	86.600
devoré	38.400
dupla face	963.000
double-face	415.000
entretela	254.000
escocês	573.000
tartan	563.000
étamine	196.000
lãzinha	130.000
faille	36.400
failete	10.100
feltro	710.000
fil a fil	493.000
flamê	131.000
flanela	474.000
flocado	229.000
fustão	106.000
gabardine	158.000

gaufre	5060
Gaze	405.000
ginghan	524.000
gobelin	58.500
gorgurão	689.000
granitê	342.000
musse	Redireciona para o tecido <i>crepe mousse</i> ou doce <i>mousse</i>
grisette	152.000
grous de tours	83.000
guipire	681.000
helanca	198.000
ikate	359.000
jacquard	365.000
jersei	81.100
jersey	399.000
Juta	537.000
Laise	200.000
lamê	59.000
lingerie	615.000
linho	490.000
litrado	557.000
Lona	454.000
lonita	99.400
Lycra	435.000
madras	69.000
marquissette	15.500
melton	53.700
microfibra	395.000
morim	37.700
musseline	205.000
musselina	96.800
ninho de abelha	263.000
favo de mel	354.000
piquet	512.000
nylon	467.000
náilon	184.000
otomano	205.000
otomana	315.000
ottoman	458.000
oxford	451.000
oxfordine	19.800
panamá	461.000
patchwork	3.300
pelúcia	606.000
plush	491.000
percal	428.000
pied- de-coq	18.800
pied-de- poule	127.000

poliéster	687.000
pongee	44.700
príncipe de gales	73.100
risca de giz	134.000
Sarja	533.000
Seda	711.000
serge	189.000
shantung	119.000
xantungue	32.500
shetland	64.700
tafetá	455.000
talagarça	128.000
tergal	79.300
tricoline	1.180.000
tricotine	334.000
tropical	523.000
tubic	4.310
tussor	2.250
tweed	470.000
Twill	356.000
vichy	530.000
Voile	370.000
Voal	430.000
xadrez	695.000
zuarte	9.880

Conforme podemos verificar no quadro anterior, ao realizarmos a busca por determinados nomes de tecidos, fomos redirecionados para contextos em que o termo pesquisado apresenta outro significado. São os casos de *bailarina* e *musse*, por exemplo, em que essas unidades lexicais são encontradas em contextos de desenhos e textos sobre a profissão bailarina e o doce *mousse* e o tecido *crepe mousse*. Já para outros termos, como *lã*, por exemplo, foi possível observar um número maior de ocorrência do termo em que é encontrado para se definir o fio com o qual se faz o tecido. Houve algumas unidades terminológicas em que o uso do filtro não permitiu realizar a desambiguação do termo e separá-lo apenas com a denominação de tecido. Foi o caso de *jacquard*, que pode se referir ao tecelão Jean-Marie Jacquard, à máquina de tear que recebeu esse nome em homenagem ao tecelão e ao tecido de

mesmo nome. Assim, nos três casos, a palavra “tecido” associada a “jacquard” não funcionava como desambiguizador.

O fato de o filtro adotado não servir como desambiguizador 100% preciso não prejudica as análises nesse momento da pesquisa, porque o nosso objetivo era verificar se os termos buscados eram de fato empregados nos discursos de especialistas da indústria têxtil, e nesse sentido a pesquisa no Google mostrou que as unidades terminológicas são usadas por especialistas do domínio têxtil, algumas com altíssima frequência de uso e outras com pouca frequência, dependendo do quanto o tecido é procurado para compra e venda.

Para os casos em que houve redirecionamento, podemos perceber que a maioria são de termos que, ao serem pesquisados na sua forma estrangeira, o *Google* nos redireciona para a forma aportuguesada, por exemplo, ao buscarmos *cotelé*, somos redirecionados para *cotelê*. Acreditamos que isso aconteça porque essas unidades terminológicas são preferencialmente usadas em suas formas adaptadas à língua portuguesa, no entanto atestamos o uso das duas formas (estrangeira e aportuguesada) no material utilizado para a confirmação de estatuto de termo de nosso conjunto terminológico, que será apresentado mais adiante.

Os resultados nesse levantamento nos permitem afirmar que a grande maioria dos termos estudados possuem frequência de uso considerável nos sites especializados em tecidos, o que é um dado importante.

Esse critério não pode, no entanto, a nosso ver, ser considerado como preciso para fins de investigação científica. Com o intuito de acrescentar mais um instrumento de validação, decidimos realizar mais uma etapa metodológica, atendo-nos ao aspecto qualitativo dos dados. Nesse sentido, verificamos se os termos de nosso levantamento também ocorriam em obras lexicográficas ou terminográficas, como será explicado no próximo item de nosso trabalho.

3.5 OS NOMES DE TECIDOS EM OBRAS LEXICOGRÁFICAS OU TERMINOGRÁFICAS

Os dados obtidos pelos procedimentos explicados nos itens anteriores desta seção foram importantes para se ter uma ideia do emprego de fato desses termos em comunicação na área da Indústria Têxtil, o que se demonstrou verdadeiro.

Como mais um critério para a determinação final do conjunto terminológico que seria objeto de análise no âmbito desta tese, decidimos verificar o estatuto de termo das unidades lexicais levantadas inicialmente em nossa pesquisa, isto é, constatar sua presença enquanto entradas de verbetes ou como outra denominação de uma entrada de verbete em obras lexicográficas ou terminográficas que indicassem claramente que essas unidades lexicais denominam tipos de tecidos e, portanto, são termos do domínio da Indústria Têxtil.

Partimos do pressuposto de que uma unidade lexical, ao ser dicionarizada, é “oficializada” pelas obras de referência da língua em questão e é reconhecida pela comunidade usuária daquela língua. Por esse motivo, consultamos também os seguintes dicionários de língua geral:

AULETE, Caldas. **Dicionário Online Caldas Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em 12. dez.2017.

DICIO.COM. **Dicionário online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em 12.dez. 2017.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Grande dicionário Houaiss**. Disponível em:<<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#0>>. Acesso em 12.dez.2017.

MICHAELIS.COM. **Dicionário Michaelis**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 12.dez.2017.

Outras obras também foram utilizadas para a verificação de estatuto de termo das unidades lexicais levantadas e constituem glossários de nomes de tecidos. Esses foram encontrados em blogs de moda, ou escritos por especialistas do ramo têxtil, em sites especializados em tecidos e áreas afins e em páginas da web de empresas que trabalham

diretamente com a venda de tecidos e fornecem catálogos ou glossários dos produtos que comercializam.

Esses glossários, mesmo não tendo sido elaborados seguindo os preceitos da Lexicografia ou da Terminologia para a produção de dicionários especializados, foram produzidos por especialistas da área, consideramo-los, portanto, como válidos para nossa pesquisa. As referências desses glossários encontram-se listadas ao final desta tese no bloco de referências intitulado *Referências das obras lexicográficas e terminográficas consultadas*.

Nesta etapa metodológica, verificamos se os termos estudados de nosso trabalho constam como entrada de verbetes dessas obras ou como outras denominações do mesmo conceito expresso pelas unidades terminológicas que são entradas dos verbetes.

Para realizar essa verificação, elaboramos um quadro em que os candidatos a termos se encontram listados na coluna da esquerda e as colunas seguintes correspondem aos glossários consultados. Quando o termo constava da lista de entradas de alguma dessas obras, sua presença era marcada com um (X). Os resultados são demonstrados no quadro a seguir:

Quadro 3: Confirmação de estatuto do termo

	AUDACES, 2013	CALDAS AULETE, 2017	CASA PINTO.COM, 2017	CENTER FABRIL, 2017	CRUZ, 2013	Cursos Online SP, 2017	DICIO.COM, 2017	DICIONÁRIO DA MODA, 2010	DICIONÁRIO DA MODA, 2017. CATAGUASES	DICIONÁRIO DE TECIDOS, 2017	FALCÃO, 2017	FELIPE, 2011	GONÇALVES; OLIVEIRA; ALEXANDRIA, 2017	Houaiss, 2017	LUA GRUPO.COM, 2017a	LUA GRUPO.COM, 2017b	MICHAELIS, 2017	MINHA TECA.COM, 2017	MUNDO NOVO.COM, 2017	NEIVA, 2016	PORTAIS DA MODA.COM, 2017	PORTAL DO CONFECCIONISTA, 2017	PORTEIRO, S, 2017)	PUEL, CAROLINE, 2012	REIKA, P, 2010	SANTANESE.COM, 2017	SANTINI, 2017	TECIDOTECA, 2009	TEXTILE INDUSTRY.COM, 2012	TEXTSITE.INFO, 2017	UOL.COM, 2017	WEHBE, 2017
adamascado		X		X		X	X		X		X	X	X	X			X	X			X		X	X	X	X	X	X			X	
angorá	X	X	X	X		X	X		X			X		X	X		X	X	X		X		X			X	X	X		X	X	X
aniagem		X	X			X	X					X		X	X		X	X			X		X	X			X	X			X	
arrastão		X	X			X						X		X	X	X		X					X	X	X		X	X			X	
astracã		X	X									X		X	X		X						X		X		X				X	
astracção						X												X									X					
baeta		X		X		X	X	X				X		X	X		X	X	X	X	X		X				X	X				
bailarina			X	X		X		X							X	X		X	X	X	X		X				X	X			X	X
batik			X	X		X			X					X	X		X	X	X		X		X				X	X			X	X
batista	X				X	X								X				X			X		X		X		X	X		X	X	
bayadere						X												X					X				X	X			X	
botoné				X											X				X						X							
botonê			X	X		X		X	X			X			X			X	X	X	X		X				X	X	X		X	
bouclê	X		X	X		X		X	X						X	X		X	X	X	X		X	X	X		X	X	X		X	X
brim		X	X	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
brocado		X	X	X		X		X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	
bucclê	X	X					X		X			X		X			X								X							
cambraia	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X		X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X
camurça	X			X	X	X		X	X			X	X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X			X	
canelado	X		X	X		X		X	X		X	X			X			X	X	X	X		X		X		X	X		X	X	
canvas			X	X		X		X	X			X			X			X	X	X			X	X			X	X	X		X	X

carpete						X										X							X				X	X			X	
casimira		X	X	X	X	X	X	X	X			X		X	X		X	X	X	X			X	X			X	X			X	
caxemira		X		X	X		X		X			X		X			X				X					X			X	X		
cetim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
challis	X		X	X		X		X						X			X	X	X			X	X			X	X			X		
chamalote	X	X	X	X		X	X	X	X		X	X		X	X		X	X	X	X			X	X			X	X			X	
chambray		X	X	X	X	X			X		X	X			X			X	X				X	X	X		X	X	X		X	
chape						X											X						X				X	X			X	
charmeuse			X	X		X			X	X	X				X	X		X					X		X		X	X			X	X
chenille			X	X		X		X	X			X	X		X	X		X	X	X	X		X	X	X		X	X			X	X
cheviot		X				X	X										X						X				X	X			X	
chevron			X	X		X			X			X	X		X			X	X				X	X			X	X			X	X
chiffon		X	X	X	X	X		X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X		X	X			X	X
chintz		X	X	X		X	X		X			X		X	X		X	X	X				X	X	X		X	X			X	X
chita		X	X	X		X	X				X	X		X	X		X	X	X				X	X	X		X	X			X	
chitão		X		X		X					X			X	X		X						X		X							
cirê				X		X			X								X				X		X				X	X			X	
clidelia		X				X											X	X					X				X	X			X	
cloquê			X	X		X		X						X			X	X	X	X		X	X	X		X	X			X		
corduroy				X		X			X			X			X			X	X				X				X	X			X	
cotelé																													X	X		
cotelê	X		X	X	X	X		X	X	X	X			X	X	X	X	X	X	X	X		X		X		X	X			X	
crepe		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
crepe cetim						X											X				X					X	X			X	X	
crepe da china			X			X		X		X				X			X			X	X		X		X		X	X			X	X
crepe de lã					X	X					X						X				X		X	X	X		X	X			X	
crepe georgette			X		X	X		X		X	X	X			X	X		X			X	X	X		X	X	X			X	X	
crepe marrocaín						X									X			X				X				X	X				X	
crepe marroquim																								X								
crepe mousse						X					X	X					X				X		X		X		X	X			X	
crepe romain			X			X					X				X			X				X		X		X	X				X	
crepe susette						X											X				X		X			X					X	
crepe suzette											X			X														X			X	
crepom		X		X		X	X		X			X		X			X	X			X		X		X		X	X			X	

patchwork		X	X	X	X	X	X	X	X					X		X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X		
pelúcia		X	X	X	X	X	X				X			X	X		X		X	X	X		X	X			X	X			
percal	X	X	X	X		X	X	X			X	X		X	X	X	X		X	X	X		X	X			X	X			
pied-de-poule	X				X	X													X		X	X	X		X	X			X		
Piede-decoq						X													X		X				X					X	
piquet			X	X				X			X				X	X		X	X		X			X							
plush	X	X		X	X		X	X	X		X	X		X		X	X				X	X					X				
poliéster	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X			X	X			X	X	X		X		X		X	X	X		X
pongee						X														X						X	X			X	
príncipe de gales			X	X		X			X			X			X			X		X			X	X		X	X	X	X	X	
reps			X	X		X					X				X			X	X		X		X		X	X		X	X		
risca de giz			X	X		X			X		X	X			X	X			X		X			X		X	X	X	X	X	
sarja	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	X	X
seda	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
serge						X						X								X						X	X	X		X	
shantung		X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X			X	X	X			X	X		X	X		X	X
shetland	X			X		X			X					X							X					X	X		X	X	
tafetá	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X		X	X	X			X	X	X	X	X	X	X	X
talagarça		X	X	X		X	X	X						X	X		X		X	X	X			X	X		X	X		X	
tartan					X	X			X			X						X			X			X	X			X	X		
tergal		X	X	X	X	X		X			X	X		X	X	X			X	X				X	X		X	X		X	X
tricoline		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	
tricotine			X	X		X									X				X		X						X	X		X	X
tropical		X				X								X			X								X		X	X		X	X
tubic						X															X					X	X			X	
tussor		X	X			X	X	X				X		X	X		X			X	X			X			X	X			X
tweed	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X			X	X	X	X		X	X	X			X	X		X	X	X	X	X
twill				X	X	X			X		X	X								X				X			X	X		X	X
vichy				X	X		X		X			X												X	X					X	
voal		X		X	X	X					X				X				X		X				X			X	X	X	
voile	X	X	X	X	X	X	X		X			X		X	X		X		X		X			X	X		X	X		X	X
xadrez	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X		X	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X
xantungue	X	X			X		X	X			X	X		X			X			X											
zuarde		X				X	X					X		X			X				X			X			X	X			X

Por meio do quadro anterior, podemos constatar que todos os termos levantados em nossa pesquisa são utilizados no âmbito da comunicação entre especialistas do setor têxtil e já receberam tratamento em dicionários de língua geral ou em glossários terminológicos, o que demonstra a pertinência ao domínio da indústria têxtil das unidades terminológicas que foram objeto deste estudo e seu estatuto de termo.

Para se entenderem melhor os resultados apresentados nesse quadro, cumpre explicar que, no máximo, a ocorrência de um termo nas 32 obras seria 32, ou seja, verificamos se o termo ocorre como entrada de um verbete ou se é indicado como sinônimo ou variante do termo entrada daquele verbete. A ocorrência dos termos no enunciado definicional de outros verbetes que não descreviam o conceito “daquele termo” buscado não foi levada em consideração. Por exemplo, em um verbete em que *oxfordine* é entrada de um verbete remissivo e é definida como outra denominação do tecido *oxford*, consideramos apenas a unidade terminológica *oxfordine*, pois *oxford* foi definido em outro verbete e contabilizamos essa unidade terminológica no verbete em que ele é entrada.

Alguns termos apresentaram baixa frequência nas obras consultadas. Isso se deve ao fato de serem tecidos pouco comercializados no Brasil ou que o termo não é a forma preferencial para denominar o tecido. Por exemplo, *astracão* é outra denominação do tecido também chamado de *astracã*, que é a forma privilegiada, ou seja, a mais utilizada, enquanto que *astracão* é forma menos empregada para denominar o mesmo conceito.

Lembramos que nosso estudo não privilegia a frequência de uso, mas verifica se o termo indicado pelos especialistas é, de fato, um termo importante na área dos nomes de tecidos, por isso priorizamos a ocorrência e não a frequência das unidades terminológicas nas obras consultadas.

3.6 FICHAS TERMINOLÓGICAS

As fichas terminológicas elaboradas para a realização de nosso estudo foram criadas por meio de tabelas no Word e todos os dados relativos a cada termo foram nelas registrados. Os campos que compuseram as fichas utilizadas para registro e tratamento dos dados em nossa pesquisa são os que se seguem:

Termo-entrada+ categoria gramatical+ símbolo de classificação+ outras denominações+ definição (seguida da fonte da qual foi extraída) + contexto de uso (seguido da fonte do qual foi extraído)

A seguir apresentamos um modelo de ficha preenchido:

granitê: s.m	simb.de class: 1.59
Outras denominações: musse	
definição: Originalmente tecido de lã, pesado, com fio de torção crepe na trama, com efeito de aspecto granulado, obtido com ligamento do mesmo nome. Termo francês que significa aparência de grânulos de granito (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).	
Contexto de uso: <i>Granitê: tecido com aspecto de crepe ou granito, produzido com os mais variados tipos de fibras, obtido por ligamento específico, pela utilização de fios com elevada torção, ou por ambos. Também conhecido como Musse (SANTINI, 2013).</i>	

Nas fichas terminológicas inserimos primeiramente o termo-entrada, seguido da categoria gramatical (s.m ou s.f) e do símbolo de classificação que indica o lugar do termo no sistema conceitual. No caso do termo da ficha acima, sua posição no sistema conceitual é 1.59.

Na sequência de informações da ficha, segue o campo das definições. Cumpre explicar que não elaboramos definições próprias para os termos, elas foram extraídas de obras e sites do domínio têxtil que trabalham com a área dos tecidos e a referência à fonte de extração de cada definição encontra-se entre parênteses logo após a definição do termo. No caso do termo da ficha exemplificada, a referência da fonte da definição de *granitê* é (JAIGOBIND; AMARAL;

JAISINGH, 2007). As referências completas das quais foram extraídas as definições se encontram ao final deste trabalho no item *Referências das definições*.

Os contextos de uso foram extraídos de apostilas utilizadas em cursos técnicos e de Graduação ou de sites que trabalham diretamente com tecidos (lojas, fabricantes e outros) e logo após o contexto de uso encontra-se, entre parênteses, a referência da qual ele foi extraído. No caso do termo *granitê*, da ficha do exemplo, a fonte do contexto de uso é (SANTINI, 2013). As referências de todas as fontes dos contextos de uso se encontram no final deste trabalho, no item *Referências dos contextos de uso*.

Essas fichas serviram de base para a constituição de nosso glossário, pois cada campo corresponde a um tipo de dado apresentado nos verbetes de nosso glossário, como veremos na seção 5. *Glossário terminológico dos nomes de tecidos*.

4 ANÁLISE DOS TERMOS EPONÍMICOS ENCONTRADOS NOS NOMES DE TECIDOS

Os termos analisados aqui denominam nomes de tecidos encontrados no corpus de nossa pesquisa. No total somam 157 termos que denominam 125 conceitos. A diferença quantitativa entre o número de termos e o número de conceitos se deve ao fato de que um mesmo conceito pode ser denominado por mais de um termo (sinônimos ou variantes). Esses sinônimos e variantes foram distribuídos no sistema conceitual sob o mesmo símbolo de classificação do termo que é a forma privilegiada, como se pode observar no subitem *macroestrutura* referente ao *Glossário terminológico dos nomes de tecidos* elaborado em nossa pesquisa. Assim, a título de exemplo, temos 1.4 *astracã*, *astracão* sob o mesmo símbolo (1.4). São dois termos que denominam o mesmo conceito (o nome do tecido), mas como *astracã* possui maior frequência em nosso corpus, ele é o termo privilegiado e vem colocado em primeiro lugar na sequência sinonímica.

Dos 157 termos que denominam tecidos, verificamos que 46 são eponímicos, isto é, termos compostos no todo ou em parte por antropônimos ou topônimos.

Para a classificação dos termos eponímicos, embasamo-nos na proposta de Henri Van Hoof (2001), conforme foi apresentado na subseção 2.1 *O fenômeno da eponímia*. Segundo esse autor, as unidades eponímicas podem:

- 1) conter um nome próprio que assume a forma de substantivo comum, de adjetivo ou de um verbo.
- 2) conservar os nomes próprios (epônimos) na sua forma original

Van Hoof chama os termos enquadrados na primeira categoria de *epônimos banalizados*, isto é, substantivos comuns, adjetivos ou verbos formados com base em um epônimo, mas que sofreu alterações morfosintáticas por meio de composição ou derivação. Por epônimos na sua forma original, o autor compreende antropônimos e topônimos como nomes próprios.

No âmbito deste trabalho, adotamos a distinção entre *termos eponímicos formados por epônimos na forma original* e *termos eponímicos formados por epônimos banalizados*, como proposto por Van Hoof.

Cumpramos explicar a diferença conceitual que adotamos entre os termos eponímicos com epônimos na forma banalizada e os termos eponímicos com epônimos na forma original, no que se refere à classe lexical. Todos os termos eponímicos dos dois tipos são substantivos comuns e denominam tecidos, o que os diferencia no âmbito deste trabalho é o fato de que os banalizados são substantivos compostos ou derivados e assumem expressão distinta (embora próxima) do epônimo em sua forma original. Assim, o acréscimo de um sufixo ou terminação, ou ainda a produção de um substantivo parecido, mas não igual à forma que o epônimo tem em português, faz com que consideremos o substantivo banalizado, por exemplo, epônimo em forma original: *Hansen*, termo eponímico com epônimo em forma original: *mal de Hansen*; epônimo banalizado: *hanseníase*.

Utilizamos nessa tese, os epônimos tal qual foram empregados nos mapas geográficos ou imprensa brasileira de modo mais frequente. Essa postura se baseia no fato de que topônimos ou antropônimos de origem estrangeira, sobretudo provenientes de línguas que não adotam alfabeto latino, podem ser expressos em português em mais de uma forma.

Grande parte dos epônimos encontrados em nossa pesquisa são de origem estrangeira, por isso, para analisarmos e classificarmos tanto os epônimos banalizados quanto os epônimos em sua forma original, adotamos o seguinte critério:

Epônimos provenientes de línguas que utilizam o alfabeto latino. Nesses casos, levamos em consideração o modo com que o português absorveu essas unidades terminológicas. Observamos que os epônimos encontrados em nossa pesquisa foram adotados pela língua portuguesa de dois modos, a saber:

- a) a unidade lexical estrangeira foi adaptada ao sistema fonético-fonológico da língua portuguesa (empréstimo). Como exemplo, podemos citar o termo *batista*, nome de tecido que foi criado com referência à Jean-Baptiste, importante tecelão francês da cidade de Chambray (século XIII).
- b) o epônimo é preservado na forma que possuía na língua original, caracterizando-se, portanto, como um xenismo (cf. 2.2 *Estrangeirismos: xenismos e empréstimos*). Como exemplo, podemos citar o termo *shetland* do inglês, que não sofreu nenhuma alteração da língua inglesa ao ser adotado pela língua portuguesa.

Esta seção se divide em três subseções. Na primeira, apresentamos uma análise dos **termos eponímicos com epônimos na forma original** e, na segunda, realizamos uma análise dos **termos eponímicos com epônimos na forma banalizada**. Nessas subseções, apresentamos, para cada um dos termos eponímicos tratados, dados sobre o tecido e sua origem e a justificativa do porquê da nomeação do tecido, ou seja, a relação do nome do tecido com o antropônimo ou topônimo ao qual faz referência. Na terceira subseção, realizamos uma análise comparativa dos termos estudados nas seções anteriores, abordando diferentes aspectos, tais como presença maior ou menor de antropônimos ou topônimos, classe lexical à qual pertencem os epônimos (substantivo ou adjetivo), xenismos, empréstimos e outros.

4.1 TERMOS EPONÍMICOS COM EPÔNIMOS NA FORMA ORIGINAL

Por termos eponímicos com epônimos na forma original entendemos, no âmbito deste trabalho, o termo que contém um nome próprio na forma com que o português escreve o antropônimo ou topônimo em referência.

Dos 46 termos formados por epônimos em nosso corpus, 25 estão em sua forma original e são os seguintes:

Quadro 4: Termos eponímicos com epônimos na forma original

Epônimos na forma original
1. astracã
2. batista
3. caxemira
4. chambray
5. cheviot
6. crepe da China
7. crepe Georgette
8. crepe Suzette
9. crepe Susette
10. damasco
11. gobelin
12. gros de Tours
13. jacquard
14. jérsei
15. jersey
16. madras
17. melton
18. oxford
19. panamá
20. príncipe de Gales
21. shantung
22. shetland
23. tweed
24. vichy
25. xantungue

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar, como termos simples ou sintagmáticos, essas unidades terminológicas são formadas por antropônimos ou topônimos. Na sequência, procedemos a uma análise de cada uma dessas unidades, discutindo aspectos relativos ao epônimo, sua origem, relação com o tecido e outros. Vale ressaltar que alguns dados (relativos à geografia, economia, indústria e outros) referentes aos epônimos aqui estudados foram retirados de sites que apresentam informações enciclopédicas, porque eles explicam melhor a origem desses epônimos.

ASTRACÃ

Astracã é utilizado no domínio têxtil para denominar um tecido feito com fios grossos de lã. É empregado na confecção de roupas de inverno, a aplicação desse tecido se dá principalmente na confecção de peças do vestuário feminino

A unidade lexical *astracã* refere-se ao topônimo Astracã, nome de uma região que se localiza no sudeste da Rússia. Esse local é composto por 11 municípios rurais e 442 aldeias e vilas.

Dentre as atividades econômicas dessa região, destaca-se a indústria de artefatos (tricô, costura, couro, calçados e peles) (RUSSOBRAS, c2009-16).

Figura 1 - Tecido astracã



Fonte: BEAUMONT, 2015.

Figura 2 - Ovelha astracã



Fonte: PORTAL SDR., [2016].

O *astracã* também é o nome da raça de uma ovelha caracul, encontrado nessa região da Rússia. No século XIX, *astracã* passou a denominar tanto a pele do cordeiro, quanto os tecidos feitos da lã extraída do cordeiro dessa raça ou que imita as características da lã desse animal (ASTRACÃ, 2012). O

nome da cidade passou a ser identificado a essa lã que era imitada no mundo todo. (ASTRACÃ, 2017). Esse tecido é muito utilizado na confecção de casacos.

Observamos, então, que *astracã* é um termo eponímico com epônimo na forma original. Como em português a região que deu origem ao termo se grafa Astracã, o epônimo encontra-se na forma original, de acordo com os critérios que adotamos nessa pesquisa. Esse epônimo foi adotado em português por meio do francês *Astrakan*: “[Do top. Astracã (Antiga U.R.S.S., atual Cazaquistão) pelo fr. *Astrakan*.] (FERREIRA, 2009, p.215). Desse modo classificamos essa unidade terminológica como um empréstimo oriundo da língua francesa, pois ao ser adotado em nossa língua sofreu adaptações fonético-fonológicas.

BATISTA

Batista denomina um tipo de tecido fabricado com fios finos, geralmente utilizado em trabalhos de renda e bordado, tais como vestidos de noiva.

Esse tecido recebeu o nome de *batista* em homenagem a seu inventor, o tecelão francês Jean-Baptiste da cidade de Chambray. O tecido foi inventado no século XIII (BATISTA, [201-?]).

Figura 2 - Tecido Batista



Fonte: BATISTA, c2017.

Assim, *batista* é um antropônimo criado com referência ao nome *Jean-Baptiste*. Consideramo-lo um termo eponímico com epônimo na forma original porque é desse modo que referimos ao epônimo em língua portuguesa. Esse termo ao ser adotado em nossa língua sofreu adaptação fonético-fonológica, por isso o consideramos um empréstimo do francês, como

podemos observar no verbete do Dicionário Aurélio destinado a esse nome de tecido: “batista: [Do fr. *batiste*]. Certo tecido fino de algodão (...)” (FERREIRA, 2009, p.277).

CAXEMIRA

A unidade lexical *caxemira* denomina um tecido feito com estampas de medalhões, que é geralmente utilizado na confecção de casacos, ternos e saias. É também conhecida como “fiber for kings” (fibra dos reis), já que muitos reis e imperadores vestiam peças confeccionadas com esse tecido. O primeiro registro que se tem dele data de época anterior a Cristo. Na Europa, ficou famoso quando o grande Napoleão Bonaparte passou a utilizar peças feitas desse tecido (DOUAT, [2016]).

Figura 3 - Tecido Caxemira



Fonte: [Caxemira], c1999-2017.

Caxemira é o nome de um território montanhoso localizado entre o norte da Índia, o nordeste do Paquistão e o sudoeste da China. Essa região é atualmente disputada pela Índia e o Paquistão.

Observamos que *Caxemira* é um topônimo que deu origem ao termo *caxemira*. Consideramos o termo *caxemira* como epônimo em sua forma original, porque é desse modo que a língua portuguesa escreve o topônimo *Caxemira*.

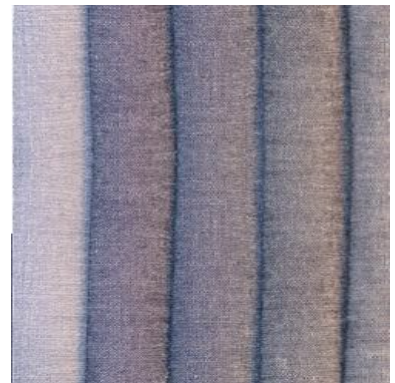
A lexia *caxemira* chegou ao português pelo inglês *cashmere* que, por sua vez, a recebeu por meio de transliteração, uma vez que a língua caxemira não utiliza o alfabeto latino. O português por sua vez, adotou a lexia *caxemira* por meio de empréstimo da língua inglesa: “caxemira (...) [ETIM: top. *Caxemira* (Kashmir), prov. Pelo ingl. *cashmere* [‘id’, tb.do top.

Cashmere, região na parte norte do subcontinente da Índia]” (HOUAISS, 2011, p.178), Observamos que ao ser inserida no acervo lexical de nossa língua, a lexia sofreu adaptações fonético-fonológicas, passando a ser grafada como *caxemira* consideramos o termo um empréstimo do inglês.

CHAMBRAY

Chambray denomina um tipo de tecido semelhante ao jeans, porém mais leve, ele é mais comumente encontrado em tons de azul e utilizado na confecção de camisas. Foi usado pela primeira vez em Chambray na França, em 1595 (CHAMBRAY, [201-?]).

Figura 4 - Tecido Chambray



Fonte: TECIDO..., 2015)

Assim, esse termo eponímico foi criado com base em um epônimo na forma original, *Chambray*, nome da região na França. Desse modo, o nome do tecido é um xenismo, que foi adotado pela língua portuguesa com a mesma grafia que possuía em sua língua de origem, o francês.

CHEVIOT

Cheviot é o nome de um tecido fabricado com a lã do carneiro dessa raça, caracterizando-se por ser pesado, mas de textura macia; é utilizado principalmente na confecção de casacos e roupas esportivas de inverno.

Figura 5 - Tecido cheviot



Fonte: CHEVIOT, c2017.

Figura 6 - Cordeiro cheviot



Fonte: NEW ZEALAND RARE BREEDS, 2002-06.

Cheviot é um topônimo que denomina uma montanha localizada entre a Inglaterra e a Escócia. Essa lexia também denomina uma raça de carneiros “cheviots” criados nessa região. Diante das informações apresentadas, observamos que *cheviot* é um termo eponímico com epônimo na forma original, uma vez que, em português, o topônimo que deu origem ao termo é grafado como em sua língua de origem, o inglês. Essa unidade terminológica é também um xenismo, já que manteve a mesma grafia da língua da qual é proveniente.

CREPE DA CHINA

Crepe da China denomina um tipo de crepe originário desse país. É um tecido muito fino e leve. Sua utilização no Brasil data do século XIX, período em que o país foi influenciado pela moda europeia (MENDES, 2015).

Figura 7 - Tecido Crepe da China



Fonte: CREPE..., c2017.

Inicialmente, esse tecido era feito apenas com seda pura, mas atualmente pode ser composto por seda ou poliéster; é geralmente utilizado na confecção de peças como vestidos, pijamas, blusas leves, xales e lenços de cabeça.

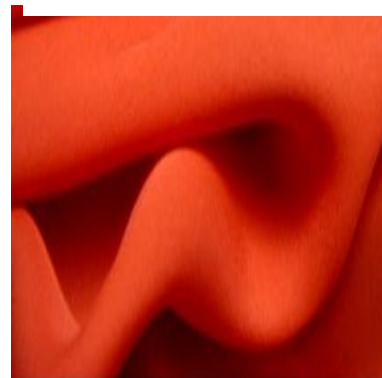
Sendo assim, podemos afirmar que *crepe da China* é um termo eponímico com epônimo na forma original, porque “China” é o modo com o que a língua portuguesa grava o nome do país do qual o tecido é proveniente.

Por sua vez, a base dessa unidade terminológica é *crepe*, que é um empréstimo do francês. O português promoveu adaptação gráfica nessa unidade léxica estrangeira, apenas adaptação fonética. De qualquer modo, classificamos *crepe da China* como um empréstimo.

CREPE GEORGETTE

O *crepe Georgette* é um tipo de tecido fino, transparente e com um lado áspero. Esse crepe é utilizado na confecção de camisas, camisolas, lenços e outros. O tecido foi criado em 1910 por Charles Bianchini e recebeu esse nome em homenagem a Madame Georgette, uma renomada estilista parisiense, que foi a primeira pessoa a utilizá-lo (CRÊPE, c2008).

Figura 8 - Tecido crepe Georgette



Fonte: CRÊPE, c2008.

Assim, *Georgette* é um antropônimo que deu origem a um termo eponímico com epônimo na forma original. Por o nome próprio manter em português a mesma grafia que em francês, língua do qual é proveniente, consideramos *Georgette* como um xenismo.

CREPE SUZETTE, CREPE SUSETTE

Crepe Suzette ou *crepe Susette* denomina um tecido semelhante ao *crepe Georgette*. O que os difere é o modo de torção na sua fabricação, pois, quando apenas um sentido de torção é utilizado no urdume e na trama, tem-se o *crepe Suzette* ou *crepe Susette*, já quando há dois sentidos de torção no urdume e na trama, tem-se o *crepe Georgette*.

Figura 9 - Tecido Crepe Suzette



Fonte: CREPE..., c1998-2017.

Não encontramos, em nossas pesquisas, a proveniência do termo *crepe Suzette*, que denomina o tecido, no entanto, há disponível na internet, a história de um doce francês de mesmo nome, essa sobremesa foi feita pela primeira vez para o rei Eduardo VII, pelo Maître de Monte Carlo, que, ao fazê-la, errou no preparo, exagerando nas doses de licor. Mesmo assim, o príncipe gostou da sobremesa e pediu que o Maître fosse chamado, pois queria saber o nome dela. O Maître improvisou e respondeu que o doce se chamava *crêpe princesse*, contudo o príncipe solicitou que o nome da sobremesa fosse mudado para *crêpe Suzette* em homenagem à cortesã que o acompanhava naquela noite (BIGIO, [2007?]).

Acreditamos que, por analogia ao doce, o mesmo nome *crepe Suzette* possa ter dado origem também ao nome do tecido, mas não temos nenhuma evidência concreta dessa suposição. *Crepe Suzette* é um termo eponímico com epônimo na forma original, visto que Suzette é um antropônimo e se caracteriza como um xenismo. Já *crepe Susette* é uma variante de *crepe Suzette*, tendo sofrido adaptações fonético-fonológicas ao ser adotada em português, consideramos esse último um empréstimo do francês.

DAMASCO

Damasco é o nome de um tipo de tecido, usualmente de seda, mas também pode ser de lã, linho ou algodão, muito utilizado na confecção de tapetes.

A unidade lexical *damasco* refere-se ao topônimo Damasco, capital da Síria. Vale ressaltar que a localização estratégica da Síria, ligando a Àsia com a África e a Europa

Figura 10 - Tecido Damasco



Fonte: CAETANO, 2013.

atraiu comerciantes de diversos locais do mundo como os egípcios, árabes, turcos e franceses (SÍRIA, c2017). A economia dessa cidade baseia-se essencialmente em produtos alimentícios, vestuário e material impresso. Dois terços dos trabalhadores da cidade da Síria são empregados dos setores de serviços, ou seja, são funcionários de bancos e finanças, educação, saúde, governo, transportes e comunicações, turismo e comércio. Cerca de 20% dos trabalhadores são funcionários diretamente ligados à produção de têxteis e alimentos (SÍRIA, c2017). A inserção da lexia *damasco* no vocabulário da língua portuguesa data do século XVIII; a entrada dessa unidade nesse período é fruto das relações comerciais portuguesas com a Síria (OLIVEIRA, 2011, p.51).

Desse modo, *damasco* é um termo eponímico com epônimo na forma original, pois é assim que em português se escreve o nome da cidade que deu origem ao termo eponímico. O nome da cidade foi adotado em nossa língua por meio do latim, conforme podemos observar no verbete *damasco* extraído do Dicionário Caldas Aulete:

(...) Tecido de seda, com trama ornamental de cetim e tafetá, com flores e desenhos em relevo, originalmente fabricado em Damasco, Síria, ADAMASCADO (...) [F.: Do top. *Damasco* (<lat. *Damascus*, i), cidade da Síria] (AULETE, 2011, p.431).

Tendo em vista as informações relativas à etimologia da unidade lexical *damasco*, consideramos o termo de mesmo nome como uma unidade terminológica da língua portuguesa, uma vez que não consideramos latim uma língua estrangeira.

GOBELIN

Gobelin denomina um tipo de tecido, geralmente utilizado na confecção de tapetes. Foi assim denominado em homenagem a Jean e Philibert Gobelin, renomados tintureiros do século XV, cujas oficinas situavam-se em Paris (MANUFATURA, 2015).

A Manufatura dos Gobelins, na França, era um aglomerado de oficinas especializadas em produzir artigos de tapeçaria e artigos moveleiros. Atendia à demanda da Coroa, com peças para decoração de palácios e presentes diplomáticos, contribuindo para a expansão da imagem da França no exterior a partir do reinado de Luís XIV. Hoje, está situada à Avenue des Gobelins, em Paris (MANUFATURA, 2016).

Assim, o termo *gobelin* foi criado com referência ao antropônimo *Gobelin*, por isso é um termo eponímico com epônimo na forma original. Esse termo manteve a mesma grafia do francês ao ser adotado em língua portuguesa, por isso é também um xenismo, uma vez que não sofreu nenhuma adaptação fonético-fonológica ao ser inserido em nossa língua.

Figura 11 - Tecido Gobelin



Fonte: ALTA... c1999-2017a

GROS DE TOURS

O *gros de Tours* é um tipo de tecido francês feito com fio grosso, uma combinação de seda com lã, mais pesado e resistente que a seda pura e não possui brilho. Era utilizado na confecção de vestidos bem armados do século XVIII, também era popular por sua utilização na confecção de vestidos de luto.

Figura 12 - Tecido Gros de Tours



Fonte: PHOTOBUCKET, [201-?].

Esse tecido foi assim denominado em homenagem à cidade francesa de Tours, local onde foi fabricado pela primeira vez. Registros comprovam que a cidade de Tours exportava tecidos desde o século XIII (OLIVEIRA, 2011).

Diante do exposto, consideramos que *gros de Tours* é um termo eponímico criado com base no topônimo Tours; como o nome da cidade foi mantido como na língua do qual provém, o francês, trata-se de um termo eponímico com epônimo na forma original. Consideramo-lo como um xenismo, à medida que, ao ser adaptado pela nossa língua, não sofreu nenhuma adaptação fonético-fonológica, isto é, manteve-se como é grafado em francês.

JACQUARD

Jacquard denomina tanto um tecido geralmente utilizado na confecção de artigos de decoração como toalhas de mesa e cortinas, quanto uma máquina de tear que revolucionou a história do tear no mundo.

Figura 13 - Tecido Jacquard



Fonte: TECIDO... c1999-2017b.

O termo foi criado em homenagem a Joseph- Marie Jacquard (1752-1834), que vivia na cidade de Lyon. Era um tecelão francês, que inventou a primeira máquina de tear mecanizada

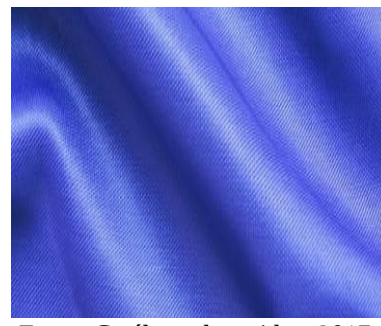
controlada por grandes cartões perfurados, capaz de produzir tecidos com desenhos. Essa máquina foi apresentada em 1801 e Jacquard quase foi morto nesse dia, pois alguns trabalhadores receavam perder seus empregos.

Consideramos *jacquard* um termo eponímico com epônimo na forma original criado com referência ao antropônimo *Joseph-Marie Jacquard*. Trata-se de um xenismo, uma vez que, ao ser inserido na língua portuguesa, manteve sua grafia de origem, no caso a grafia da língua francesa.

JÉRSEI, JERSEY

Jérsei ou *jersey* são dois termos que denominam um mesmo conceito: o nome de um tecido de malha leve, caracterizado pela elasticidade, muito usado na confecção de lingerie e de roupas em geral. Foi muito comercializado na década de 1950 no mundo todo.

Figura 14 - Tecido Jersey



Fonte: Catálogo de tecidos, 2017

Esse tecido foi assim batizado, porque foi fabricado pela primeira vez na Ilha de Jersey, na Inglaterra.

Verificamos, portanto, que *jérsei* e *jersey* são termos eponímicos criados com referência ao topônimo Jersey. Os dois são termos eponímicos com epônimos na forma original, uma vez que são essas as formas utilizadas pelo português para se referir ao tecido. No caso de *jérsei*, trata-se de um empréstimo do inglês, como podemos observar no verbete destinado a essa unidade léxica no Dicionário Aurélio:

“jérsei. [Do top. ingl. *Jersey*, ilha do canal da Mancha.] S.m. tecido de tricô muito fino, feito à máquina em ponto de meia (q.v), com linha de algodão, lã ou seda, natural ou sintética, e que se vende em peças ou em roupas confeccionadas” (FERREIRA, 2009, p. 1155).

O termo *jérsei* sofreu adaptação fonético-fonológica ao ser inserido na língua portuguesa, por isso trata-se de um empréstimo. Já no caso de *jersey*, temos um xenismo, pois o termo continua grafado como na língua de origem, o inglês.

MADRAS

Madras é o nome de um tecido feito de algodão com listras ou xadrez, de cores vivas, utilizado na confecção de gravatas, lenços, cachecóis, cortinas e outros. *Madras* é o antigo nome de Chennai, a capital e maior cidade do estado de Tamil Nadu, localizado no extremo sul da Índia. Em 1600 já havia registros da comercialização do madras na Índia, mas foi em 1960 que ele se tornou popular nos Estados Unidos (PALMEIRA, 2015).

Figura 15 - Tecido Madras



Fonte: RODRIGUES, 2011.

Desse modo, *Madras* é um topônimo que deu origem ao termo eponímico *madras*. Esse termo eponímico é formado por epônimo na forma original. O termo *madras* foi classificado como xenismo. Essa classificação se deu embasada nas informações sobre a etimologia da unidade léxica *madras* encontrada no Dicionário Aurélio: “[Do fr. *madras*.] S.m. 2n. Tecido de algodão, etc., em geral xadrez, utilizado em decoração, vestuário, lenços, etc.” (FERREIRA, 2009, p.1247).

MELTON

O tecido chamado *melton* caracteriza-se por ser bastante fechado e felpudo, geralmente utilizado na confecção de roupas de inverno e de fraldas de pano, devido à capacidade de absorção. Ele foi fabricado pela primeira vez em 1823.

Figura 16 - Tecido Melton



O termo *melton* foi assim nomeado, porque foi criado com referência à cidade de Melton Mowbray na Inglaterra. Fonte: TECIDO... 2017b.

Verificamos, portanto, de acordo com os critérios por nós estabelecidos, que, *melton* é um termo eponímico formado com epônimo na forma original, uma vez que esse termo é empregado em língua portuguesa como em sua língua original, o inglês. Esse termo também é um xenismo, já que, ao ser adotado em língua portuguesa, não sofreu nenhuma adaptação fonético-fonológica.

Figura 17 - Tecido Oxford

OXFORD

Oxford é um tecido composto de algodão ou poliéster, é conhecido por sua aplicação na confecção de camisas, blusas e principalmente uniformes. Esse termo é formado por um epônimo criado com base no topônimo Oxford, cidade da Inglaterra, onde o tecido de mesmo nome foi fabricado pela primeira vez.



Fonte: CASA DAS CORTINAS, [2017/].

Desse modo, consideramos que *oxford* é um termo eponímico com epônimo na forma original, uma vez que não houve nenhuma alteração fonético-fonológica desse termo ao ser

adotado em língua portuguesa. O termo também é um xenismo, já que se mantém grafado como na sua língua de origem, o inglês.

PANAMÁ

O termo *panamá* denomina um tipo de tecido brilhante, de lã pura ou misto, que se caracteriza por ser encorpado e resistente. Geralmente é utilizado na confecção de fardas e uniformes. A composição desse tecido lhe confere uma aparência muito parecida com a trama dos chapéus que têm o mesmo nome (chapéu Panamá), por isso o nome. Panamá é um país que faz fronteira com Costa Rica, a oeste; Colômbia, a sudeste; Caribe, ao norte, e com o Oceano Pacífico ao sul. A capital é a Cidade do Panamá (ALVES, 2013).

Figura 18 - Tecido Panamá



Fonte: Tecido Panamá (BAZAR HORIZONTE.COM, 2017)

O chapéu Panamá é produzido exclusivamente no Equador, a descoberta desse aconteceu no século XVI, época em que os Espanhóis conquistaram o Equador e observaram que os nativos usavam chapéu de palha. Em 1855 um francês expôs o modelo Panamá em uma feira e logo em seguida a moda francesa adotou-o, até Napoleão III utilizou o acessório, o que contribuiu para difundir esse modelo em toda Europa. Na década de 1940, o chapéu Panamá foi popularizado porque estrelas de Hollywood o utilizavam, como pode ser visto no filme *E o vento levou* e no filme *Casablanca*.

Mas o chapéu recebeu esse nome porque Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos usou um chapéu desse tipo durante uma visita ao local onde se construía o Canal do Panamá no ano de 1906. A partir daquela visita, a popularidade desse acessório

creceu no mundo inteiro, pois a imprensa publicou a foto de Roosevelt usando o chapéu Panamá (RUBERTELLI; WHITEMAN, 2015, p.37).

Diante das informações apresentadas, verificamos que *panamá* é um termo eponímico com epônimo na forma original, já que no Brasil essa unidade lexical foi adotada e grafada *Panamá*, forma com que é grafado em espanhol, língua da qual foi originado. O verbete *panamá* no Dicionário Caldas Aulete traz a seguinte definição na acepção 2 da lexia: “ (...) 2. Tecido encorpado, macio e lustroso *us.* Para ternos de verão (...) [Do top. Panamá]” (AULETE, 2011, p.1018). Vale, portanto, ressaltar que consideramos essa lexia um xenismo uma vez que ao ser inserida em nossa língua, não sofreu adaptações, pois *Panamá* é assim grafado em espanhol.

PRÍNCIPE DE GALES

Príncipe de Gales é um tecido feito de lã ou outras fibras e se caracteriza por apresentar motivos em xadrez. Ficou famoso por ser usado pelo príncipe Eduardo VII, quando ainda não era rei do Reino Unido e dos domínios britânicos e imperador da Índia (1901-1910).

Figura 19 - Tecido príncipe de Gales



Fonte: Tecido príncipe de Gales (AMENI, M, 2011)

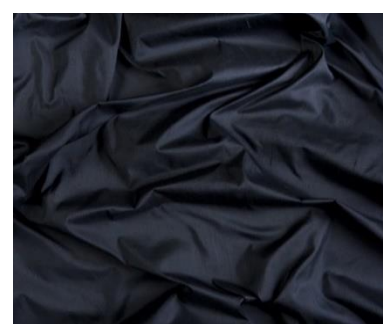
O tecido é assim denominado, porque é oriundo da expressão “Prince of Wales,” título dos herdeiros ao trono da Inglaterra, que passaram a usar trajes desse tecido (RUBERTELLI; WHITEMAN, 2015, p.41). O título de “Príncipe de Gales” foi criado porque Edward II (1284-1327), filho do Rei Edward I, nasceu no País de Gales. Foi, então, o primeiro príncipe na linha do trono. Desde o nascimento de Edward II, os príncipes nascidos naquele país são chamados de “Príncipe de Gales”.

Assim, o termo *príncipe de Gales*, enquanto nome do tecido, é formado em parte pelo topônimo Gales. Trata-se, portanto, de um termo eponímico com epônimo em sua forma original. Essa unidade lexical é um empréstimo, uma vez que *Gales* é a forma portuguesa de *Wales*, que sofreu adaptações fonético-fonológicas ao ser adotada pelo português.

SHANTUNG e XANTUNGUE

Shantung denomina um tecido elaborado com seda selvagem, de fio grosso, podendo, assim, apresentar um aspecto rústico, porém elegante. Atualmente a seda tem sido substituída pela viscose na fabricação desse tecido, que, hoje, é geralmente destinado à confecção de camisas e vestidos para ocasiões festivas e também artigos de decoração.

Figura 20 - Tecido Shantung



Fonte: SHANTUNG, 2016.

Shantung é um epônimo criado com referência ao topônimo Shandong (também *Shantung*, *Xantungue* e *Chantung*; em chinês: 山东), cidade da China, conforme já mencionamos anteriormente.

O nome do tecido *shantung* é um termo eponímico com epônimo na forma original, pois é assim que o português grafa o epônimo topônimo *Shantung*. O termo *shantung* foi classificado como xenismo do inglês, uma vez que ao pesquisarmos sobre a etimologia da lexia de mesmo nome, encontramos a seguinte informação: “*shantung*: estrangeirismo; língua de origem: inglês - forma adaptada: *xantungue*” (SHANTUNG, [201-?]).

No caso da unidade terminológica *xantungue*, consideramo-la um termo eponímico com epônimo na forma original, uma vez que essa é uma das formas que o português adotou para

grafar o topônimo que serviu de base para a criação do nome do tecido. Trata-se, nesse caso e diferentemente de *shantung*, de um empréstimo, visto que passou por um processo de adaptação fonético-fonológico e morfossintático ao sistema da língua portuguesa.

SHETLAND

O tecido *shetland* confeccionado com fibra de lã animal, tem textura rústica e é geralmente utilizado na confecção de paletós e sobretudos.

Figura 21 - Tecido Shetland



Fonte: SHETLAND, c2006-08.

Figura 22 - Ovelha Shetland



Fonte: WINDSWEPT FARMS, c2008.

Shetland é um topônimo, pois dá nome a um conjunto de ilhas localizadas na Escócia. Nessa região escocesa são criadas ovelhas cuja lã deu origem ao tecido de mesmo nome.

Com base nas informações relativas ao termo aqui apresentado, verificamos que *shetland* é um termo eponímico com epônimo na forma original. Consideramos, também, essa unidade terminológica como um xenismo, já que, ao ser adotada em português, manteve a forma da língua de origem, o inglês.

TWEED

O tecido *tweed* caracteriza-se por ser de lã e de aspecto rústico, utilizado na confecção de casacos, roupas esportivas e artigos de decoração. Esse tecido recebeu esse nome, porque foi criado pela população que habitava as margens do rio Tweed. Esse rio separa a Escócia da Inglaterra, local onde a produção desse tecido teve grande desenvolvimento devido à presença de muitas ovelhas das quais eram extraídas a lã para a fabricação do tweed.

Figura 23 - Tecido Tweed



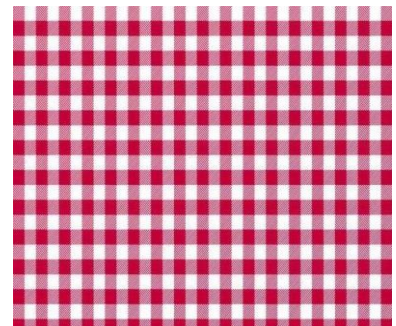
Fonte: TAMAKI, [2017?].

Verificamos, então, que *tweed* é um termo eponímico com epônimo na forma original, uma vez que é a forma utilizada pelo português para se referir à região de mesmo nome. Consideramos, ainda, essa unidade terminológica como um xenismo, uma vez que, ao ser adotada em português, manteve-se tal como é grafada e pronunciada em inglês.

VICHY

Vichy é um tecido de algodão com motivos em xadrez. Geralmente os quadriculados do tecido se caracterizam por serem brancos e vermelhos ou brancos e azuis. Esse tecido foi popularizado na década de 1950 e é utilizado na fabricação de roupas, como blusas, calças e saias. Foi eternizado nos *looks* da atriz Brigitte Bardot e até hoje é empregado em peças do vestuário, mas também na confecção de toalhas de mesa e aventais.

Figura 24 - Tecido Vichy



Fonte: OLIVEIRA, 2015.

Vichy é um epônimo criado em referência ao topônimo Vichy, uma cidade da França, famosa por ser um centro de confecção de tecidos axadrezados. Após a Segunda Guerra Mundial, o *vichy* tornou-se conhecido nos Estados Unidos e posteriormente ganhou popularidade no mundo todo por ser utilizado em piqueniques (WESTING HOME AND LIVING, [2017?]a).

Verificamos que Vichy é um topônimo que deu origem ao termo *vichy*, que, no âmbito do setor têxtil, passou a denominar um tipo de tecido. Trata-se, então, de um termo eponímico com epônimo na forma original, pois o português manteve a forma original advinda do francês para se referir à cidade de Vichy. Consideramos, ainda, o termo *vichy*, um xenismo, pois, ao ser adotado pelo português, não teve nenhuma alteração em sua forma, isto é, continuou sendo grafado como o é em sua língua de origem, o francês.

4.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EPÔNIMOS NA FORMA ORIGINAL

A respeito dos epônimos sob a forma original, observamos que dos 46 termos eponímicos, 25 apresentam-se em forma original, o que corresponde a 54% dos termos eponímicos analisados em nossa pesquisa. Esses foram criados tanto em referência a antropônimos quanto em referência a topônimos.

4.3 TERMOS EPONÍMICOS COM EPÔNIMOS NA FORMA BANALIZADA

Nesta subseção, realizamos uma análise dos termos eponímicos com epônimos na forma banalizada. Por esses, entendemos, no âmbito desta tese, os substantivos comuns e adjetivos derivados de nomes próprios, que podem ser topônimos ou antropônimos.

Quanto aos adjetivos, são todos considerados por nós nesta tese como banalizados, na medida em que derivam de nomes próprios, sendo, em grande parte, adjetivos pátrios escritos em português ou em língua estrangeira.

Dos 46 termos formados por epônimos em nosso corpus, 21 são banalizados e são apresentados a seguir:

Quadro 5 - Termos eponímicos com epônimos na forma banalizada

Epônimos banalizados
1. angorá
2. astracão
3. cambraia
4. casimira
5. cetim
6. crepe cetim
7. crepe marrocaín
8. crepe marroquim
9. crepe romain
10. damascado
11. adamascado
12. denim
13. escocês
14. lona
15. lonita
16. musselina
17. musseline
18. oxfordine
19. otomano
20. otomana
21. ottoman

Fonte: Elaborado pelo autor.

ANGORÁ

Angorá denomina um tecido de lã fino e macio, produzido com a lã de cabras da raça angorá. É utilizado na confecção de roupas térmicas e é conhecido por sua alta durabilidade.

Figura 26 - Cabra Angorá



Fonte: COSTA, 2011.

Angorá é um epônimo criado com referência à cidade de Ancara, capital da Turquia, região na qual cabras e coelhos da raça Angorá. A cidade de Ancara exporta esse tipo de lã há séculos. (TURQUIA, c2017).

Alguns especialistas em tecidos dizem que a lã com a qual é

feito o tecido angorá provem do

coelho da raça Angorá; outros dizem que são os pelos da cabra angorá que constituem matéria prima para o tecido. Consideramos que ambas as possibilidades são coerentes, visto que tanto a cabra quanto o coelho angorá são muito peludos, como podemos ver nas fotos. Para um brasileiro talvez seja

estranho ouvir que um tecido foi feito com lã proveniente de pelo de coelho, visto que, diferentemente dos coelhos a que estamos acostumados no Brasil, é possível retirar lã do pelo do coelho angorá

Observamos que, no âmbito de nossa pesquisa, *angorá* é um termo eponímico com epônimo banalizado, uma vez que o substantivo comum *angorá* é derivado do nome próprio Ancara. Consideramos o termo *angorá* um empréstimo, uma vez que chegou ao português por meio do francês, pois no Novo Dicionário Aurélio encontramos a seguinte informação no

Figura 25 - Tecido Angorá



Fonte: ANGORÁ, 2011.

Figura 27 Coelho Angorá



Fonte: ANIMAIS.INFO, 2018.

verbetes angorá: “[Do fr. *angora* <top. *Angora*, antigo nome de *Ancara* (Turquia).] (FERREIRA, 2009, p.139). Consideramos essa unidade terminológica como um empréstimo porque ao ser adotada em língua portuguesa, sofreu adaptações fonético-fonológicas, na medida em que a sílaba tônica recebeu acento.

ASTRACÃO

O *astracão* também denominado *astracã*, conforme foi explicado anteriormente (cf. *astracã*, subseção 5.1 *Termos eponímicos com epônimos na forma original*). Caracteriza-se por ser feito da lã de cordeiros que têm o mesmo nome do tecido e geralmente é empregado na confecção de roupas femininas. O nome desse tecido foi criado com referência ao topônimo Astracã, nome de uma região que se localiza no sudeste da Rússia.

Figura 28 - Tecido Astracão



Fonte: BEAUMONT, 2015.

Em *astracão*, temos um termo eponímico banalizado, no caso, um substantivo comum que foi criado por meio de derivação da unidade léxica “astracã”. Entendemos que o termo *astracão* seja um empréstimo, uma vez que, ao ser incorporado ao léxico da língua portuguesa, sofreu adaptações fonético-fonológicas. Nessa língua com a adição do sufixo “ão” e passou a ser, então, uma unidade lexical derivada de *astracã*.

CAMBRAIA

O tecido *cambraia* caracteriza-se por ser fino, feito de algodão ou linho, utilizado na confecção de lenços, camisas e blusas finas. A unidade lexical *cambraia* foi formada com base no topônimo Cambrai, uma comuna francesa (MAPAWI.COM, 2017). O tecido *cambraia* recebeu esse

Figura 29 - Tecido cambraia



Fonte: TRUE FRIENDS, c2017.

nome, porque foi inventado nessa cidade, que, em português, grafa-se “Cambrai” ou “Cambráia”. Em nosso estudo adotamos a forma “Cambrai,” porque é a mais utilizada pelos geógrafos brasileiros que fazem referência a esse local.

Cambráia é um termo eponímico, uma vez que foi criado com referência à região francesa, para denominar um tipo de tecido. Como em português esse topônimo é grafado “Cambrai”, observamos que “cambráia” é um epônimo na forma banalizada já que, ao ser adotado pelo português, sofreu uma adaptação em sua grafia.

Ao pesquisarmos sobre a etimologia da unidade léxica *cambráia* no Dicionário Aurélio observamos temos a seguinte informação: “cambráia. [Do top. *Cambráia* (França)]. S.f. 1. Tecido de algodão ou de linho, muito fino” (FERREIRA, 2009, p.376). Constatamos que *cambráia* é um empréstimo do francês, uma vez que é a forma aportuguesada para se referir a Cambrai, na França.

CASIMIRA

Casimira denomina o mesmo tecido chamado *caxemira*, que foi analisado neste trabalho na subseção 6.1 *Termos eponímicos com epônimos na forma original*. Trata-se, portanto, de um sinônimo de *caxemira* e faz referência ao topônimo Caxemira, território situado entre o norte da Índia, o nordeste do Paquistão e o sudoeste da China. Essa região é atualmente disputada pela Índia e o Paquistão, como explicamos anteriormente.

Figura 30 - Tecido Casimira



Fonte: Tecido Casimira
(ALIBABA.COM, 2017a)

No caso da unidade terminológica *casimira*, temos um termo eponímico com epônimo banalizado, visto que é um substantivo comum que assumiu forma diferente de *Caxemira*. Ou seja, Caxemira é o modo oficial com que o Brasil se refere à região, assim, o termo eponímico *caxemira* encontra-se (de acordo com os critérios adotados nesta tese) na sua forma original, enquanto que *casimira* deriva de Caxemira, mas se escreve diferentemente da forma oficial do topônimo em português.

A unidade terminológica *casimira* chegou ao português, por meio do francês *casimir*, como podemos observar a seguir: “casimira. Sf. Tecido fino de lã, ger. Com ligamento sarja, us.na confecção de ternos, saias, *tailleurs* etc. [F. Do fr. *casimir*. C.f.: *cashmere*.] (AULETE, 2011, p.172). Tendo essa unidade léxica sido adaptada ao sistema fonético-fonológico e morfossintático do português, foi por nós considerada, portanto um empréstimo da língua francesa.

CETIM

Cetim denomina um tipo de tecido de aspecto brilhante e macio, utilizado na confecção de roupas de festa. Esse foi produto de comércio entre a China, o mundo árabe e a Europa Ocidental durante a Idade Média. A Itália foi o país responsável pela divulgação desse tecido em toda Europa (século XIV). O *cetim* era utilizado naquela época para cobrir móveis finos e apenas a nobreza poderia adquiri-lo devido ao alto custo. Hoje, esse tecido é usado na confecção de lingerie, estofados, roupas de cama e também em forros de peças como jaquetas (WESTING HOME AND LIVING, [2017?]b).

Figura 31 - Tecido Cetim



Fonte: FIDELIS, 2014.

O termo *cetim* originou-se na Idade Média e foi criado em homenagem ao topônimo Zaitum (Tsetung), cidade chinesa. Consideramos, portanto, *cetim* como um termo eponímico com epônimo banalizado, já que essa unidade terminológica foi criada em homenagem ao município chinês, mas não conservou o nome próprio (topônimo) na forma em que oficialmente é utilizada em português.

Em nossas buscas sobre a etimologia da unidade léxica *cetim*, encontramos os seguintes dados: “cetim. Tecido de seda fina, muito macio, lustroso em um dos lados por ter poucos entrelaçamentos (...) [Do ar. *zaytun*, posv. pelo francês *satin*]. Diante das informações encontradas, o termo *cetim* foi classificado como um empréstimo da língua francesa, já que ao ser adotado em português sofreu alterações fonético-fonológicas.

CREPE CETIM

O *crepe cetim* é um tecido com armação em cetim, feito com fios de crepe, apresenta uma face lisa e brilhante e a outra, mate e granulosa, sendo que qualquer uma das faces pode ser utilizada como lado direito do tecido. Esse pode ser produzido com fios sintéticos ou naturais (CREPE, c2016). O *crepe cetim* possui toque acetinado e leve brilho; é geralmente utilizado na confecção de roupas femininas como blusas finas, saias e vestidos.

Figura 32 - Tecido Crepe cetim



Fonte: AMISSIMA, c2013-17.

Esse tecido tem o nome formado com base no topônimo *cetim*, termo criado em homenagem a Zaitum (Tsetung), cidade chinesa, como já explicamos no espaço anteriormente dedicado à análise do termo *cetim*.

Consideramos *crepe cetim* um termo eponímico com epônimo na forma banalizada, mantendo o mesmo raciocínio da análise do termo *cetim*, consideramo-lo um empréstimo, uma vez que esse chegou ao português por meio do francês.

CREPE MARROCAIN, CREPE MARROQUIM

Crepe marrocaïn denomina um tipo de tecido de seda que apresenta uma granulação mais pesada, é texturizado e possui nervuras. Esse crepe pode ser feito de seda, raio ou lã, é utilizado na confecção de vestidos e ternos. Esse tipo de tecido é assim denominado por ter sido criado no Marrocos.

Figura 33 - Tecido Crepe



Fonte: WEAVING LIBRARY, [201-?].

Verificamos que *crepe marrocaïn* é um termo eponímico com epônimo banalizado, já que *marrocaïn* é um adjetivo pátrio, pois indica a nacionalidade do tecido, derivado do topônimo Marrocos.

Em nossas pesquisas, encontramos ainda o termo *crepe marocain*, como uma variante do nome de tecido *crepe marrocaïn* e *crepe marocain*, o que acontece com outros termos que denominam tecidos e fazem parte de nosso glossário, no entanto, não o registramos em nosso glossário por questões metodológicas, já que o critério para que constasse em nosso glossário é de que o termo seja registrado pelo menos uma vez em nosso corpus de partida, mas vale ressaltar que a unidade terminológica *crepe marocain* possivelmente tenha chegado ao português por meio do francês, pois de acordo com o *Trésor de la langue française*, essa unidade léxica é um adjetivo pátrio relativo a Marrocos (LE TRESOR DE LA LANGUE FRANÇAISE, 2017), e a língua portuguesa preferiu manter o termo tal como é escrito e pronunciado em francês. Desse modo, a unidade terminológica *crepe marocain* é um xenismo, já que o adjetivo *marrocaïn* advindo do francês *marocain* não sofreu alteração na sua forma, isto é, uma alteração na grafia ao ser adotado em língua portuguesa.

As unidades terminológicas *crepe marrocaïn* e *crepe marroquim* foram classificadas como empréstimos do francês, pois encontra-se na forma aportuguesada, e sofreu adaptações em suas grafias e pronúncias ao serem adotadas nessa língua.

CREPE ROMAIN

O *crepe romain* denomina um crepe feito de seda, poliéster ou viscose, originário da Itália, similar ao *crepe georgette*, porém mais fechado e apresenta granulação mais acentuada. Como tem um bom caimento, geralmente é utilizado na confecção de vestidos.

Figura 34 -Tecido Crepe romain



Fonte: CENTER FABRIL, c2015.

Crepe romain é um termo criado com referência ao topônimo *Roma*. Trata-se de um termo eponímico com epônimo banalizado, já que o epônimo se encontra sob a forma do adjetivo pátrio *romain* (romano) que indica a proveniência geográfica desse crepe. Consideramos o termo um xenismo, uma vez que a lexia *romain* é francesa e foi desse modo que ela foi inserida no português, isto é, tal como se escreve em francês.

DAMASCADO, ADAMASCADO

Damascado e adamascado denominam um tecido também conhecido como *damasco*, que já foi descrito anteriormente na subseção 6.1 “*Termos eponímicos com epônimos na forma original*”. Tanto *damasco*, quanto *damascado* e *adamascado* constam em apostilas técnicas utilizadas em cursos de Ensino Técnico e de Graduação do setor têxtil como substantivos. Também são empregados em sites que trabalham diretamente com a venda de tecidos como substantivos comuns.

Figura 35 - Tecido Damasco, Adamascado



Fonte: CAETANO, 2013.

Damascado, *adamascado* e *damasco* são três termos que denominam um mesmo conceito: um tecido de seda com flores e desenhos em relevo, originário da cidade de Damasco, e que é muito utilizado em artigos de tapeçaria.

Verificamos que, no caso das unidades terminológicas *damascado* e *adamascado*, temos dois substantivos comuns derivados de *damasco*, portanto, esses dois são termos eponímicos com epônimos na forma banalizada, de acordo com os critérios que adotamos no âmbito deste trabalho.

Verificamos que a unidade léxica chegou ao português pelo latim *Damascus*: “(....) Tecido de seda com trama ornamental de cetim e tafetá, com flores e desenhos em relevo originalmente fabricado em Damasco, Síria; ADAMASCADO” (AULETE, 2011, p.431). Essas informações nos permite classificar o termo *damasco* como um termo da língua portuguesa, já que não consideramos estrangeirismos as unidades terminológicas derivadas do latim.

DENIM

Denim denomina um tipo de tecido de algodão pesado, geralmente utilizado na confecção de calças jeans.

A unidade lexical *denim* foi criada na França no século XVII com base na expressão *serje de Nimes* (Sarja de Nimes) com referência à cidade do sul do país e era empregada para tratar desse tecido rústico, geralmente utilizado por trabalhadores (GORINI, 1999).

Figura 36 - Tecido Denim



Fonte: ALTA, c1999-2017b.

Verificamos, portanto, que *denim* é um termo eponímico com epônimo na forma banalizada, uma vez que esse termo é um substantivo comum derivado do topônimo Nimes e, em língua portuguesa, o nome do tecido não manteve a forma original do francês “Nimes”. Observamos, ainda, que se trata de um empréstimo advindo do francês, empréstimo, porque, ao chegar à língua portuguesa, essa unidade lexical sofreu alterações em sua grafia e pronúncia.

ESCOCÊS

A unidade lexical *escocês*, também conhecida como *tartan*, denomina um tecido com motivos em xadrez originário na Escócia. Como a sociedade tradicional escocesa funcionava em modo de clã, os membros de um clã eram identificados por meio das cores do escocês (*tartans*). Antigamente esse tipo de tecido era restrito apenas a famílias escocesas, que criavam uma “padronagem assinatura” para simbolizar o brasão da família. Há registros desse tipo de identificação a partir do século XVIII.

Figura 37 - Tecido Escocês



Fonte: MUNDO DOS TECIDOS, [2017].

Escocês, é, então, um termo eponímico com epônimo banalizado, visto que é um substantivo derivado do nome próprio Escócia, país em que o tecido foi fabricado pela primeira vez. Consideramos o termo “escocês” substantivo porque além de denominar um tipo de tecido, ele é apresentado como entrada de verbetes dos glossários de apostilas técnicas e sites que trabalham diretamente com venda de tecidos, que serviram de fontes para nosso estudo. Esse termo é um empréstimo, já que chegou ao português por meio do espanhol *escocés*: “(...) 2 Diz-se de tecido de cores vivas, confeccionado em riscas cruzadas e quadradas. ETIMOLOGIA: der. do top. *Escócia*+ês, como esp *escocés*. (ESCOCÊS, 2017). Consideramos, portanto,

escocês um empréstimo do espanhol, uma vez que ao ser adotado em português sofreu adaptações em sua grafia.

LONA

Lona denomina um tipo de tecido de algodão pesado, caracterizado pela resistência e impermeabilidade. Ela é utilizada na confecção de roupas, estofados, toldos, bagagens e como material de proteção para transporte de cargas.

Figura 38 -Tecido Lona



Além de ser reconhecida como um tecido pelos profissionais do setor têxtil, é também classificada como matéria prima.

Fonte: MALHARIA IPANEMA, c2015.

Lona recebeu esse nome por ter sido inicialmente criada na cidade de *Ollone*, na França, portanto é um epônimo criado com base em um topônimo. Nesse caso, temos em *lona* um termo eponímico com epônimo banalizado, visto que *lona* é um substantivo comum derivado de um nome próprio, que, ao ser criado, não manteve a forma original do nome da cidade. Temos ainda nesse termo um empréstimo, que provavelmente, chegou ao português por meio do francês, como podemos conferir no Dicionário Aurélio: “lona. [Do top. *Ollone*, da cidade francesa onde se fabricava esse tecido]” (FERREIRA, 2009, p.1227). Tendo como base essa informação e observando que, ao ser adotado pela língua portuguesa, o termo eponímico sofreu alterações na grafia e na pronúncia, consideramo-lo um empréstimo do francês.

LONITA

Lonita denomina um tipo de lona. A *lonita* é um tecido de algodão consistente e liso, geralmente utilizado na confecção de roupas como forros, jaquetas e outros artigos, por exemplo, chinelos e estofados.

Figura 39 - Tecido Lonita



Fonte: CIA DE PAPEL,[2017?].

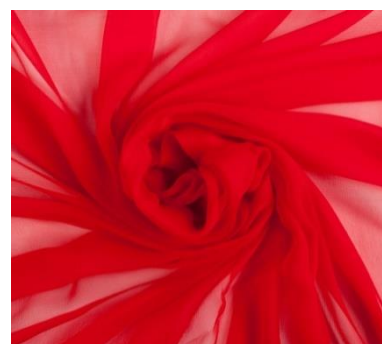
O termo *lona* é um epônimo que faz referência a um topônimo, a cidade francesa Ollone. Temos, então, em *lonita* um termo eponímico com epônimo banalizado, já que é um substantivo comum, acrescido do sufixo diminutivo “ita”, derivado de outro substantivo comum *lona*, que é derivada de um nome próprio: Ollone.

Trata-se de um empréstimo do francês, por ser derivado do nome próprio que denomina a cidade francesa Ollone e, ao ser adotado pelo português, sofreu alterações de grafia e de pronúncia.

MUSSELINE, MUSSELINA

Tanto *musseline* quanto *musselina* são epônimos criados com referência ao topônimo Mosul, uma cidade do Iraque, onde se acredita que o tecido tenha sido fabricado pela primeira vez.

Figura 40 - Tecido Musseline



Fonte: GOMES, 2016.

Esse tecido é feito de algodão leve, macio e transparente, e geralmente é utilizado na confecção de vestuários e artigos finos para decoração de ambientes como sala, cozinha e banheiro, conferindo elegância ao local em que é utilizada.

Temos, portanto, em *musseline* e em *musselina* termos eponímicos com epônimo banalizado, visto que ambos os termos foram derivados de um nome próprio: *Mosul*. Em *musseline* e em *musselina*, identificamos empréstimos, que provavelmente tenham chegado ao português pelo francês *mousseline*, pois podemos verificar a etimologia da lexia *musselina* no Dicionário Aurélio: “musselina. [Do fr. *mousseline*.]. S.f. Tecido leve e transparente, muito usado para roupa feminina” (FERREIRA, 2009, p.1378).

OXFORDINE

O termo *oxfordine* denomina uma variação do tecido *oxford* e é feito de algodão leve, geralmente utilizado na confecção de camisas.

No caso de *oxfordine*, temos um termo eponímico formado com epônimo banalizado, já que é um substantivo comum derivado do nome próprio *Oxford*, cidade da Inglaterra.

Esse termo, ao ser adotado pelo português, recebeu a terminação “ine”, por isso consideramo-lo um empréstimo, já que não manteve a forma original de *Oxford*, lexia da qual é derivado.

Figura 41 - Tecido Oxfordine



Fonte: OXFORDINE..., c2017.

OTOMANO, OTOMANA, OTTOMAN

Otomano, *otomana* ou *ottoman* denominam um tecido de lã macio, com trama de fio grosso, elaborado com algodão e viscose. Caracteriza-se por apresentar nervuras e é empregado na confecção de vestidos, casacos e estofados.

Figura 42 - Tecido Otomano, Otomana, Ottoman



Fonte: TECIDO...c1999-2017a.

Os termos eponímicos *otomano*, *otomana* e *ottoman* foram criados com base no antropônimo árabe *Uthman*, também conhecido como *Osmã* ou *Otman* (1280-1324), um imperador turco (AULETE, c2008).

Em *otomano*, *otomana* e *ottoman* temos termos eponímicos com epônimo na forma banalizada uma vez que trata-se de um substantivo comum derivado do nome próprio árabe *Uthman*, nesse caso o nome próprio não foi mantido na forma original quando os termos foram criados.

Consideramos em nossa tese os termos *otomano* e *otomana* empréstimos do francês, uma vez que são as formas aportuguesadas para se referir ao tecido criado em homenagem ao imperador *Uthman*. Podemos verificar a etimologia da unidade léxica *otomona* no Dicionário Aurélio: “otomana. [Do fr. *ottomane*] (...) Espécie de tecido para vestuário de senhoras” (FERREIRA, 2009, p. 1457). Já o termo *ottoman* foi classificado como um xenismo do francês de acordo com os critérios que estabelecemos, uma vez que trata-se de um termo que apresenta uma grafia que não é comum em língua portuguesa, isto é, é escrito com duas letras “t” e termina com “n”. *Ottoman* é um xenismo oriundo do inglês, já que é assim grafado naquela língua.

4.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EPÔNIMOS NA FORMA BANALIZADA

A respeito dos epônimos sob a forma banalizada, observamos que dos 46 termos eponímicos, 21 apresentam-se em forma banalizada, o que corresponde a 46% dos termos eponímicos analisados em nossa pesquisa. Esses foram criados em maior número (18) em referência a topônimos e apenas 3 em referência a um antropônimo.

4.5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS TERMOS EPONÍMICOS COM EPÔNIMOS NA FORMA ORIGINAL E BANALIZADA

Nesta subseção, faremos uma análise comparativa sob diversos aspectos, dentre eles termos eponímicos com epônimos na forma original *versus* na forma banalizada, a classe lexical predominante dos termos investigados (substantivos *versus* adjetivos), e a questão de gênero (isto é, homens e mulheres homenageados com a criação desses termos), antropônimos *versus* topônimos, e outros.

4.6 OS TERMOS EPONÍMICOS COM EPÔNIMOS NA FORMA ORIGINAL *VERSUS* EPÔNIMOS NA FORMA BANALIZADA

Neste subitem, procedemos a uma análise comparativa para verificar que tipos de termos eponímicos predominam no conjunto terminológico “nome de tecidos” do segmento Indústria Têxtil: dos termos eponímicos com epônimos na forma original ou na forma banalizada. Dos 157 termos que denominam 125 conceitos, foram identificados 46 termos formados por epônimos, isto é 29% do total dos termos que denominam tecidos estudados e apresentados em nosso glossário, caracterizando-se, portanto, como termos eponímicos. Embora o fenômeno da eponímia não tenha predominado, no que diz respeito ao processo de produção de termos no

âmbito geral, vale ressaltar que esses merecem estudo, uma vez que são unidades léxicas que faziam parte apenas de uma língua geral e que, ao longo do tempo, transformaram-se em unidades terminológicas, passando a integrar uma área de especialidade, nesse caso, o setor têxtil. Esses termos ainda trazem consigo toda uma história de como um profissional ou uma localidade contribuíram para a divulgação de certos tecidos e como isso refletia na História da região uma vez que se tratava do local em que o tecido fora fabricado pela primeira vez, por isso resolvemos dedicar um estudo mais aprofundado dos termos eponímicos encontrados em nosso corpus.

Nesta tese esses termos foram apresentados conforme os seguintes critérios:

- 1) termos eponímicos com epônimos na forma original;
- 2) termos eponímicos com epônimos na forma banalizada.

Esses termos são os que seguem:

Quadro 6 - Epônimos na forma original e epônimos na forma banalizada

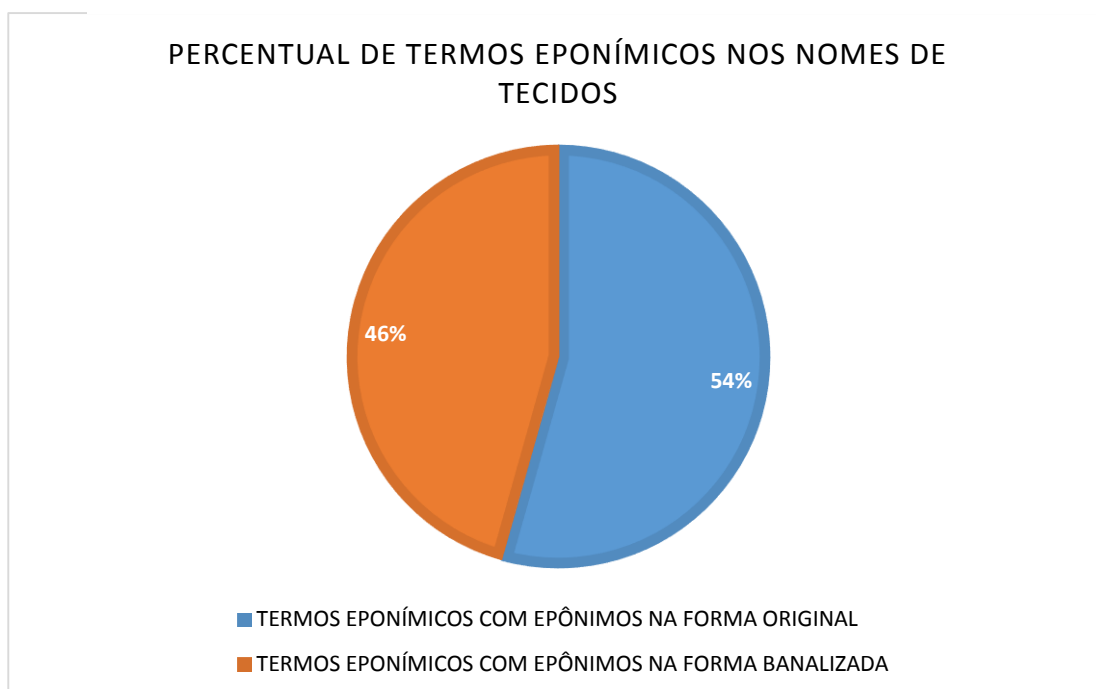
Epônimos na forma original	Epônimos na forma banalizada
1. astracã	1. angorá
2. batista	2. astracão
3. caxemira	3. cambraia
4. chambray	4. casimira
5. cheviot	5. cetim
6. crepe da China	6. crepe cetim
7. crepe Georgette	7. crepe marrocaín
8. crepe Suzette	8. crepe marroquim
9. crepe Susette	9. crepe romain
10. damasco	10. damascado
11. gobelin	11. adamascado
12. gros de Tours	12. denim
13. jacquard	13.escocês
14. jérsei	14. lona
15. jersey	15. lonita
16. madras	16. musseline
17. melton	17. musselina
18. oxford	18. oxfordine
19. panamá	19. otomano

20. príncipe de Gales	20. otomana
21. shantung	21. ottoman
22. shetland	
23. tweed	
24. vichy	
25. xantungue	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme observamos no quadro anterior, o fenômeno da eponímia se revelou mais produtivo, no que diz respeito ao processo de criação de termos do campo dos nomes de tecidos, com os epônimos na forma original: 25 contra 21 termos com epônimos na forma banalizada. Do ponto de vista percentual dos termos analisados, temos a seguinte distribuição:

Gráfico 1 - Percentual de termos eponímicos com epônimos na forma original e termos eponímicos com epônimos na forma banalizada



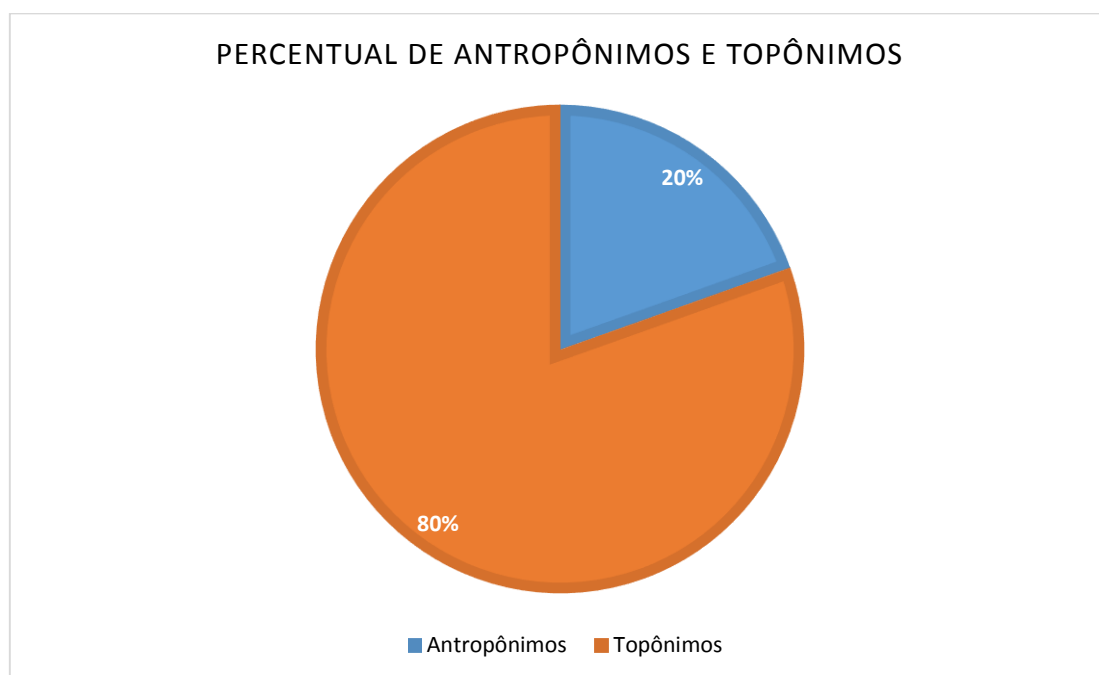
Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar no gráfico 1, 54% dos termos eponímicos de nossa pesquisa mantiveram os epônimos na forma original, isto é, mantiveram o nome próprios nos termos. Já com relação aos termos eponímicos com epônimos na forma banalizada, podemos verificar que

esses correspondem a 46% do total de termos eponímicos. Predominam, assim, epônimos na forma original, de acordo com os critérios que adotamos para a distinção desses dois tipos de epônimos.

Os epônimos que compõem os termos eponímicos que denominam tecidos podem ser topônimos ou antropônimos. Analisando os dados quantitativos, observamos em nossa pesquisa que 37 são topônimos e apenas 9 são antropônimos. Vejamos o percentual correspondente a esses números no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Percentual de termos eponímicos formados por antropônimos e por topônimos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar, a maioria dos epônimos encontrados em nosso corpus foi criada com base em topônimos (80% dos termos), tendo eles se mantido em sua forma original ou deles derivando (epônimos banalizados).

Com relação aos antropônimos, esses não se revelaram expressivamente produtivos no que diz respeito à criação de termos eponímicos (20%), visto que foram identificados apenas

nove casos, a saber, *Batista*, (*crepe*) *Georgette*, (*crepe*) *Susette*, (*crepe*) *Suzette*, *Gobelin*, *Jacquard*, *Otomano*, *Otomana* e *Ottoman* (que vêm de um nome próprio). Dentre esses nove termos com origem antroponímica, quatro foram criados com referência a profissionais do setor têxtil: *Batista* (renomado tecelão francês), *Georgette* (famosa estilista de moda parisiense), *Gobelin* (irmãos proprietários de um grande complexo de oficinas de produção de tecidos); *Jacquard* (mecânico tecelão que inventou a primeira máquina de tear mecanizada).

Susette ou *Suzette* participam da formação dos termos *crepe Susette* e *Crepe Suzette*. Embora não tenhamos informação de quem tenha sido *Suzette* ou *Susette*, esses também foram inseridos na lista de antropônimos para as análises.

Os termos *otomano*, *otomana*, *ottoman* foram criados com base no nome próprio Uthman, imperador turco, que, no início do século XI, transformou as tribos nômades que se mudaram para a Anatólia, hoje Turquia, em uma dinastia imperial. Nos séculos XV e XVI, o Império Otomano foi considerado um dos mais fortes estados do mundo (MAMEDES, 2014, p.15). Embora na língua geral *otomano* ou *otomana* sejam adjetivos pátrios, no domínio dos tecidos são substantivos comuns, uma vez que há a elipse da base “tecido” ao se referir aos nomes dos tecidos.

Dentre os antropônimos, percebe-se uma predominância de homenagem ou referência a pessoas do sexo masculino e apenas duas do sexo feminino. Percebemos, por meio de nossos dados, que apenas no final do século XIX, início do século XX, vê-se a figura de mulher que trabalha e é referência no mundo da moda: o caso Madame Georgette de La Plante, renomada estilista parisiense e contemporânea de Coco Chanel (estilista fundadora da marca Chanel).

Georgette foi homenageada ao ter seu nome utilizado para denominar um tipo de crepe, o *crepe Georgette*. Outro fator interessante é que se sabe pouco a respeito de sua biografia. De fato, ao pesquisarmos sobre essa estilista em sites nacionais e internacionais, não obtivemos tantas informações quanto as obtidas quando buscamos pelos profissionais do sexo masculino

aqui estudados (Batista, Jacquard e os irmãos Gobelins). As poucas informações sobre Madame Georgette são encontradas em alguns sites ingleses.

Nesses sites, encontramos mais detalhes sobre o tecido *crepe Georgette* do que dados sobre a estilista homenageada. O que se disponibiliza é a informação de que Madame Georgette de la Plante viveu no final do século XIX, início do século XX, foi a primeira a utilizar o tecido que recebeu seu nome e que esse ficou conhecido a partir do ano de 1915. Com relação a Suzette, mulher que foi homenageada ao ter seu nome utilizado para denominar um tipo de crepe, o *crepe Suzette* ou *crepe Susette*, não há sequer informação de quem ela tenha sido, como já explicamos na subseção 5.1 *Termos eponímicos com epônimos na forma original*, no bloco de informações sobre o tecido *crepe Suzette*, *crepe Susette*.

Já no caso dos profissionais do sexo masculino Jean Baptiste (século XIII), os irmãos Jean e Philibert Gobelin (século XV) e Joseph Marie Jacquard (fim do século XVIII-início do século XIX) também homenageado com seu nome dado à primeira máquina de tear mecanizada, inventada por ele), encontramos uma vasta biografia de cada um desses profissionais, tanto em fontes nacionais quanto internacionais.

O fato de os homens serem, na maioria dos casos, os homenageados quando se denomina um tecido ou equipamento e que sobre eles há farto material bibliográfico, enquanto que sobre as mulheres muito pouco ou nada se informa, demonstra um machismo característico desses séculos (XIII, XV, XVIII e meados do XIX), em que a mulher não fazia parte do mercado competitivo de trabalho e, mesmo quando passou a trabalhar, ainda enfrentava preconceitos e não era reconhecida.

Em meados do século XIX, a mulher começou a se vestir de modo diferente, pois no período anterior a esse aquelas que vestiam moda e andavam desacompanhadas nas ruas eram consideradas prostitutas, como destaca Brandini (2009, p.83). No mundo da moda, Coco Chanel revolucionou por se destacar como estilista, empresária de sucesso e pelas roupas que produzia

pensando na mulher moderna, que utiliza transporte público e, portanto, precisa de liberdade de movimento.

Quanto à nacionalidade dos antropônimos, podemos observar que a maioria deles é de franceses. Uma explicação para esse fato é de que a França tem sido, há séculos, referência, não apenas no que diz respeito à produção têxtil, mas também no que tange à disseminação de novos tecidos por toda Europa e, conseqüentemente, isso se refletiu na formação de termos eponímicos com antropônimos que denominam tecidos.

Com relação aos termos formados com base em topônimos, esses são em número de 37 e são os que seguem:

1. angorá
2. astracã
3. astracão
4. cambraia
5. casimira
6. caxemira
7. cetim
8. chambray
9. cheviot
10. crepe cetim
11. crepe da China
12. crepe marrocaín
13. crepe marroquim
14. crepe romain
15. damasco
16. damascado
17. adamascado
18. denim
19. escocês
20. gros de Tours
21. jérsei
22. jersey
23. lona
24. lonita
25. madras
26. melton
27. musselina
28. musseline
29. oxford
30. oxfordine

31. panamá
32. príncipe de Gales
33. shantung
34. shetland
35. tweed
36. vichy
37. xantungue

Esses termos foram formados em referência a cidades ou regiões de 13 países, a saber: França, Inglaterra, Índia, China, Síria, Rússia, Caxemira, Iraque, Itália, Escócia, Marrocos, Panamá e Turquia.

A seguir apresentamos um quadro com os termos eponímicos e os países que serviram de referência para que eles fossem criados:

Quadro 7 - Quadro dos países e dos termos eponímicos com origem toponímica

PAISES	TERMOS
FRANÇA	chambray gros de Tours vichy cambraia denim lona lonita
INGLATERRA	jérsei jersey melton oxford oxfordine príncipe de Gales Tweed cheviot
CHINA	crepe da China shantung xantungue cetim
SÍRIA	damasco adamascado damascado
CAXEMIRA	caxemira casimira

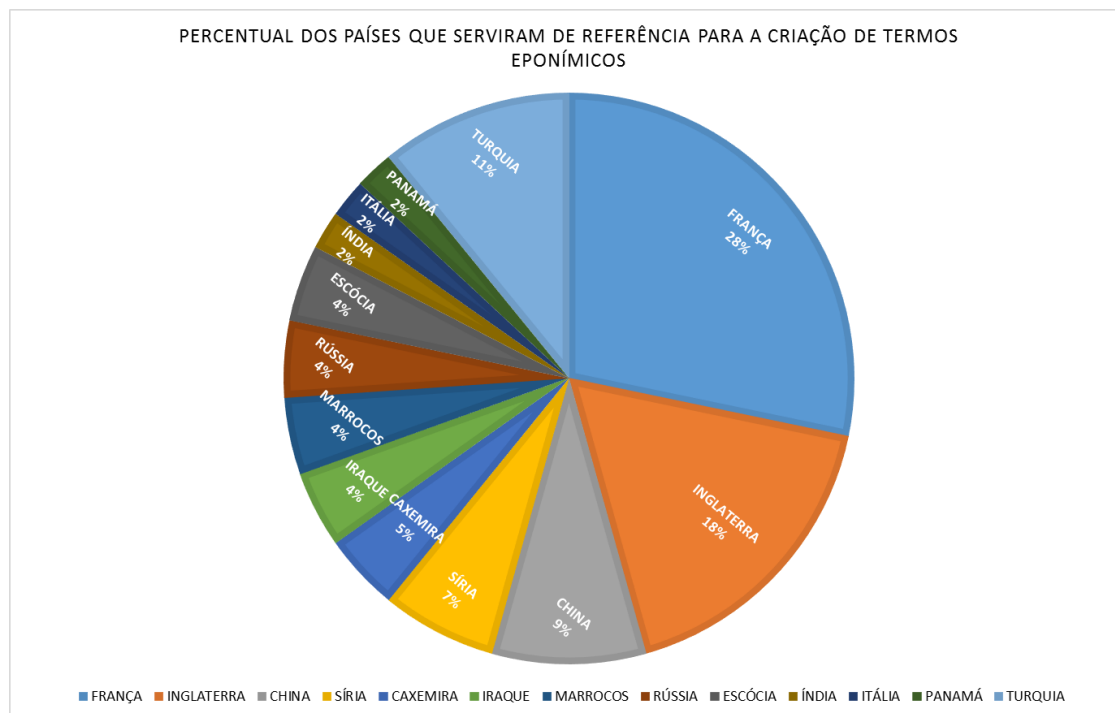
IRAQUE	musselina musseline
MARROCOS	crepe marrocaïn crepe marroquim
RÚSSIA	astracã astracão
ESCÓCIA	shetland escocês
ÍNDIA	madrás
ITÁLIA	crepe romain
PANAMÁ	panamá
TURQUIA	angorá otomano otomana ottoman

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar no quadro anterior, a França e a Inglaterra foram os países cujas cidades ou regiões mais serviram de base para a criação de termos eponímicos de origem toponímica. A China e a Turquia também são países que se destacam na formação desses termos. Síria, Caxemira, Iraque, Marrocos, Rússia, Escócia, Índia, Itália e Panamá também contribuíram para a formação de termos eponímicos de origem toponímica, mesmo que em número menor.

Considerando o percentual dos termos eponímicos formados com referência aos topônimos, temos os seguintes percentuais:

Gráfico 3 - Percentual dos países que serviram de referência para a criação de termos eponímicos de origem toponímica



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar no gráfico 3, 28% dos termos toponímicos foram criados tendo como referência regiões ou cidades da França, 18% foram criados com referência a cidades da Inglaterra, 9% correspondem aos termos eponímicos criados com relação a topônimos chineses, 11% são referentes a topônimos turcos, 7% corresponde aos termos toponímicos criados com base em lugares da Síria, 5% dos termos toponímicos referem-se à Caxemira; e 4% dos termos eponímicos remetem a lugares ou cidades do Iraque, Marrocos, Rússia e Escócia e apenas 2% correspondem a termos toponímicos advindos de locais na Índia, Itália e Panamá.

Em nosso estudo, a França foi o país que mais se destacou no que concerne aos topônimos que serviram de base para a criação de termos eponímicos. De fato, 05 termos eponímicos de origem toponímica, sejam eles na forma original ou na forma banalizada, foram criados em homenagem às seguintes cidades: Chambray, Nîmes, Ollone, Tours e Vichy e são os termos a seguir: *cambrayia*, *chambray*, *denim*, *gros de Tours*, *lona*, *lonita* e *vichy*.

A seguir apresentaremos parte do mapa da França em que as cidades que serviram de referência para a criação desses termos se encontram destacadas:

Figura 43 - Mapa da França



Fonte: GOOGLE MAPS, 2017.

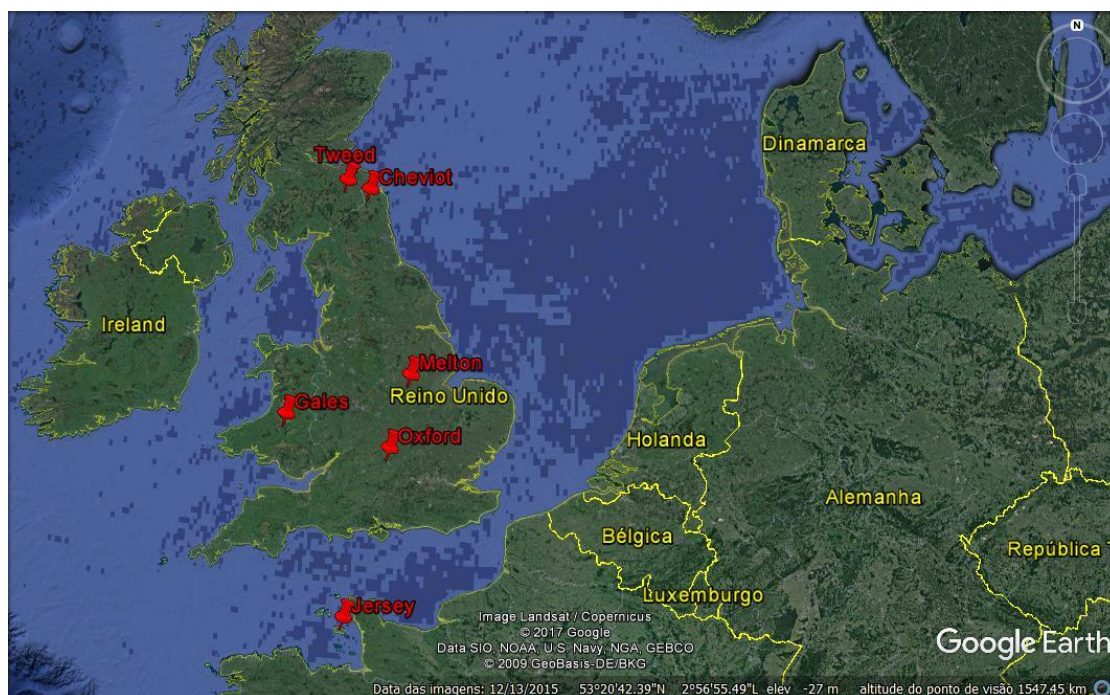
Ao analisarmos o mapa da França, observamos que as cidades que serviram de base para a criação dos termos eponímicos estudados em nosso conjunto terminológico estão distribuídas em vários pontos desse país, não se tratando de apenas uma região. Diante disso, percebemos a importância da França como um todo no que diz respeito à produção têxtil e à moda, diversas regiões foram e ainda são produtoras de tecidos. A França sempre foi e continua sendo referência não só em fabricar esses tecidos, mas também torná-los conhecidos em todo o mundo. Ela ainda tem sido, ao longo dos séculos, ponto de disseminação de novas ideias e produtos têxteis, tendo sido importadora de tecidos provenientes da Ásia, África e demais locais da Europa, tornando-os famosos. Como prova disso, podemos citar os tecidos *crepe marrocaïn*,

crepe romain e *musseline*. Assim, verifica-se que esses tecidos chegaram ao Brasil por meio da França. Ela faz o papel de receptora dos tecidos vindos de lugares de todo o mundo, transformando-os em moda e exportando-os para países que não possuíam relações comerciais com os de origem desses tecidos. O Brasil, por exemplo, conheceu os tecidos *crepe marrocaïn*, *crepe romain* e *musseline* por meio da França. Fica evidente a importância dela no mundo da moda até hoje, uma vez que esse país tem influência sobre o modo de se vestir no mundo inteiro há séculos, sendo a sede de marcas famosas.

A Inglaterra também tem sido um grande polo industrial têxtil e é o país que serviu de base para a criação de 18% do total dos termos de origem toponímica objetos de nosso estudo. Podemos explicar essa participação marcante da Inglaterra na produtividade terminológica dos nomes de tecidos por ser referência em produção têxtil. O período Vitoriano (1850) ficou famoso, por exemplo, pela inspiração na rainha Vitória. Essa época é conhecida pelos volumes e excessos nos vestuários femininos, característicos das peças dos vestuários utilizadas pela rainha. As mulheres chegavam a usar até 15 quilos de roupas, por conta das várias camadas de corpetes, acessórios como anáguas, xales e outros. Os tecidos mais utilizados eram *brocado*, *seda*, *tafetá*, *cetim* e *crepe*. Para os homens, a moda devia facilitar os movimentos (época da Revolução Industrial), por isso era composta de trajes sóbrios, sérios e impessoais (ORSI; CARMO, 2015).

A seguir apresentamos um mapa do Reino Unido que engloba Inglaterra e regiões próximas a ela que serviram de base para a formação de nomes de tecidos que fazem parte do nosso conjunto terminológico:

Figura 44 - Mapa Reino Unido



Fonte: GOOGLE EARTH, 2017.

Vale ainda destacar que foi na década de 1920 que o *jersey* ganhou destaque, pois foi nesse período que o tecido foi introduzido na vestimenta dos jovens, a moda ficou mais casual, mais urbana e era inspirada na arte, arquitetura e design (JACOMEL, [201-?]).

A Índia possui tradição milenar no que diz respeito à produção de matéria prima, fabricação de tecidos e confecção de peças do vestuário. Há registros, por exemplo, de que o tecido *madras* seja fabricado desde o ano 1600, mas foi em 1639 que os britânicos construíram um posto comercial na cidade então chamada Madraspatnam, local que se transformou na cidade de Madras, nome também dado ao tecido xadrez *madras* (AUGEN, 2011, p.120). Esse tecido ainda hoje é feito em fábricas locais e exportado para todo o mundo.

A China também ocupa espaço de destaque no ramo têxtil. Esse país possuía uma importante ligação comercial conhecida como a “Rota da Seda” que durou centenas de anos e se compunha de um conjunto de itinerários terrestres e marítimos que ligavam o Oriente e o Ocidente. Por meio dessa rota era possível a transferência não só de tecidos, mas também de

técnicas de produção (LOURIDO, 2006, p.1073). Com o tempo e a chegada da Idade Moderna, novos tecidos de seda, como o *shantung*, feito com seda selvagem, foram surgindo e ganhando espaço na moda. Esse tecido, por exemplo, é utilizado na confecção de roupas finas, como vestidos de noivas e caracteriza-se por ser brilhante e ter aspecto encorpado, tem uma textura leve e é elegante. A China ainda hoje ocupa uma posição de destaque na exportação de têxteis, pois dispõe de vantagens em relação a outros países, como baixo custo de energia, juros baixos e mão de obra barata, o que a coloca entre os países de maior competitividade no ramo têxtil.

Foi por meio da Síria que o Ocidente entrou em contato com o tecido damasco, visto pela primeira vez na cidade de Damasco pelos cavaleiros das Cruzadas em meados do século XII (SAYURI, 2010). Esse tipo de tecido já existia, no entanto, no Oriente, mas a Síria acabou por ser a referência ocidental desse tecido, por isso esse recebeu os nomes *damasco*, *adamascado* e *damascado*.

De acordo com os dados de nossa pesquisa, a Síria e suas regiões não constituem base para grande número de termos eponímicos, provavelmente por não ter uma indústria têxtil que seja referência para o Brasil, o que não significa que não seja para outros países.

A Caxemira é um território disputado pela Índia e o Paquistão, no que diz respeito à economia dessa região, merecem destaque as indústrias de tecidos, alimentos e bebidas, em geral controladas pela Índia ou Paquistão e voltados para o comércio interno (SANTOS, 2011). Nessa região produz-se o tecido *caxemira*, feito de lã. É considerado um dos têxteis mais luxuosos e caros. Esse tecido ficou famoso quando Napoleão passou a utilizá-lo. A caxemira mantém-se na moda há muitos anos.

O Iraque também ficou famoso no que diz respeito à fabricação de tecidos, destacam-se entre eles a *musselina* ou *musseline*, que recebeu esse nome por ter sido fabricada pela primeira vez em Mossul. Esse tecido de textura fina, feito de algodão e linho era utilizado pelos egípcios para mumificar seus mortos. Por séculos a Índia e Bangladesh eram conhecidos por fabricarem

musselinas exóticas (CONEXÃO TECIDOS.COM, 2017). Hoje, esse tecido apresenta algumas modificações, no entanto continua sendo considerado fino e utilizado na confecção de roupas festivas.

A história da Escócia também é marcada pela produção de determinados tecidos, e podemos citar como exemplo o tecido *escocês (tartan)*. Em meados do século XII já havia registros do uso de tecidos com motivos em xadrez (tecido escocês) que apenas famílias nobres utilizavam. Como a sociedade escocesa é dividida em clãs, o aspecto xadrez do tecido era distinto de família para família e representava a qual clã a pessoa que o utilizasse pertencia (BANCO DO TECIDO.COM, 2016).

No setor têxtil, a Rússia também tem desempenhado um papel importante. No século XIX, o país ocupava o quarto lugar na produção têxtil mundial, por volta de três milhões de pessoas trabalhavam nas manufaturas e os estabelecimentos comerciais empregavam por volta de 10.000 operários (BURNS, 2011). Foi nessa época que os termos *astracã* e *astracão*, objetos de estudo nesta tese, passaram a denominar o tecido feito com lã do animal de mesmo nome. Esses termos são oriundos do nome da região russa Astracã, como já explicamos na subseção 6.1 *Termos eponímicos com epônimos na forma original*.

A Itália sempre foi, ao longo dos séculos, grande produtora de tecidos e inovadora no que concerne à moda. Incentivada pelo governo ao promover o desenvolvimento das indústrias têxteis, teve um aumento de 300% de suas vendas nesse setor entre 1895 e 1914, as indústrias de seda e algodão foram as que mais tiveram destaque, no que diz respeito às exportações nessa época (BURNS, 2011). As sedas italianas conquistaram o auge da fama nos séculos XIV e XV e influenciam o design têxtil até o presente (SAYURI, 2010). Vale ainda citar que a cidade de Florença também era renomada por exportar tecidos feitos com lã importada da Inglaterra nos séculos XIV e XV. Esse país ainda hoje é referência de moda para diversos países do mundo. A cidade de Milão, por ser um grande centro de moda, é internacionalmente conhecida, por isso

a Semana de Moda em Milão tornou-se um evento de referência no mundo *fashion*. No entanto, não é apenas esse local o responsável por tornar a Itália um polo da Indústria têxtil, pois a cidade de Prato também é conhecida por suas indústrias têxteis, especializadas na produção de artigos de lã (ANDRADE, 2017).

Tendo em vista esses dados sobre a Itália, ressaltamos que em nosso corpus há registros de termos oriundos desse país, no entanto apenas um termo eponímico com origem toponímica foi identificado, no caso, com referência à cidade de Roma, sendo esse termo o *crepe romain*.

O Panamá é um país que possui pequeno setor têxtil em relação aos outros países que foram utilizados como base para a formação dos termos eponímicos de nossa tese. Em nossas buscas encontramos poucas informações a respeito desse país no que concerne à produção e comercialização de tecidos, no entanto, em nosso estudo foi encontrado um termo eponímico de origem toponímica, o tecido *panamá*, que foi criado com referência a esse país. Esse é o único termo do domínio “nomes de tecidos” que faz referência a esse país.

A Turquia tem tradição milenar no que diz respeito à produção de tecidos. Registros mostram que desde 6.500 a.C, a cidade Çatal Huyuk, localizada na região Centro-sul da Turquia, foi a primeira a se preocupar com vestuário e as fibras mais utilizadas pela população desse local eram o algodão, a lã e o linho. No final do século XV e início do século XVI, a Turquia também ficou famosa pela produção de tapetes. Esses eram considerados um dos artigos de exportação mais caro do mundo islâmico e só as elites do mundo ocidental podiam ostentá-los em suas residências (HALLET, 2017). O tecido *angorá*, por exemplo é oriundo de Ancara, na Turquia, é comercializado há séculos para a confecção de roupas de inverno.

Percebemos, então, que as treze cidades/ regiões utilizadas como base para a criação de termos eponímicos com epônimos na forma original ou na forma banalizada das quais encontramos registro em nosso estudo são locais que de algum modo contribuíram para a fabricação e/ou exportação de diversos tecidos e também para o mercado da moda em algum

período da história. Portanto, esses termos trazem consigo a história e a cultura de um povo em um determinado período.

Com relação a classes lexicais dos epônimos, a que apresentou maior produtividade na criação dos termos eponímicos aqui estudados foi o substantivo, uma vez que todos os termos estudados nesta tese são substantivos comuns, pois denominam nomes de tecidos. No caso dos termos *adamascado* e *damascado*, por exemplo, também temos dois substantivos, já que possivelmente há uma base suprimida da lexia “tecido” para se referir a eles, pois entre os especialistas não se faz necessário utilizar a base “tecido” para se referir a um tecido. Esses utilizam diretamente o nome, fato que comprovamos nas apostilas técnicas que compuseram nosso corpus e nos sites que trabalham diretamente com a venda de tecidos.

Dos 46 termos eponímicos que denominam tecidos, apenas três apresentam adjetivos como determinantes, a saber: *crepe marrocaïn*, *crepe marroquim* e *crepe romain* e três apresentam locuções adjetivas em seus determinantes, são eles: *crepe da China*, *Gros de Tours* e *Príncipe de Gales*. Outro fato que nos chamou a atenção é que os adjetivos e locuções adjetivas estão relacionados à região geográfica onde o tecido foi fabricado pela primeira vez, portanto são todos adjetivos pátrios.

Desse modo, percebemos que os adjetivos só apareceram em nossos dados como parte de termos eponímicos cujo epônimo é de origem toponímica. De fato, não foi encontrado em nosso conjunto terminológico nenhum termo cujo epônimo se apresenta sob forma de adjetivo e de locução adjetiva e que seja de origem antroponímica. Acreditamos que os termos que seriam considerados como adjetivos em língua geral, tenham sido formados por elipse lexical da base “tecido”. Assim, por exemplo, “tecido adamascado”, “tecido damascado” e “tecido escocês”, deram origem apenas a *adamascado*, *damascado* e *escocês*. Isso se justifica, possivelmente pela questão de economia linguística, os especialistas omitem a base *tecido* para

se referirem a esses termos, visto que dentro do domínio “nome de tecidos” todos o são. Os adjetivos mudaram, então, na comunicação entre os especialistas, de classe lexical.

Observamos ainda que a produção lexical de termos eponímicos não se dá fortemente pela composição sintagmática, como ocorre em outras áreas de especialidade como a Medicina, por exemplo. De fato os conceitos são denominados predominantemente de forma sintética por meio de termos simples. Em um conjunto de 46 termos eponímicos foram encontrados apenas 10 termos sintagmáticos e desses oito denominam tipos de *crepe*. Os termos sintagmáticos ao qual referimos são: *crepe cetim*, *crepe marrocaïn*, *crepe marroquim*, *crepe romain*, *crepe Georgette*, *crepe Suzette*, *crepe Susette*, *crepe da China*, *gros de Tours* e *príncipe de Gales*.

Dos dez termos eponímicos sintagmáticos que encontramos em nossa pesquisa, quatro possuem determinante sob a forma de adjetivo: *crepe marrocaïn*, *crepe marroquim* e *crepe romain*; três possuem o determinante sob a forma de topônimo original: *crepe da China*, *gros de Tours* e *príncipe de Gales*. Portanto, há tendência, no conjunto terminológico dos nomes de tecidos, a predominar denominação específica para cada tipo de tecido e esses tipos não serem a base de elaboração de termos que denominam subtipos de tecidos. No caso do *crepe*, esse é de largo uso pela população mundial, talvez por isso a indústria têxtil tenha adaptado o tecido a diferentes necessidades de uso. Por esse motivo, a criação de subtipos de *crepe* levou à criação neológica por composição sintagmática tendo como base o termo mais genérico *crepe*.

Com relação aos estrangeirismos, podemos afirmar que houve predomínio do empréstimo, uma vez que de 46 termos eponímicos, 24 (52%) foram classificados como empréstimos, de acordo com os critérios utilizados por nós, ou seja essas unidades terminológicas sofreram adaptações fonético-fonológicas ao serem adotadas pelo português. Por sua vez, 19 dos termos eponímicos (41%) são xenismos e apenas 3 termos (7%) foram classificados como termos da língua portuguesa. Percebemos, então, que no que diz respeito

aos estrangeirismos eponímicos no domínio da Indústria têxtil há uma predominância de criação de termos por empréstimo.

5 GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DOS NOMES DE TECIDOS

Este glossário foi elaborado com o objetivo de contribuir para o estudo do perfil do conjunto terminológico dos nomes dos tecidos e para registrar, de modo cientificamente embasado, os dados sobre os termos que denominam esses tecidos. De fato, como explicamos no item 3.2 *Delimitação do domínio*, há vários glossários disponíveis na Web que listam nomes de tecidos, mas, ao que nos conta, nenhum foi elaborado com o rigor metodológico da Terminologia. Também nenhum deles trata os termos como unidades do léxico, indicando categoria gramatical e mostrando seu uso em comunicação (portanto não apresentam contextos de uso dos termos).

Nosso glossário é fruto de um tratamento científico dos termos e dos conceitos (relativos ao domínio dos tecidos) que esses denominam. Apresenta dados que descrevem a unidade terminológica do ponto de vista semântico-conceitual e de seu funcionamento em comunicação. Também permite ao leitor compreender o lugar de cada conceito dentro de um conjunto de conceitos da área.

O glossário compõe-se de 157 termos que denominam 125 conceitos e os dados sobre cada termo estão dispostos sob a forma de verbete, em ordem alfabética.

Ao glossário demos uma configuração de macroestrutura e microestrutura que garanta informações fundamentais à compreensão dos conceitos e termos que os denominam. Na sequência explicamos a organização desses dois componentes estruturais do glossário.

5.1 A MACROESTRUTURA

A macroestrutura do glossário compõe-se dos verbetes dispostos em ordem alfabética das entradas, seguidos dos respectivos dados terminológicos. A lista de verbetes é precedida do conjunto de termos do domínio dos nomes de tecidos sob a forma de sistema conceitual. Desse modo, o consulente pode ter uma visão panorâmica dos termos e conceitos do domínio, suas relações e dados.

Sentimos a necessidade de organizar os termos do domínio estudado em um sistema conceitual, porque o sistema determina os limites de nossa pesquisa e propõe uma estruturação do domínio, deixando claras as relações conceituais mantidas entre eles.

Como elegemos para estudo os termos de uma subárea da Indústria Têxtil, a saber, “os nomes dos tecidos”, nosso sistema conceitual apresenta uma estrutura simples, composta de apenas um macrocampo conceitual.

Em nosso glossário, os nomes dos tecidos contabilizam 157 termos que denominam 125 conceitos e o campo conceitual foi organizado em ordem alfabética dos termos, assumindo a seguinte configuração:

1. Nomes dos tecidos

- 1.1. angorá, mohair
- 1.2. aniagem
- 1.3. arrastão
- 1.4. astracã, astracão
- 1.5. baeta
- 1.6. bailarina
- 1.7. batik
- 1.8. bayadere
- 1.9. botonê, botoné
- 1.10. bouclê, buclê

- 1.11. brim
- 1.12. brocado
- 1.13. cambraia, batista
- 1.14. camurça
- 1.15. canelado, reps
- 1.16. canvas
- 1.17. carpete
- 1.18. caxemira, casimira
- 1.19. cetim
- 1.20. challis
- 1.21. chamalote, moiré
- 1.22. chambray
- 1.23. chape
- 1.24. charmeuse
- 1.25. chenille
- 1.26. cheviot
- 1.27. chevron, espinha de peixe
- 1.28. chiffon
- 1.29. chintz
- 1.30. chita
 - 1.30.1. chitão
- 1.31. cirê, laquê, glacê
- 1.32. clidelia
- 1.33. cloquê
- 1.34. cotelê, cotelé, corduroy
- 1.35. crepe
 - 1.35.1. crepe cetim
 - 1.35.2. crepe da China
 - 1.35.3. crepe de lã
 - 1.35.4. crepe Georgette
 - 1.35.5. crepe marrocaín, crepe marroquim
 - 1.35.6. crepe mousse
 - 1.35.7. crepe romain
 - 1.35.8. crepe Suzette, crepe Susette
- 1.36. crepom
- 1.37. cretone
- 1.38. cristal
- 1.39. damasco, adamascado, damascado
- 1.40. denim
- 1.41. devorê, devoré
- 1.42. dupla face, double-face
- 1.43. entretela
- 1.44. escocês, tartan
- 1.45. etamine, lãzinha
- 1.46. faille
 - 1.46.1. faillete
- 1.47. feltro

- 1.48. fil a fil
- 1.49. flamê
- 1.50. flanela
- 1.51. flocado
- 1.52. fustão
- 1.53. gabardine
- 1.54. gaufrê
- 1.55. gaze
- 1.56. gingham
- 1.57. gobelin
- 1.58. gorgurão
- 1.59. granitê, musse
- 1.60. grisette
- 1.61. grous de tours
- 1.62. guipire
- 1.63. helanca
- 1.64. ikate
- 1.65. jacquard
- 1.66. jérsei, jersey
- 1.67. juta
- 1.68. laise
- 1.69. lamê
- 1.70. lingerie
- 1.71. linho
- 1.72. listrado
- 1.73. lona
 - 1.73.1. lonita
- 1.74. lycra
- 1.75. madras
- 1.76. marquissette
- 1.77. melton
- 1.78. microfibra
- 1.79. morim
- 1.80. musseline, musselina
- 1.81. ninho de abelha, favo de mel, piquet
- 1.82. nylon, náilon
- 1.83. otomano, otomana, ottoman
- 1.84. oxford
 - 1.84.1. oxfordine
- 1.85. panamá
- 1.86. patchwork
- 1.87. pelúcia, plush
- 1.88. percal
- 1.89. pied- de-coq
- 1.90. pied-de- poule
- 1.91. poliéster
- 1.92. pongee

- 1.93. príncipe de Gales
- 1.94. risca de giz
- 1.95. sarja
- 1.96. seda
- 1.97. serge
- 1.98. shantung, xantungue
- 1.99. shetland
- 1.100. tafetá
- 1.101. talagarça
- 1.102. tergal
- 1.103. tricoline
- 1.104. tricotine
- 1.105. tropical
- 1.106. tubic
- 1.107. tussor
- 1.108. tweed
- 1.109. twill
- 1.110. vichy
- 1.111. voile, voal
- 1.112. xadrez
- 1.113. zuarte

Os termos dispostos nesse sistema conceitual permitem ao leitor ter uma visão mais clara das relações semânticas conceituais mantidas entre os 157 termos.

Nesse sistema, o conteúdo conceitual das unidades terminológicas dispostas nos diferentes níveis obedece a uma orientação que vai do genérico ao específico, pois os conceitos superordenados possuem uma superioridade no que concerne à extensão semântica e a situação contrária ocorre com os conceitos subordinados.

As unidades terminológicas que compõem esse sistema conceitual constituem o objeto de estudo de nossa investigação científica.

Quando um termo possui variantes ou sinônimos, todas as denominações desse mesmo conceito são registradas no mesmo símbolo de classificação (referência numérica à esquerda), separados por vírgula.

O critério para o registro do termo como o primeiro dessa sequência foi a maior frequência de uso no corpus e entre os especialistas da área. Esse é, portanto, considerado como forma privilegiada e os demais como variantes ou sinônimos.

Em nosso glossário utilizamos as seguintes abreviações, seguidas de seus respectivos significados:

simb.: símbolo clas.: classificação

s.f: substantivo feminino

s.m: substantivo masculino

5.2 A MICROESTRUTURA DOS VERBETES

Compõem a microestrutura dos verbetes os seguintes campos de informações: o termo entrada+ categoria gramatical+ símbolo de classificação+ outras denominações+ definição+ referência bibliográfica da obra ou site fonte das definições + contexto de uso+ fonte do contexto de uso.

Os verbetes que compõem a macroestrutura de nosso glossário foram dispostos em ordem alfabética dos termos-entrada, uma vez que acreditamos ser esse um formato mais prático para o consulente, visto que respeita seus hábitos de leitura.

As entradas dos verbetes do glossário consistem, via de regra, de termos utilizados com mais frequência dentro de uma série sinonímica; é, portanto, a forma privilegiada, os demais termos que denominam o mesmo conceito são registrados em lugar específico dentro do verbete, no campo *Outras denominações*.

Logo após a entrada, encontra-se o campo *categoria gramatical*, que indica a classe lexical e o gênero do termo-entrada. Todos os termos que constituíram objeto de estudo de nossa pesquisa são substantivos.

O campo *Símbolo de classificação* indica a posição que esse termo ocupa no sistema conceitual dos nomes dos tecidos.

O campo *Outras denominações* apresenta os termos que têm o mesmo conceito do verbete-entrada, mas que são usados em menor frequência.

Em nosso glossário, não elaboramos as definições, por isso no campo *definição* são apresentadas definições extraídas de obras e sites do domínio têxtil que trabalham com a subárea “tecidos”.

Neste campo também estão disponíveis as referências bibliográficas das apostilas utilizadas em cursos técnicos e de graduação e sites do domínio têxtil, das quais foram extraídas as definições de cada termo.

No *campo contexto de uso*, apresentamos um enunciado no qual o termo entrada do verbete é utilizado. Esse contexto foi retirado das apostilas utilizadas em cursos técnicos e de graduação ou de sites que trabalham diretamente com tecidos (lojas, fabricantes e outros).

Ao final de todas etapas metodológicas, observamos que um glossário composto pelos termos que compunham nosso corpús de levantamento de termos serviria para auxiliar alunos de cursos técnicos e de graduação do setor têxtil e também profissionais que trabalham com a venda direta de tecidos. Entendemos que um glossário que apresentasse não apenas uma definição, mas também contextos de uso poderia ser útil a todos que trabalham nesse ramo, pois a maioria das listas de nomes de tecidos, consultadas na web, não trazem um contexto de uso para os tecidos que são apresentados.

Observamos também que muitos tecidos apresentam outra denominação, por isso mantivemos essas outras denominações em nosso glossário, quando elas ocorriam e eram encontradas no corpus de levantamento dos termos eram inseridas no verbete destinado a cada nome de tecido. Consideramos relevante mantê-las porque um mesmo nome de tecido pode ser comercializado com nomes diferentes em diversas regiões do país, e tal fato foi constatado ao realizarmos pesquisas na web procurando os nomes de tecidos que faziam parte do nosso corpus de levantamento.

5.3 GLOSSÁRIO DOS NOMES DE TECIDOS

ANGORÁ: s.m

simb. de class: 1.1

Outras denominações: mohair

Definição: Nome genérico de tecidos produzidos com fios de pelo da cabra Angorá. Também conhecido como Mohair animal (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Esse tecido é ideal para roupas térmicas. É procurado pela sua durabilidade, aquecimento e textura. O **angorá** é muito mais quente que lã e é perfeito para que sofre de alergias à lã* (ANGORÁ, [201-?]).

ANIAGEM: s.m

simb.de class: 1.2

Outras denominações: -

Definição: Tecido grosseiro de juta, sisal ou cânhamo usado para sacaria (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Aniagem** é um tecido rústico de algodão, linho cru, juta ou outra fibra vegetal. Era utilizado para diversos fins, desde a confecção de sacos e fardos até a produção de cartuchos de pólvora* (FORTALEZAS.ORG, 2017).

ARRASTÃO: s.m

simb.de class:1.3

Outras denominações: -

Definição: Tecido com ligamento aberto formando furos, apresentando baixa gramatura e boa ventilação (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Os punks usavam roupa de baixo (underwear) como “roupa de cima”, as meias arrastão eram rasgadas, cortadas, usadas como mini saias. O tecido **arrastão** (também em tricô) era visto em blusas podendo estas posteriormente serem rasgadas pelos Góticos e Deathrockers* (MEIA/TELA 2016).

ASTRACÃ: s.m

simb.de class:1.4

Outras denominações: astracão

Definição :Tecidos que imitam a pele desse animal (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: 1) *Astracã: pele preta, cinza ou marrom, com pelos encaracolados e macios, de cordeiro caracul recém-nascido ou nonato, muito apreciada para agasalhos, e também, para enfeitar certas peças do vestuário. O tecido **astracã** imita essa pele (ASTRACÃ, c2017).* 2)

BAETA: s.f

simb.de class:1.5

Outras denominações:-

Definição: Tecido felpudo feito de lã (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Era de uso recorrente as mulheres do período colonial no Brasil, principalmente nos séculos XVI e XVII, cobrirem a cabeça e parte do rosto com a mantilha, rebuço ou embuço, feitos com **baeta**. Este costume perdurou até o século XIX em São Paulo, sendo a **baeta** o tecido mais utilizado nessa capitania pela classe mais abastada, posteriormente fazendo parte do vestuário das camadas mais pobres, incluindo os negros escravos (ARQUIVO NACIONAL, [201-?]).*

BAILARINA: s.m

simb.de class:1.6

Outras denominações:-

Definição :Tecido de malha de poliamida texturizada, de gramatura média (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Tecido **bailarina**- 100% algodão, nacional, ótima qualidade, por R\$ 15,41- ideal para cartonagem, encadernação manual, patchwork e trabalhos artesanais. Preço equivalente a 1 corte medindo 50 cm X 1,40 m. Peça 2 unidades e leve 2 cortes medindo 50 cm X 1,40m cada (MÃO E ARTE, [2017?]).*

BATIK: s.m

simb.de class:1.7

Outras denominações:-

Definição: Tecido estampado que imita o processo artesanal com mesmo nome (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Os tecidos **batik** estão entre os mais lindos do mundo, não acha? Mas também costumam ser os mais caros. Vamos falar um pouco sobre o processo de produção destes tecidos pra que você entenda melhor o valor dele [...]* (CONSENTINO, 2017).

BAYADERE: s.m

simb.de class:1.8

Outras denominações:-

Definição: Tecido com listras largas de brilho, cor ou aspecto diferente, no sentido da trama (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O bayadere é um tecido cujos desenhos formam listras brilhosas, cor ou aspecto diferentes no sentido da trama. É muito usado pelas dançarinas, listrado de cores variadas* (GOULART, 2017).

BOTONÊ: s.m

simb.de class:1.9

Outras denominações: botoné

Definição: Tecido fantasia com efeito de coco ralado, produzido com fios fantasia do mesmo nome e que têm pequenas bolotas de fibras enroladas (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Botonê também é um tecido produzido com um fio fantasia de mesmo nome e que têm pequenas bolas de fibras enroladas* (PRIVALIA, c2017).

BOUCLÊ: s.m

simb.de class:1.10

Outras denominações: buclê

Definição: Tecido com efeito fantasia de laçadas, resultando numa textura crespa, produzido com fio fantasia do mesmo nome (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *As laterais do colchão Chancellor e o Box são revestidos em tecido bouclê, esse tecido é um veludo com uma textura de alta resistência à fricção e perfuração e sua tecelagem é agrupada em filamentos. É confeccionada em algodão, sedã e lã e é semelhante ao veludo* (KING STAR COLCHÕES, [2017?]).

BRIM: s.m

simb.de class:1.11

Outras denominações: -

Definição: Tecido grosso em sarja, geralmente de algodão, usado para confecção de calças, blusões, jaquetas, macacões, etc (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O brim é um tecido muito forte e resistente, ele possui algumas variações na sua composição, podendo ser confeccionado em algodão, ou em uma mescla de algodão e poliéster* (MW UNIFORMES, 2014).

BROCADO: s.m

simb.de class:1.12

Outras denominações: -

Definição: Tecido de seda ou filamentos sintéticos entremeados com fios metálicos com desenhos em alto relevo, nome originado no italiano Broccato (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Brocado** é um tecido do tipo seda brilhante e luxuosa, feito com seda natural ou artificial, apesar que atualmente, também já é produzida com outros tipos de fio sintéticos. É considerado um tecido nobre e estruturado, cuja principal característica é a sua textura em relevo feita de fios coloridos ou metalizados, para dar uma aparência de estampas bordadas* (CRUZ, 2016).

CAMBRAIA: s.f

simb.de class:1.13

Outras denominações: batista

Definição: Nome originado da cidade de Cambraia, França. Trata-se de um tecido de algodão ou linho leve, que possui ligamento tela, para camisas e blusas finas. Já a cambraia de lã é um tecido mais pesado em ligamento sarja com fios de cores contrastantes no urdume e na trama, usado para ternos (TECIDOTECA, 2014).

Contexto de uso: *O tecido cambraia é utilizado para confecção de lençol de casal, edredon, forração de roupa, etc* (CATARINENSEIMPORTADORA E DISTRIBUIDORA, c2017a).

CAMURÇA: s.f

simb.de class:1.14

Outras denominações: -

Definição: Tecido aveludado de lã feltrada, imitando a camurça natural (TECIDOTECA, 2014).

Contexto de uso: *A camurça possui uma aparência mais rústica, visto que ela é couro virado ao contrário. O processo de criação da camurça passa por lavagens e é lixada para atingir a textura conhecida. Este tecido é mais utilizado em botas, mocassins, ponteyras, calcanheiras de tênis, jaquetas, bolsas e mochilas. A **camurça** combina com looks casuais, jeans, camisa xadrez, roupas para o campo ou visual urbano com leve toque country* (FLEXPÉ CALÇADOS, [2015]).

CANELADO: s.m

simb.de class:1.15

Outras denominações: reps

Definição: Tecido que apresenta listras verticais ou horizontais em relevo formadas pelo ligamento reps (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O tecido **canelado** é o queridinho de Kim Kardashian, tudo o que essa família usa vira tendência, elas são as novas ditadoras da moda. Esse tecido define o corpo sem apertar e se ajeita bem em cada curva do corpo. E se tratando de verão, precisamos de tecidos leves e confortáveis, aliás o conforto é a principal regra para as últimas tendências de moda. O tecido **canelado** é ideal*

para todas as épocas do ano, ele não é nem muito fino e nem muito pesado, ele possui listras em relevo verticais ou horizontais, pode ser em algodão, malha canelada ou tricô (TECIDO..., 2016).

CANVAS: s.m

simb.de class: 1.16

Outras denominações: -

Definição: Tecido denso de algodão em ligamento tela, usado para calças tipo jeans (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O tecido **canvas** de poliéster é uma ótima opção para personalização de quadros, fotos, nécessaire, estojo escolar, entre outros. Seu acabamento é fosco (PAINT COLOR. COM, c2015).*

CARPETE: s.m

simb.de class:1.17

Outras denominações: -

Definição: Tecido como tapete, porem produzido em peças para forração sob medida (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A Philips anunciou recentemente uma parceria com a companhia de materiais para pisos Desso para desenvolver **carpetes** transmissores de luz, com iluminação por LED integrada ao seu tecido [...] Imagens montadas para ilustrar melhor a ideia mostram um **carpete** direcionando pessoas para a área de coleta de bagagens de um terminal aéreo. O tecido poderia ser programado para enviar o público para áreas diferentes, de forma muito mais flexível que a sinalização estática. Além disso, ele também poderia ser utilizado para indicações temporárias, como para mostrar as saídas de emergência mais próximas em aviões e cinemas (ROCHA, 2013).*

CASIMIRA: s.f

simb.de class:1.18

Outras denominações: caxemira

Definição: Tecido de lã ou lã/poliéster, usado para a confecção de ternos, saias, tailleurs, etc (AMARAL, JAIGOBIND, JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A **casimira**, ou lã de **caxemira**, é um termo genérico para alguns tecidos de lã. Originalmente feitos a partir do pêlo da cabra-da-caxemira (região na fronteira da Índia com Paquistão), é uma lã de alto valor (INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 2017).*

CETIM: s.m

simb.de class:1.19

Outras denominações: -

Definição: Tecido de aspecto brilhante e liso, com toque macio, obtido com o ligamento de mesmo nome. O efeito é conseguido a partir do desligamento dos fios de trama no direito do tecido (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Peças em cetim entraram para a lista de tendências já em 2015, com o slip dress, e o item permanece como o queridinho da vez também para o verão 2017. O tecido vem ganhando força e incorporando vestidos, jaquetas bomber, blusas/camisas, calças e saias* (SARTORI, 2016).

CHALLIS: s.m

simb.de class: 1.20

Outras denominações: -

Definição: Tecido produzido com viscose fiada, originário da Índia; significa em Indú de toque agradável (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Challis- Composição: 100% viscose. Descrição: Tecido plano e leve com desenhos de flores, feito de viscose e/ou seda. Uso: Camisas, calças e vestidos. Fabricantes: Net Mode Fornecedores: Net Mode, QVC.* (BORGES, 2014).

CHAMALOTE: s.m

simb.de class:1.21

Outras denominações: moiré

Definição: Tecido com efeito de ondas obtidas por meio de calandragem. O mesmo que moiré (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A coleção delicada e bem elaborada pelo estreante Rodrigo Rosner causou boa impressão no segundo dia de desfiles da SPFW. Depois de participar de sete edições da Casa dos Criadores, o estilista foi uma das revelações da maior semana de moda do País. Seus looks, inspirados na mariposa, apresentaram formas suaves com detalhes drapeados, rendas como base para bordados exclusivos e aplicações com linhas metálicas. Nos tecidos estruturados e fluidos, destaque para o chamalote, organza e gazar de seda.* (MARIANO, 2012a).

CHAMBRAY: s.m

simb.de class: 1.22

Outras denominações: -

Definição: Tecido similar ao índigo (jeans), porém com ligamento tela, de gramatura média (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A moda brasileira remete sempre às cores vibrantes e estamparia bem tropical, com elementos da flora e fauna do País. Pensando assim foi que a Cactus – marca mineira de moda urbanwear – preparou-se para a temporada de Verão 2014. Para as mulheres, vestidos longos em tecidos fluidos, tomara-que-caia justinho, tops cropped em versões tie-dye e em chambray com aplicação de micro tachinhas, hot pants e conjuntos de saias e*

blusas, tudo inspirado pelas últimas tendências e em tons como coral, menta, verde esmeralda e branco. (MAQUINÁRIO ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO, 2013)

CHAPE: s.m

simb.de class:1.23

Outras denominações: -

Definição: Tecido produzido com fios de resíduos de Seda (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: **Chape** é um tecido resultante de fragmentos de seda com seus fios (CHAPE, [201-?]).

CHARMEUSE: s.m

simb.de class: 1.24

Outras denominações: -

Definição: Tecido cetim crepe, com uma trama suplementar no avesso (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007)

Contexto de uso: *Leve, brilhante, maleável, liso e de excelente caimento. Impossível? Não. O tecido **charmeuse** é um diferencial para quem deseja conforto e sofisticação ao mesmo tempo.*

*A coleção Show Me, da Recco Lingerie, usou e abusou da utilização do tecido que vem, cada vez mais, chamando a atenção. O robe de **charmeuse** com lindas estampas e também em vermelho, é uma das peças que está à venda em nosso site (MODA ROSA, 2014).*

CHENILLE: s.m

simb.de class:1.25

Outras denominações: -

Definição: Tecido felpudo de algodão, usado para colchas e roupões (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Aveludado e reluzente como uma lagarta, é a impressão que dá este tecido **chenille** de excelente qualidade. Este tecido **chenille** muito distinto e maleável é extremamente robusto e excepcionalmente resistente ao desgaste. É ótimo como tecido pesado para cortinas, ou para forrar mobiliário que tenha muito uso. Mas também pode ser usado para fazer peças de vestuário especiais: as suas fibras quentes são ótimas para cachecóis macios e aveludados, ou têxteis para maior conforto no lar. (TECIDOS.COM.PT, 2017)*

CHEVIOT: s.m

simb.de class:1.26

Outras denominações: -

Definição: Tecido de lã originário de carneiros da raça de mesmo nome, da Escócia. Estende-se esse nome a outros tecidos de lã com aspecto e toque semelhantes (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O **cheviot** é obtido a partir da lã de ovelha de mesmo nome, conhecido por sua lã obtida em cada tosquia. Essa ovelha é encontrada na fronteira da Inglaterra e da Escócia. Hoje também é feita a partir de produtos sintéticos, lãs reutilizadas e misturas. Muitas vezes, ela vem com uma padronagem semelhante à da sarja. É comumente utilizado em ternos e casacos. (CHEVIOT, [201-?]).

CHEVRON: s.m

simb.de class: 1.27

Outras denominações: espinha de peixe

Definição: Tecido de ligamento espinha de peixe, de origem francesa, que imita o desenho do chevron (divisas militares), muito usado em confecções masculinas (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O tecido **chevron** listrado vermelho Coleção Vicenza possui um desenho em zigue zague (**Chevron**) com suave relevo. Disponível em cores sólidas e vibrantes é tendência no setor de casa e decoração. Além disso, é um coringa na decoração em geral, pois pode ser utilizado para revestir cadeiras, sofás, poltronas, capas de sofá e também na confecção de almofadas (CVI TECIDOS E DECORAÇÃO, [2017?]).

CHIFFON: s.m

simb.de class:1.28

Outras denominações:-

Definição: Tecido muito fino e transparente de seda ou de filamentos químicos bem torcidos para confecções femininas. Nome originário do francês, que significa trapo (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: **Chiffon (França):** origina-se da palavra francesa que significa trapo. Trata-se de um tecido de seda produzido com fio bastante torcido e resistente. É um tecido aberto, o que lhe dá transparência. São utilizados fios retorcidos, usualmente dispostos de forma alternada (MOMENTO TÉCNICO, p.10, 2005).

CHINTZ: s.m

simb.de class: 1.29

Outras denominações:-

Definição: Tecido leve de algodão estampado originário da Índia (“chint”), em ligamento tela, com desenhos elaborados e coloridos, formando motivos naturais de pássaros ou florais em fundo claro, usualmente com aspecto brilhante e lustroso, obtido por processo de acabamento por calandragem, com aplicação principal em decoração. Denominação também usada para tecidos lisos em algodão ou poliéster/algodão, com o mesmo processo de acabamento (NICOLINI, 2008).

Contexto de uso: Originário da Índia, o “chint”, ou “**chintz**” - grafia em Inglês - se caracteriza por ser um tecido barato de algodão, estampado com motivos florais ou de pássaros (MARIANO, 2012b).

CHITA: s.f simb.de class: 1.30

Outras denominações:-

Definição: Tecido leve de algodão cardado, geralmente estampado em várias cores (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Chita** de vestido de festa junina, **chita** de toalha de mesa ou **chita** de cortininha de pia. Flores, florzinhas, florzonas. Às vezes até xadrezinhos e poás. Todo brasileiro que se preze viu, tocou ou ao menos ouviu falar dessa tal de **chita**. Volta e meia, ela é coroada máxima expressão de brasilidade. Outras vezes, ela é só um tecido baratinho, de estampas descontroladas. Mas a verdade é que o tecido percorreu um longo caminho antes chegar ao Brasil. A história da **chita** inclui viagens marítimas, antepassados orientais e muitas, muitas cores* (ANDREA, 2016).

CHITÃO: s.m simb.de class: 1.30.1

Outras denominações: -

Definição: Tecido chita mais grosseiro (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O tecido **chitão** é utilizado na confecção de roupas, almofadas, cortinas, em decoração em geral e para artesanatos com patchwork. O tecido da baixo valor, mas muito procurado hoje em dia por grandes estilistas* (CATARINENSE IMPORTADORA E DISTRIBUIDORA, c2017b).

CIRRÊ: s.m simb.de class: 1.31

Outras denominações: laquê, glacê

Definição: Acabamento com calandra, destinado a dar um aspecto muito liso e brilhante ao tecido. Também conhecido como laqueamento (PUEL, 2012).

Contexto de uso: *O modelo preto com leve brilho, geralmente feito de **cirrê** (tecido sintético que imita o couro), é tão frequente no visual das celebridades, que o R7 resolveu ouvir especialistas para dar dicas de como usá-las corretamente* (POLI, 2010).

CLIDELIA: s.f simb.de class: 1.32

Outras denominações: -

Definição: Tecido de viscose fiada leve, com ligamento sarja, semelhante à Flanela (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A Rosolen Têxtil iniciou suas atividades em 1995 e tem como objetivo principal oferecer com transparência, várias opções de tecidos e malhas importadas e nacionais tanto no atacado, para confecções quanto no varejo [...] Trabalhamos com viscolycra liso e estampado, Ponto Roma, Helanquinha, Tafeta, Cetim, Sarja, Viscose, Tricoline com Elastano, Oxford, Poly two-way, Musseline, Moletom, Molecotton, Cotton, Crepe de Seda Pura, Bember, Cambraia, Ligalyte, Span, Devore liso e estampado, Segunda pele, Toque de*

seda, Shine, Jeans com lycra, Algodão com Seda, Sullespan liso e estampado, Rendas, Clidelia, Fluid liso e estampado, e muitos outros (PORTAL DO CONFECCIONISTA, 2017).

CLOQUÊ: s.m

simb.de class:1.33

Outras denominações: -

Definição: Tecido encrespado de seda originário da França (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Vestido importado em tecido **cloquê**. Tamanhos P, M, G, GG*
Preços de atacado: 20% desconto para 10 peças ou 30% desconto para 20 peças ou mais. Obs: as peças podem ser sortidas (OVERMODA, [2017?])

COTELÊ: s.m

simb.de class:1.34

Outras denominações: cotelê, corduroy

Definição: Tecido forte originário da Inglaterra, com estrias (costelas) verticais. Refere-se também a tecido de veludo com o mesmo efeito (corduroy) (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O cotelê é um tecido de algodão semelhante ao veludo. E assim como a maioria dos tecidos de algodão, é quente, arejado, fácil de lavar e durável. É geralmente considerado um tecido para roupas esportivas e é perfeito para dias frios, sendo ideal para calças e casacos. Especula-se que o nome **cotelê**, ou **corduroy** tenha nascido a partir da expressão francesa “Ciorde du Roi”, que significa, literalmente, “tecido do rei”. Acredita-se também que foi criado no século XIII, onde foi muito utilizado por trabalhadores e crianças no início do século XX como uniforme escolar e mais tarde esse uniforme foi adaptado e se tornou uma farda (COTELÊ, [201-?])*

CREPE: s.m

simb.de class:1.35

Outras denominações: -

Definição: Tecido que apresenta superfície com pequenos padrões em relevos ou ondulações irregulares e de espaçamento aleatório, aspecto granulado, toque rugoso, áspero e “seco”. O tecido apresenta elevado “caimento” e “fluidez” (NICOLINI, 2008).

Contexto de uso: *O **crepe** é um tecido clássico e leve feito com fios de seda macia e de bom caimento. O tecido é liso e altamente moldável e vem em diferentes pesos e graus de pureza. Tem um bom efeito redutor. A textura da superfície do tecido varia de fina e plana à seixosa e musgosa. É resistente e fácil de cortar e costurar. É ideal para vestidos e blusas (CREPE, [201-?])*

CREPE CETIM: s.m

simb.de class:1.35.1

Outras denominações: -

Definição: Crepe da China com ligamento cetim (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Vestido em **crepe cetim** Lilás. Vestido Mink, confeccionada em **crepe cetim**, com decote frente e costas em tule. Fechamento lateral em zíper invisível. Modelo soltinho com faixa para amarrar na cintura. Comprimento: Básico. Cor: Lilás com textura em onça. + detalhes. R\$ ~~199,99~~. Economize R\$ 160,00. R\$ 39,99 (POSTHAUS, [2017?]).*

CREPE DA CHINA: s.m

simb.de class:1.35.2

Outras denominações: -

Definição: Tecido crepe muito fino e leve de seda, tinto ou estampado, originário da China (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **crepe da china** é um tecido encrespado, muito fino e leve, feito em seda pura ou em poliéster, podendo ser tinto ou estampado, semelhante ao crepe. É obtido com um ligamento crepe. No urdume os fios são de baixa torção, e na trama, retorcidos, dispostos alternadamente em pares, com fios em torção S e torção Z (CREPE..., [2017?]).*

CREPE DE LÃ: s.m

simb.de class:1.35.3

Outras denominações: -

Definição: Tecido de fio de lã penteada muito torcido (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **crepe de lã** é um tecido super confortável, e ótimo para o nosso inverno, aconchegante e Clássico. Pode ser usado em: calças, vestidos, blazers, tailleur e jaquetas, podendo ser usado em todos os momentos do dia-a-dia e momentos mais formais. Ele tem um ótimo toque e contenção térmica muito agradável para o inverno (CENTER FABRIL, c2015a).*

CREPE GEORGETTE: s.m

simb.de class:1.35.4

Outras denominações:-

Definição: Tecido crepe muito leve e transparente de seda ou fios químicos, originário da França (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O tecido **crepe Georgette**, por ser leve, transparente e esvoaçante, é muito utilizado na composição de roupas de festa, sobrepondo-se a outros tecidos e blusas leves (TECIDOS BARATOS, c2017).*

CREPE MARROCAIN: s.m

simb.de class:1.35.5

Outras denominações: crepe marroquim

Definição: Tecido crepe originário de Marrocos, similar ao Crepe da China, todavia mais pesado e mais granulado (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007)

Contexto de uso: ***Crepe marrocaín:** tecido de seda similar ao crepe da China, porém mais pesado e com granulação mais acentuada* (MOMENTO TÉCNICO, p. 09, 2005).

CREPE MOUSSE: s.m

simb.de class:1.35.6

Outras denominações: -

Definição: Tecido crepe originário da França, com ligamento granitê para acentuar a textura granulada (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007)

Contexto de uso: *O **crepe mousse** é lindo, ainda mais se combinada com a peça certa! É ideal para peças com caimento fluido e leve. *As cores podem sofrer variações de acordo com a tela ou monitor** (ENTREMALHAS TECIDOS, 2016).

CREPE ROMAIN: s.m

simb.de class:1.35.7

Outras denominações:-

Definição: Tecido crepe originário da Itália, similar ao Crepe Georgette, porém em ligamento Panamá (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007)

Contexto de uso: ***Crepe Romain:** Tecido de seda similar ao Crepe Georgette, porém com ligamento panamá de 2. Por essa razão o tecido é mais fechado e a granulação mais acentuada. Utiliza fios retorcidos (torção crepe) tanto no urdume quanto na trama, dispostos alternadamente de dois em dois fios com torção em sentido S, depois Z* (MOMENTO TÉCNICO, p.09, 2005)

CREPE SUSETTE: s.m

simb.de class:1.35.8

Outras denominações: crepe Susette

Definição: Crepe Georgette, porém com fios de um só sentido de torção (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007)

Contexto de uso: *2015 primavera novo estilo de alta qualidade **crepe suzette** seda xale (SP2260-3) (CREPE..., c1999-2017.).*

CREPOM: s.m

simb.de class:1.36

Outras denominações:

Definição: Tecido crepe de algodão com aspecto plissado ou ondulado no sentido do urdume (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O **crepom** é um tecido que apresenta ondulações irregulares e nervuras produzidas à máquina durante sua fabricação (CREPOM, 2017).

CRETONE: s.m

simb.de class:1.37

Outras denominações: -

Definição: Tecido fechado de algodão com ligamento tela, usado para lençóis e fronhas do francês Cretone (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Tecido **cretone**. Tecido **cretone** 100% algodão ou misto, Medindo 1,60 de largura, várias cores (BRINTEX TECIDOS, [2017?]).*

CRISTAL: s.m

simb.de class:1.38

Outras denominações: -

Definição: Tecido com efeito, de brilho que lembra o cristal (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **cristal** é um tecido com características muito semelhantes à organza, no entanto, é produzido com fios de fibras sintéticas. O tecido **cristal** é fino e leve, e tem uma superfície brilhante. É um tecido transparente que tem ótimo caimento no corpo (TR DISTRIBUIDORA, [2017?]).*

DAMASCO: s.m

simb.de class:1.39

Outras denominações: adamascado, damascado

Definição: Tecido com desenhos formados pela utilização de fios opacos e brilhantes, muito usado para estofamento. Originário da cidade de Damasco. Conhecido também como Damasco ou Damascado (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Damasco:** Originalmente um tecido de seda ricamente decorado, trazido ao ocidente por Marco Pólo de suas viagens ao oriente, no século XIII. Damasco era a cidade principal entre o oriente e o ocidente; por isso emprestou seu nome a esse tecido luxuoso. O ligamento é geralmente o cetim. Os melhores **damascos** tem 50% mais batidas/cm do que fios/cm. Atualmente os **damascos**, brocados e outros tecidos similares têm características diferentes. Naquela época eram produzidos pelos princípios gerais do damasco. Hoje são obtidos em teares com Maquineta Jacquard (MOMENTO TÉCNICO, p.09, 2005).*

DENIM: s.m

simb.de class:1.40

Outras denominações: -

Definição: Tecido pesado de algodão cru ou com fios de urdume tintos em índigo e fios de trama brancos em ligamento sarja 2X1 ou 3X1 muito usado para calças Jeans. Denim deriva da cidade francesa Nimes; em inglês significa Brim. (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007)

Contexto de uso: O tecido **denim** corresponde aproximadamente à metade do custo total da calça jeans, e sua fabricação hoje, muito pressionada pelos confeccionistas e consumidores finais, ocorre com elevado padrão de qualidade e menores lead times e custos, muito em função do incremento da automação dos processos (GORINI, 1999).

DEVORÊ: s.m

simb.de class: 1.41

Outras denominações: devoré

Definição: Tecido que apresenta desenhos com efeitos de transparência, produzido a partir de um tecido com fio celulósico binado com um fio de filamentos sintéticos, estampado com produto corrosivo que destrói a fibra celulósica (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O **devorê** é um tecido que está muito presente no mundo da moda [...] passa por um processo químico para perder parte da sua espessura (fibras), que o deixa com relevos e transparências em algumas áreas. Uma curiosidade super bacana: a palavra “devorê” vem do francês, que significa devorar. Exatamente porque o processo químico que o tecido sofre devora parte de sua fibra (ADRI AIACH, [2017?]).

DUPLA FACE: s.m

simb.de class: 1.42

Outras denominações: double-face

Definição: Tecido com faces reversíveis, podendo ser usado tanto pelo direito como pelo avesso. Pode-se chamar também pelo nome em português Dupla-face (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O tecido **dupla-face** poderá ser utilizado nas duas faces. Geralmente uma face é estampada e a outra lisa, porém, não é regra. Esses produtos são versáteis, pois em uma única peça você tem dois produtos e decorações (MIX LAR, c2017).

ENTRETELA: s.f

simb.de class:1.43

Outras denominações: -

Definição: Tecido de algodão endurecido com goma, usado para forros, cós, etc (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: **Entretela:** tecido grosso ou armado que se coloca entre a parte de fora e o forro de uma roupa (ENTRETELA, 2017).

ESCOCÊS: s.m

simb.de class: 1.44

Outras denominações: tartan

Definição: Tecido originário da Escócia, em Sarja ou Tela xadrez de cores variadas. Também conhecido como Tartan, servia para identificar as várias clãs (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: **Escocês**: *Diz-se de um tecido de diversas cores, com riscos formadores de grandes quadrados* (ESCOCÊS, 2017)

ETAMINE: s.m

simb.de class: 1.45

Outras denominações: lãzinha

Definição: Tecido leve de lã, também conhecido como lãzinha (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: **Etamine** é o mais popular dos tecidos para bordar, pois serve para qualquer tipo de peça de decoração ou uso pessoal. É recomendado fundamentalmente para bordar ponto cruz, entretanto aceita qualquer outro ponto que se queira bordar (ponto cheio, ponto atrás, ponto reto, vagonite, etc) (ESTILOTEX, c2017)

FAILLE: s.m

simb.de class: 1.46

Outras denominações: -

Definição: Tecido fino e macio, de seda ou filamentos químicos, com nervuras no sentido da trama (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007)

Contexto de uso: O **faille** é um tecido com peso médio, nervuras em cruz perceptível, macio, brilhante e possui um bom caimento. Sua superfície é lisa e com um acabamento acetinado. **Faille** pertence a uma família de tecidos mais encorpados produzidos com seda, por ser tecida com entrelaçamentos fortes e em cordel, porém é uma das mais finas entre esses tecidos. É tecida a partir de um único fio e em ponto de tafetá (FAILLE, [201-?]).

FAILLETE: s.m

simb.de class: 1.46.1

Outras denominações:-

Definição: Variação mais fina do tecido Faille (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O **faillete** é um tecido específico para forro de roupas, também pode ser usado em decoração de festas. Tem a superfície bem lisa, suave ao toque e é sintético, 100% poliéster (LOJAS104, 2017).

FELTRO: s.m

simb.de class: 1.47

Outras denominações: -

Definição: Tecido de fibra de lã produzido por feltragem e empastamento, usado para agasalhos, bolsas, chapéus, etc (AMARAL; JAIGOBIND; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O **feltro** é um tipo de tecido não tecido (TNT) muito usado na produção de artesanatos variados. Ele é produzido através da técnica de calandragem, processo em que os fios são prensados e formam uma trama compacta e resistente (BARBOSA, [2016]).

FIL A FIL: s.m

simb.de class: 1.48

Outras denominações: -

Definição: Tecido com listras verticais muito finas causadas pelo uso de um fio de cor e um fio branco intercaladamente tanto no urdume como na trama (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O tecido **fil a fil** é traçado em linhas finas na posição vertical. O traçado do tecido **fil a fil** intercala o uso de um fio branco com um fio de cor* (KENIA, c2017a).

FLAMÊ: s.m

simb.de class: 1.49

Outras denominações: _

Definição: Tecido produzido com o fio fantasia de mesmo nome, que apresenta pontos mais grossos e pontos mais finos (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007) .

Contexto de uso: *Esse é um tecido que reúne tanto o novo quanto o velho em sua concepção. Se você perceber sua estrutura de fiação, vai notar que ao longo da fiação existem em certas zonas áreas reforçadas ao comprimento em forma oval – de onde vem o seu nome, que remete ao francês **flamé** (chama) – para obter um efeito decorativo, dando a impressão que o fio é feito à mão. Para a moda em geral, o **flamê** agregou o mesmo caráter rústico que o linho, mas com a vantagem de adentrar aos looks mais modernos e elaborados, aderindo perfeitamente aos acessórios* (O QUE É FLAMÊ?, 2012).

FLANELA: s.f

simb.de class: 1.50

Outras denominações: -

Definição: Tecido de algodão ou lã, geralmente xadrez de ligamento sarja, acabamento escovado (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007)

Contexto de uso: ***Flanela** Ideal para confecção de casacos, artesanatos, cobertores de meia estação entre outros. É um tecido que possui 1,50 de largura e tem 100% de algodão em sua composição. Tecido de excelente qualidade, com ótimo toque* (FOXSTEXTIL).

FLOCADO: s.m

simb.de class: 1.51

Outras denominações: -

Definição: Tecido de algodão fino como Cambraia, estampado com flocos de fibras curtas de rayon que são aderidos com cola (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Tecido flocado** tem forte características de terceira dimensão, cores brilhantes, qualidade luxo, toque macio e isolamento de umidade. E adota produção não-tóxica e matérias-primas, que garante a comodidade ao corpo humano, sem causar irritação e lesão além de seu processo de produção não ser prejudicial ao meio ambiente. É amplamente utilizado nos campos da arte em*

cerâmica, automóvel, embalagem, roupas, brinquedos, decoração e muito mais (FABRIC MARKER, [2017?]).

FUSTÃO: s.m

simb.de class: 1.52

Outras denominações:

Definição: Tecido pesado de algodão com ligamento reps, formando estrias no sentido do urdume. Originário do Egito, conhecido como Fustan (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **fustão** é um tecido de algodão fino e opaco com riscas ou figuras extravagantes. É leve e com certo relevo, o que dá um efeito despojado ao tecido. É delicadamente diáfano, tendo uma textura frizada. O tecido é facilmente costurado e lavado. Ao ser mercerizado o tecido se torna mais belo, e também torna mais fácil seu tingimento (FUSTÃO, [201-?])*

GABARDINE: s.f

simb.de class: 1.53

Outras denominações: -

Definição: Tecido com ligamento sarja ou textura em diagonal bem estreita. Utilizado para roupas masculinas e femininas. O tecido é identificado pelas nervuras regulares e homogêneas. Devido à espessura com a qual é produzido, presta-se para a confecção de capas de chuva, após certos processos de impermeabilização. Tecido originalmente com lã penteada, depois também com algodão penteado e retorcido ou com seda de qualidade “shappe”; o ligamento pode ser de sarja ou espinha de peixe ou batávia (RUBERTELLI; WHITEMAN, 2015).

Contexto de uso: ***Gabardine** (Espanha): Tem origem na Idade Média[...]. É um tecido bem estruturado, com textura aparente de sarja 2/1, 3/1 ou múltipla, em ângulo de 45°. Adequado para sobretudos, paletós, entre outras peças. Atualmente é produzido com praticamente todos os tipos de matéria-prima (MOMENTO TÉCNICO, 2005, p.09)*

GAUFRÊ: s.m

simb.de class: 1.54

Outras denominações: -

Definição: Tecido calandrado a quente com cilindros cravados para obter efeitos de relevos (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***GAUFRÊ:** Tecido calandrado a quente com cilindros cravados para obtenção de efeitos de relevos (PORTEIRO, 2015).*

GAZE: s.f

simb.de class: 1.55

Outras denominações: -

Definição: Tecido bem leve e aberto de algodão cardado, com armação tela, usado atualmente em bandagens, ataduras e outros fins hospitalares. Também conhecido como Bandagem (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A compressa de gaze algodoadada estéril é constituída por uma camada de papel absorvente recoberta por duas mantas de algodão hidrófilo, com envoltório de tecido de gaze 13 fios. A camada de algodão, tem como função absorver sangue e exsudatos* (CREMER, c2013).

GINGHAN: s.m

simb.de class: 1.56

Outras denominações: -

Definição: Tecido listrado ou xadrez em algodão, lã ou fibras químicas. Originário da Malasia significa "tecido de algodão das Indias Orientais" (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O ginghan é na verdade um tecido de algodão xadrez bem popular nos anos 1960 [...] O ginghan se tornou mundialmente conhecido depois que estrelas dos anos 1960 elegeram o tecido como peça fundamental dos seus guarda roupas. Audrey Hepburn e Brigitte Bardot volta e meia apareciam usando a tendência* (PASSEIO DAS ÁGUAS SHOPPING, 2015).

GOBELIN: s.m

simb.de class: 1.57

Outras denominações: -

Definição: Tecido com desenho Jacquard onde os fios de urdume deixam aparecer a trama mais clara ou mais escura provocando um efeito glacê. É um estilo de tecido muito usado em decoração, rico em detalhes e cores. Originário da França, era produzido pelos artesãos reais chamados Gobelins (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Gobelin: tipo de tecido usado em tapeçaria para forrar móveis ou enfeitar paredes* (MATARAZZO, 1995).

GORGURÃO: s.m

simb.de class: 1.58

Outras denominações:-

Definição: Tecido encorpado, de algodão, viscose, seda e outros fios mistos, que apresentam um efeito canelado geralmente no sentido da trama, muito usado para calças e estofamento (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Uma das grandes dificuldades no tratamento do linfedema em crianças no Brasil são os mecanismos de contenção, tanto em relação à bandagens quanto às meias. Uma das alternativas encontradas por Godoy & Godoy foi a criação de uma meia confeccionada com tecido de gorgurão para os adultos, a qual foi adaptada para crianças* (ARTÍBALE et al., 2005).

GRANITÉ: s.m

simb.de class: 1.59

Outras denominações: musse

Definição: Originalmente tecido de lã, pesado, com fio de torção crepe na trama, com efeito de aspecto granulado, obtido com ligamento do mesmo nome. Termo francês que significa aparência de grânulos de granito (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Granité:** tecido com aspecto de crepe ou granito, produzido com os mais variados tipos de fibras, obtido por ligamento específico, pela utilização de fios com elevada torção, ou por ambos. Também conhecido como Musse* (SANTINI, 2013).

GRISSETTE: s.m

simb.de class: 1.60

Outras denominações: -

Definição: Tecido rústico de lã, fechado e pesado (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: [...] *O final do século XVII viu uma explosão de “tecidos populares” que não as sedas, como “um tecido barato de sarja cinza conhecido como **grisette** [que em 1677] foi o assunto da cidade”* (WEBER, 2008).

GROS DE TOURS: s.m

simb.de class: 1.61

Outras denominações: -

Definição: Tecido de seda, tipo “Gros”, originado da cidade francesa de Tours.

Também usado como denominação de ligamento reps de urdume com duas tramas na mesma cala, muito utilizado na elaboração de ourelas (NICOLINI, 2008).

Contexto de uso: *Onde se pode realmente sentir a marca Maria Antonieta são nas pequenas “follies” que construiu, sempre ajudada por Mique, em meio aos jardins de Le Nôtre, como o Templo do Amor, a Torre Malborough e sobretudo o Belvedere. Neste, seis esfinges cercam o interior octogonal onde o teto foi pintado por Legrené e as paredes foram decoradas com esculturas imitando ferramentas de jardim e símbolos do amor. Cadeiras e pequenos sofás patinados de branco com detalhes folheados a ouro foram tapiçados em tecido “**gros de Tours**”. Foi um dos mais caros projetos. Também conseguiu fazer um teatro no lugar da Orangerie de LuisXV, onde organizava encenações que chocavam a corte mas agradavam ao Rei que sempre as assistia* (BARBOSA, 2007).

GUIPIRE: s.m

simb.de class: 1.62

Outras denominações:-

Definição: Tecido imitando renda fina feita à mão (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Muitas pessoas não conhecem o **guipire** pelo nome, mas por aparência sim. Diferente da renda que é mais delicada, o **guipire** tem um*

*acabamento mais grossinho, diferenciando e enriquecendo os detalhes nas roupas. Existem peças que são todas feitas de **guipire** e outras que só possuem alguns detalhes (TEXTIL ABRIL, 2014).*

HELANCA: s.f

simb.de class: 1.63

Outras denominações: -

Definição: Tecido elástico para calças e bermudas, produzido com fio de poliamida texturizado por falsa torção geralmente colocado na trama. Nome derivado de marca registrada do fio texturizados (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A utilização da **helanca** na indústria têxtil tem seu início na metade do século passado, sendo um tecido produzido a partir de fios sintéticos de poliamida, o que lhe confere uma das suas principais características: a elasticidade. Embora o nome originalmente se refira ao tecido produzido exclusivamente pela desenvolvedora do mesmo, a norte-americana Heberlein & Co, a sua ampla utilização pelo mundo fez com que fosse atribuída a materiais com a mesma composição produzidos por outras fabricantes. Além da elasticidade já mencionada, costuma ser um tecido fino, com boa resistência mecânica e ao atrito, durável, de fácil lavagem e que não necessita ser passado, sendo que quando amassado rapidamente volta ao seu estado original (JB DUBLAGEM, 2016).*

IKATE: s.m

simb.de class: 1.64

Outras denominações: -

Definição: Tecido em que os fios de urdume são estampados antes de tecerem, produzindo um desenho quando se entrelaçam com a trama no tear (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***IKATE:** Tecido em que os fios de urdume são estampados antes de tecerem, produzindo um desenho quando se entrelaçam com a trama no tear (PORTEIRO, 2015).*

JACQUARD: s.m

simb.de class: 1.65

Outras denominações:

Definição: Nome genérico dado a todos os tecidos confeccionados em teares Jacquard. O nome deriva de J. M. Jacquard (1752-1834), trabalhador têxtil de Lyon que inventou esse tipo de máquina e a apresentou em Paris em 1801. Essa descoberta revolucionou por completo a fabricação de tecidos trabalhados, que até então eram feitos à mão. Hoje, superados os cartões perfurados, os desenhos são feitos em computador. Os teares simples, chamados liços, têm uma relação de no máximo 24 fios de urdume, enquanto os teares Jacquard permitem comandar de forma independente 1.344 fios ou mais (RUBERTELLI; WHITEMAN, 2015).

Contexto de uso: *O tecido **Jacquard** é uma invenção do francês Joseph-Marie Jacquard. Em 1801, Jacquard produziu um sistema que, em teares de cala,*

*selecionava fio a fio e tinha como forma de armazenamento da informação, os cartões perfurados. Isso significava que era possível fazer desenhos e transmiti-los mecanicamente para o tear [...]Hoje em dia o **jacquard** é muito utilizado em decoração de casa. Customizar e revestir cortinas, almofadas, mesas, paredes são só algumas das inúmeras possibilidades que o tecido nos dá. Seu ar moderno e incorporado deixa a decoração da casa com muito estilo, transmitindo a sensação de requinte, luxo e beleza (LARTEX, 2017).*

JERSEY: s.m

simb.de class: 1.66

Outras denominações: jérsei

Definição: No setor têxtil, serve para definir indevidamente um tecido de malha trabalhado em máquinas circulares. Pode ser plano, tubular, simples ou duplo (intelock) (RUBERTELLI; WHITEMAN, 2015)

Contexto de uso: *O **jersey** é um tecido de malha, que foi introduzido no vestuário externo por Coco Chanel, foi muito utilizado na década de 1970 por marcas como Diane Von Furstenberg. Fabricado em malharia circular, o **jersey** é maleável e pode receber na sua composição lã, algodão, raíom e seda (ESTEVEES, 2016).*

JUTA: s.f

simb.de class: 1.67

Outras denominações: -

Definição: Nome genérico de vários tecidos produzidos com fios de juta (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O Tecido **juta** pode ser utilizado em decoração de festas e lojas, pacotes de presentes, artesanato em geral, etc (CATARINENSE IMPORTADORA E DISTRIBUIDORA, c2017c).*

LAISE: s.m

simb.de class: 1.68

Outras denominações: -

Definição: Tecido leve de algodão, com aplicação de bordados. Originário da França (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A verdade é que elegemos o **laise** como tecido mais charmoso do guarda-roupa justamente por ser uma opção clássica que esbanja conforto. Combinação de características que deve sempre ser buscada pelas plus sizes. Para comprovar essa escolha, trazemos 3 looks para você se inspirar e adotar (imediatamente!) o tecido **laise** no dia a dia (MARES, 2017).*

LAMÊ: s.m

simb.de class:1.69

Outras denominações:-

Definição: Tecido brilhante originário da França, fabricado com fio de seda ou de filamentos químicos, usado para moda feminina e Carnaval (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O queridinho da vez, que já teve reputação duvidosa, é o **lamê**, tecido super brilhante que reinou nos anos 80. A grande aposta é que, além de ganhar as produções noturnas, o **lamê** seja destaque também para looks usados de dia!* (MASSENA, 2015).

LINGERIE: s.f

simb.de class: 1.70

Outras denominações:

Definição: Tecido de seda ou de filamentos químicos, usado em roupas íntimas femininas e também em blusas e vestidos (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Tecido **lingerie** malha com elastano Lisa Branca Larg160cm 84%Poliam.16%Elast.* (CENTER FABRIL, c2015b).

LINHO: s.f

simb.de class: 1.71

Outras denominações:-

Definição: Tecido de peso médio produzido com essa fibra ou com Rami, puros ou mistos, em ligamento tela ou cetim, para uso em ternos (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **linho** pode ser misturado com outras fibras, como algodão ou viscose, por exemplo. A mistura origina um tecido com propriedades de maciez, melhor caimento e passadoria e ainda é mais em conta* (SOARES, 2016).

LISTRADO: s.m

simb.de class: 1.72

Outras denominações: -

Definição: Nome genérico dado a tecidos com listras estampadas ou de fios tintos, no sentido do urdume ou no sentido da trama (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***LISTRADO:** Tecidos caracterizados por listras estampadas ou de fios tintos, no sentido do urdume ou da trama* (PORTEIRO, 2015).

LONA: s.f

simb.de class: 1.73

Outras denominações: -

Definição: Tecido de algodão muito pesado e fechado, com ou sem acabamento impermeabilizante, usado para encerados, barracas, etc (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Lona** é um tecido de uso intensivo utilizado na confecção de velas, tendas, toldos, mochilas e outros produtos onde a resistência seja necessária. É também utilizada popularmente como superfície de pintura e usada na confecção de bolsas* (BERGON, c2008).

LONITA: s.f

simb.de class: 1.73.1

Outras denominações:-

Definição: Tecido consistente de algodão liso ou xadrez, usado para jaquetas, capas, etc (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A **lonita**, o brim e a sarja de algodão crú são tecidos fortes, resistentes e bonitos com um toque bem natural. Suas diferentes gramaturas de médio à grosso permitem a criação de produtos para decoração, estofamento de cadeiras e sofás, almofadas, pufs, painéis e biombos. Jogos americanos, caminhos e toalhas de mesa ficam lindos e em produtos e acessórios de moda, como bolsas, eco bags, mochilas, jaquetas e coletes (URIBARRI, [2017?]).*

LYCRA: s.f

simb.de class: 1.74

Outras denominações:

Definição: Nome genérico de vários tecidos elásticos produzidos com fios contendo elastano (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007) .

Contexto de uso: *A **lycra** é um tecido para lingerie com características únicas e, por isso, é tão popular para a criação de determinadas peças (VIRTUAL FASHION, 2017).*

MADRAS: s.m

simb.de class: 1.75

Outras denominações: -

Definição: tecido originário de Madras, na Índia, tem efeito xadrez com listras de várias larguras em cores vivas (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007). .

Contexto de uso: *O tecido **madras** é um tecido poroso e arejado de algodão tecido em ponto tafetá. Distingue-se pelos fios irregulares utilizados em sua construção. É um tecido com fios multicoloridos em cores suaves, originário da região de Madras, na Índia. Foi muito popular nos anos 70, e agora é encontrado também em sedas e tafetás, além do tradicional de algodão (MADRAS, [201-?]).*

MARQUINETTE: s.m

simb.de class: 1.76

Outras denominações: -

Definição: Tecido de cortina leve e transparente (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Marquissette**: tecido muito fino, leve e arejado de algodão feito com fios de elevada torção, tipicamente em ponto de gaze. Utilizado para vestidos de verão e cortinas (MARQUINETTE, c2008).*

MELTON: s.m

simb.de class: 1.77

Outras denominações: -

Definição: Tecido bastante fechado e felpudo originário da cidade de Melton, Inglaterra, produzido com fio de lã cardada, usado em roupas de inverno (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O tecido **melton** é usado na fabricação de roupas de inverno é um tecido fechado e felpudo produzido com fio de lã cardada. É originário da cidade de **Melton**, Inglaterra.* (MELTON, 2014)

MICROFIBRA: s.f

simb.de class:1.78

Outras denominações:-

Definição: Nome genérico dado a tecidos de poliamida ou poliéster, obtido a partir de fios com filamentos individuais iguais ou menores do que Denier (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007) .

Contexto de uso: *A **microfibra** é um tecido sintético, composto de poliamida ou poliéster, com filamentos excessivamente finos. É um material resistente e antialérgico, utilizado para confecção de cobertores, edredons, mantas e muitos outros produtos da indústria têxtil* (CASAS FRANKLIN, 2017).

MORIM: s.m

simb.de class: 1.79

Outras denominações: -

Definição: Tecido de algodão cardado, de construção leve, muito usado para forro (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Este capítulo aborda diversas técnicas, incluindo instruções sobre como marcar o manequim com fita e como preparar o **morim** para obter moldes precisos e proporcionais. Os desenhos no final deste capítulo representam tanto as proporções estilizadas do corpo, utilizadas para ilustrar conceitos de moda, quanto as proporções realistas, utilizadas para ilustrar os detalhes da construção da roupa* (ABLING; MAGGIO, 2014).

MUSSELINE: s.m

simb.de class: 1.80

Outras denominações: musselina

Definição: Tecido originário de Mawsil, Turquia, muito leve e transparente, produzido com fio de seda ou de filamentos químicos, com alta torção (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A **musseline** é um tecido macio, fresco e fino, construído em ponto de tafetá [...] Ao longo dos séculos, Índia e Bangladesh se tornaram o lar das **musselinas** exóticas. Alfaiataria, rendas, flores, arabescos e chinoiserie também marcaram a época* (CEARÁ, p.36, [2015?]).

NINHO DE ABELHA: s.m

simb.de class: 1.81

Outras denominações: favo de mel, piquet

Definição: Tecido com aparência de colméia em relevo. Também conhecido como favo de mel. Originário da França (Nid d'abeilles) (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Também conhecido como **favo de mel**, o **ninho de abelha** é um tipo de piquet, originário da França. Sua textura tem a aparência que lembra uma colmeia em relevo. Os tecidos dessa categoria podem ser encontrados em espessuras que variam da mais fina à mais grossa. Os tecidos mais finos possuem uma padronagem de favos minúsculos e é geralmente mais leve, funcionando bem para o verão, e tem secagem rápida. Os médios são utilizados principalmente na confecção de toalhas, enquanto os mais grossos confeccionam luxuosas pelúcias, toalhas e roupões. Geralmente é produzido com 100% de algodão, mas também pode conter porcentagens de poliéster e microfibra. Os tecidos **ninhos de abelha** feitos com microfibra são ideais para polimento de automóveis. É encontrado com mais facilidade em tons pastéis* (NINHO DE ABELHA, [201-?]).

NYLON: s.m

simb.de class: 1.82

Outras denominações: náilon

Definição: Nome genérico de vários tecidos produzidos com fios de poliamida (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **nylon** nasceu em 1935, de maneira triunfante na história da moda, pois fazia a roupa não amassar. Em 1949, o francês Robert Weill lança a expressão “prêt-à-porter” e traz a moda para a indústria, acessível para todos. Na esteira do nylon viriam o Tencel e a Lycra, tecidos importantes para o fast fashion* (CEARÁ, p. 38, [2015?]).

OTOMANO: s.m

simb.de class: 1.83

Outras denominações: otomana, ottoman

Definição: Tecido originário da Turquia, caracteriza-se por nervuras acentuadas no sentido da trama, devido ao ligamento reps (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O tecido *otomano* é feito de seda e com revestimento duplo, muitas vezes com uma mistura de fio de arame (FONSECA, 2013).

OXFORD: s.m

simb.de class:1.84

Outras denominações:-

Definição: Tecido originário de Oxford, Inglaterra, de algodão, com ligamento tela, e com densidade idêntica de urdume e trama (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O tecido ganha esse nome porque o processo de tecelagem é denominado **oxford**. Basicamente, ele consiste em dois fios finos, tecidos de forma suave com um fio mais grosso na direção do enchimento. Originalmente, o **oxford** era produzido apenas com algodão, mas para sua utilização em uniformes, ele passa a ser um tecido misto (algodão e poliéster) para adquirir todos os benefícios dos tecidos sintéticos e naturais (DASH UNIFORMES.COM, 2017).*

OXFORDINE: s.m

simb.de class: 1.84.1

Outras denominações:

Definição: Variação do tecido Oxford, leve, de algodão e produzido com fio branco no urdume e tinto na trama, usado em camisaria (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: **OXFORDINE:** Muito utilizado na fabricação de camisas. Trata-se de uma variação do tecido Oxford, porém leve, de algodão e produzido com fio branco no urdume e tinto na trama (PORTEIRO, 2015).

PANAMÁ: s.m

simb.de class: 1.85

Outras denominações:-

Definição: Tecido brilhante, de lã puro ou misto, com ligamento Panamá, originário do país de mesmo nome. Muito usado para roupas externas masculinas (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Desenvolvido por meio da tecelagem do acrílico com algodão, o tecido **panamá** apresenta ótimo acabamento e pode ser utilizado para a confecção de diversas peças. Para garantir a qualidade do tecido **panamá** preço, é extremamente importante contar com uma empresa de confiança no segmento. A Kenia atua no segmento têxtil desde 1954 (KENIA, c2017b).*

PATCHWORK: s.m

simb.de class: 1.86

Outras denominações: -

Definição: Tecido resultante da emenda de pequenos retalhos de vários tipos, com cores e estampas contrastantes, de aspecto similar à "colcha de retalhos. (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Puff Londres pés em madeira, com revestimento em tecido **patchwork**, sua espuma é um D-26 sobre percintas elásticas, sua estrutura proveniente de reflorestamento de eucalipto e pinus, Produto excelente que proporciona um ótimo conforto e design inovador, exclusivo para deixar seu ambinete ainda mais encantador (MOBLY, C2017).*

PELÚCIA: s.f

simb.de class: 1.87

Outras denominações: plush

Definição: Tecido de veludo felpudo, com pelugem de fibras químicas muito compridas, imitando o pelo de animais (AMARAL; JAIGOBIND; JAISINGH, 2007). .

Contexto de uso: A **pelúcia** (do francês *peluche*) é um tecido feito de lã, seda, algodão ou fibras sintéticas, que tem como principal característica apresentar um lado liso e outro felpudo. O tecido de **pelúcia** moderno é geralmente manufaturado a partir de fibras sintéticas, como o poliéster. É quase que exclusivamente usado para a confecção de bichos de pelúcia ou na confecção de roupas para o frio e acessórios (NEIVA, 2016).

PERCAL: s.m

simb.de class: 1.88

Outras denominações:

Definição: Tecido leve de algodão puro ou misto, geralmente estampado, com ligamento tela, muito usado para lençóis. Originário da Pérsia (*pargalati*) (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O **percal** é produzido com fio 100% algodão. É um fio nobre, não contém impurezas e não cria bolinhas. Nesse tipo de tecido usa-se a contagem por fios, isso quer dizer quantos fios a trama possui por polegada quadrada. Tem um toque agradável e macio, além de ser um tecido de qualidade e resistente (MIX LAR, 2017).

PIED- DE -COQ: s.m

simb.de class: 1.89

Outras denominações: -

Definição: Tecido semelhante ao Pied-de-poule, porém com efeitos geométricos maior (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O tecido “*xadrezinho*”, como é conhecido, quando aparece em tamanhos menores, chama-se *Pied-de-poule* (pé de galinha), e quando é maior, **Pied-de-coq** (pé de galo) (GONZAGA, 2014).

PIED-DE- POULE: s.m

simb.de class: 1.90

Outras denominações: -

Definição: Tecido em quadriculado geométrico, imitando os dedos dos pés de galinhas (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: O tecido **pied-de-poule** foi criado na França e é um clássico, seja para a confecção de roupas ou para o uso na decoração. O nome em francês significa “pé de galinha”. Isso porque a padronagem deste material é composta por fomas semelhantes à marca deixada pela pisada das galinhas no chão. Tradicionalmente confeccionado em preto e branco, hoje em dia, é possível encontrar-lo em diversas cores e estilos (WESTING HOME AND LIVING, [2017?b]).

POLIÉSTER: s.m

simb.de class: 1.91

Outras denominações: -

Definição: Nome genérico de vários tecidos produzidos com fios de poliéster. (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **poliéster** tem um toque mais grosso e firme, pouca elasticidade. O preço é mais inferior ao de poliamida. Mas não perde a qualidade e se adequa no que é tendência no mercado fitness e traz também cor, recorte, estilo e estampas* (FITMODA, c2017).

PONGEE: s.m

simb.de class: 1.92

Outras denominações: -

Definição: Tecido de seda crua com aspecto irregular, originário da China, que significa "tear doméstico"(JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Listamos abaixo produtos competitivos tecido pongee de fornecedores tecido **pongee** e fabricantes tecido pongee, por favor, selecione o produto desejado* ([TECIDO pongee], c1999-2017).

PRÍNCIPE DE GALES: s.m

simb.de class: 1.93

Outras denominações: -

Definição: Tecido para vestimenta, em lã ou outras fibras, com ligamento sarja e motivos xadrezes elegantes (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O Tecido **Príncipe de Gales** é um tipo de padrão xadrez disseminado na Inglaterra por Eduardo VII, quando ele ainda não tinha sido laureado, daí o nome do padrão. [...] O termo “glencheck” vem do Galego Escocês “glen” (família) e do inglês “check” (xadrez). O nome desse padrão apresenta variações de país para país – na França e em Portugal usa-se “Prince de Galle”, enquanto na Áustria usa-se o nome “Esterhazy (PRÍNCIPE..., [201-?])*.

RISCA DE GIZ: s.f

simb.de class: 1.94

Outras denominações: -

Definição: Tecido com listras finas, geralmente de cores claras sobre fundo escuro (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Avental para cozinha, **tecido risca de giz**, com bolso e ajuste em fivela. Normalmente utilizado como, avental de cozinheiro e avental para garçom. Uniformes de cozinha muito elegantes e práticos de colocar* (UNIFORMES PALLAVITINO, c2017).

SARJA: s.f simb.de class: 1.95

Outras denominações: -

Definição: Tecido de lã, algodão ou mistos, com ligamento sarja, apresentando estrias no sentido diagonal (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *"Sarja não é jeans. Sarja é um tecido 100% algodão, com uma construção sarjada, e o jeans tem fio de índico, que é o fio azul que vai estonando na lavanderia"* (WEICKERT, 2014).

SEDA: s.f simb.de class: 1.96

Outras denominações: -

Definição: Nome atribuído a diversos tipos de tecidos produzidos com essa fibra como tafetá, cetim, crepe, etc (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007) .

Contexto de uso: *E como os os rolos de seda devem fazer idas e vindas entre o tecelão e o "finisseur" que enobrece o tecido, Bruno Proverbio, presidente da empresa familiar de mesmo nome, não acredita que as sedas lionesas sejam suplantadas pelos concorrentes de baixo preço dos países emergentes* (FRANÇA, 2011).

SERGE: s.m simb.de class: 1.97

Outras denominações: -

Definição: Tecido pesado de seda ou lã, com ligamento sarja, originário da Itália, tem o nome derivado da palavra Serica (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *Serge é um tipo de tecido de sarja com linhas diagonais ou tecem cristas em ambos os lados. É usado para fazer uniformes militares, ternos, casacos grandes e trench coats* (FLANEL FABRIC, 2017).

SHANTUNG: s.m simb.de class: 1.98

Outras denominações: xantungue

Definição: Tecido chinês produzido com fios de seda ou filamentos químicos no urdume e trama mais grossa. Originário de Chan-tung, na China, possui efeito flamê, usado para roupas e para estofamento (TECIDOTECA, 2014).

Contexto de uso: *O shantung é um Tecido leve e maleável, de aspecto macio, mesmo sendo mais encorpado. Apresenta pequenas saliências ou "arranhões" e possui um dos lados brilhante e outro opaco.* (MAXIMUS TECIDOS FINOS, 2017)

SHETLAND: s.m

simb.de class: 1.99

Outras denominações: -

Definição: Originário da Escócia, utilizado na confecção de roupas esportivas. É produzido com a lã do carneiro que possui o mesmo nome (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Shetland**: tecido produzido com a lã do carneiro de igual nome, da Escócia, empregado em roupas esportivas.* (SHETLAND, c2017)

TAFETÁ: s.m

simb.de class: 1.100

Outras denominações: -

Definição: Tecido muito antigo, tem esse nome originado na palavra persa Taftan, com ligamento tafetá ou tela, geralmente feito com fios de seda ou filamentos químicos (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Tafetá (Pérsia/Irã)**: É um dos mais antigos tecidos conhecidos pelo homem. Confeccionado originalmente em seda, tem superfície lisa, textura regular e leve nervura no sentido da trama. **Tafetá** origina-se da palavra persa taftah que significa tecer* (MOMENTO TÉCNICO, p.10, 2005).

TALAGARÇA: s.f

simb.de class: 1.101

Outras denominações: -

Definição: Tecido de algodão com ligamento aberto, apresentando um aspecto furado, com acabamento engomado, próprio para aplicação de bordados (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A **talagarça** é um tipo de tecido, de fios bem espaçados, usado como base para tecer bordados. A tapeçaria holandesa usa este tipo de material para criar estes lindos trabalhos* (C.R., 2013).

TERGAL: s.m

simb.de class: 1.102

Outras denominações:

Definição: Nome genérico de tecido produzidos com fios puros ou mistos de poliéster de marca Tergal (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **tergal** é um tecido produzido com fios puros ou mistos de poliéster podendo ser também misturado com algodão. A característica mais marcante do **tergal** é sua elasticidade. É uma marca registrada* (TERGAL, [201-?]).

TRICOLINE: s.f

simb.de class: 1.103

Outras denominações:

Definição: Tecido de algodão penteado puro ou misto, liso, estampado ou xadrez de peso ligeiramente maior do que a Cambraia, muito usado em camisaria (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007) .

Contexto de uso: *O tricoline é um tecido fino, sempre leve (inferior a 135 g/m2), em algodão puro. Possui uso, principalmente, em camisas masculinas, blusas femininas, vestidos e saias (PEREIRA, [2000?]).*

TRICOTINE: s. m

simb.de class: 1.104

Outras denominações:

Definição: Nome derivado da palavra tricot, é um tecido tipo gabardine de lã, usado para ternos (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **tricotine** é um tecido semelhante à gabardine, feito com fios finos e penteados de lã, algodão ou misto, em construção de sarja. É elástico, de toque macio e gramatura média, com efeito de nervuras diagonais, quase verticais, levemente nítido. Seu nome é derivado da palavra “tricot”, já que seu aspecto lembra um pouco uma malha. É destinado tanto ao vestuário masculino quanto ao feminino (TRICOTINE, [201-?]).*

TROPICAL: s.m

simb.de class: 1.105

Outras denominações: -

Definição: Tecido fino de lã pura ou mista, com ligamento tela, usado para ternos (AMARAL, JAIGOBIND, JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***Tropical:** tecido tipo lã leve, poroso e arejado, com toque seco e duro, com aspecto fresco e estrutura visível. Feito exclusivamente em ponto tafetá com fios penteados torcidos a dois ou três cabos, com elevada torção e um aspecto mouliné. Utilizado para fatos leves de homem para Verão e para vestidos e fatos de senhora. O nome está relacionado com a sua utilização, preferencialmente em regiões tropicais (TECIDO..., c2008).*

TUBIC: s.m

simb.de class: 1.106

Outras denominações: -

Definição: Tecido duplo que tem como característica a existência de um colchão de ar entre as duas camadas, resultando num isolamento da temperatura (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: ***TUBIC:** Tecido duplo que possui um colchão de ar entre as duas camadas, próprio para o isolamento da temperatura (BH MÁQUINAS DE COSTURA, [2017?]).*

TUSSOR: s.m

simb.de class: 1.107

Outras denominações: -

Definição: Tecido leve, de seda (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007). .

Contexto de uso: *O tussor é um tecido bastante valorizado pela sua pureza e textura. É leve e arejado, veste bem e dá um conforto fresco à roupa [...] Geralmente é usado na confecção de vestidos usados em casamentos, cerimônias religiosas e outras funções importantes. Misturado com a lã ou algodão, é usado em xales e cachecóis (TUSSOR, [201-?]).*

TWEED: s.m

simb.de class: 1.108

Outras denominações:-

Definição: Tecido originariamente produzido na região de Tweed, Escócia, produzido com fios cardados de lã com duas ou mais cores, em ligamento tela ou sarja 2X2, muito usado para paletós e sobretudos (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **tweed** é grosso, áspero e tecido com fios de lã. A tecelagem de é feita, normalmente, em ponto sarja, podendo ser também feita em outras variações. Há um grande número de tweeds, alguns são estreitamente tecidos com fios macios e suaves, outros com fios mais duros e resistentes. Foi criado ao longo das margens do rio **Tweed**, que separa Inglaterra da Escócia, por isso seu nome. O **tweed** é, por vezes, também conhecido como "Tweel". (TWEED, [201-?])*

TWILL: s.m

simb.de class: 1.109

Outras denominações: -

Definição: Tecido fino de lã com ligamento sarja. (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **twill** caracteriza-se pelo efeito de nervuras diagonais e paralelas formadas ao longo do tecido. É criado pelo processo Thread, onde 1 à 3 fios se entrelaçam, alternadamente, para preencher a trama e o urdume*

É mais maleável do que a simples tecelagem em forma de cesta, mas menos flexível do que cetim (TWILL, [201-?]).

VICHY: s.m

simb.de class:1.110

Outras denominações: -

Definição: Tecido de algodão com quadriculados regulares brancos e vermelhos ou brancos e azuis (RUBERTELLI; WHITEMAN, 2015).

Contexto de uso: *Criado na França, na cidade de **Vichy**, o tecido de mesmo nome era utilizado, principalmente, na produção de aventais e toalhas de mesa. Anos depois, nos Estados Unidos, na época da Segunda Guerra Mundial, ele começou*

a ficar popular no país e ganhou o mundo todo como uma das peças mais marcantes dos piqueniques. (WESTING HOME AND LIVING, [2017?]a)

VOILE: s.m

simb.de class: 1.122

Outras denominações: voal

Definição: O voile é produzido com fios muito finos altamente torcidos e com baixa densidade, resultando numa aparência fluida, leve e transparente. Muito usado para cortinas (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O **voile** é um tecido bastante fino, sempre leve (inferior a 135 g/m²), normalmente em algodão puro, sendo também utilizadas misturas de algodão com poliéster para artigos mais baratos. Possui uso, principalmente, em camisas masculinas e blusas femininas (PEREIRA, [2000?]).*

XADREZ: s.m

simb.de class: 1.112

Outras denominações: -

Definição: Nome genérico dado a tecidos das mais variadas matérias primas que apresentam motivos xadrezes por estampagem ou por utilização de fios tintos (JAIGOBIND; AMARAL; JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *O tecido **xadrez** foi criado por proprietários de terras na escócia, durante o século XIX, como alternativa para o tartã, considerado inadequado ao uso diário ou ao trabalho. Durante o século XX, foi usado, a princípio, somente em ternos e casacos masculinos, mas logo tornou-se popular para as mulheres em costumes, mantôs, xales, saias, vestidos e na década de 60 também passou a ser usado em calças femininas (MAURILIO, 2008).*

ZUARTE: s.m

simb.de class: 1.113

Outras denominações: -

Definição: Tecido Brim rústico de algodão mesclado (AMARAL, JAIGOBIND, JAISINGH, 2007).

Contexto de uso: *A indumentária característica é composta pelo uniforme militar na cor azul feito com o tecido **zuarte**, pelo lenço vermelho no pescoço, sandálias de couro e chapéu de palha, esse último sempre com uma flor na lateral (VIDAL, 2016)*

CONCLUSÃO

Após um estudo geral do setor têxtil e suas ramificações, sentimos a necessidade de delimitar apenas um campo de conhecimento, visto que esse setor possui diversas ramificações e não haveria tempo hábil para estudo, no âmbito de uma pesquisa de Doutorado. Optamos, então, pela subárea “nomes de tecidos”. Nossa decisão sobre a delimitação da pesquisa a essa subárea se deve ao fato de que apesar de existirem vários glossários que denominam tecidos disponíveis na internet ou em outro suporte, esses não foram elaborados seguindo um trabalho terminológico, o que significa que os termos não receberam um tratamento terminológico e terminográfico com base em critérios científicos e metodológicos que seguem os preceitos da Terminologia. Assim, decidimos delimitar nossa pesquisa aos termos que denominam tecidos e elaborar um glossário que se sustentasse em uma proposta cientificamente estabelecida.

Em nossas buscas deparamo-nos com diversas listas que apresentam os nomes de tecidos acompanhados apenas de uma descrição desses. Essas listas, apresentadas ao final de apostilas utilizadas como material didático em cursos de graduação e em cursos técnicos do setor têxtil, não contém, por exemplo, contextos de usos desses.

Depois de conversarmos com especialistas da área, entendemos que um glossário que apresentasse não apenas a definição dos tecidos, mas também pelo menos um contexto de uso em que eles são utilizados, seria útil para realização de pesquisas dos consultentes que trabalham no ramo têxtil, pois alguns tecidos são comercializados apenas por determinadas empresas e têm aspectos muito parecidos, o que gera certa dúvida na distinção entre eles. Dessa forma, um glossário que contenha a definição dos tecidos e seu uso (contexto de uso) em situações reais de comunicação, sejam elas em sites de venda ou moda, torna-se um instrumento de pesquisa que auxilia os profissionais da área em suas buscas.

O setor têxtil é um campo muito vasto, comportando diversas ramificações, como mencionamos anteriormente, dentre essas ramificações podemos citar: maquinários, produtos, fios e outros. Cada subárea possui uma terminologia própria. Nossas pesquisas no âmbito desta tese se dão, mais especificamente, sobre os nomes de tecidos, os termos eponímicos, aqui entendidos como termos formados com base em epônimos, sejam eles de origem antroponímica ou toponímica.

Dos 157 termos que denominam tecidos, estudados em nossa tese, 37 são termos eponímicos formados com base em topônimos (80% do total de termos) Esses se revelaram mais produtivos que os termos eponímicos de origem antroponímica (20% do total de termos).

Os epônimos que se apresentam em sua forma original (nome próprio) se revelaram em número maior, 25 termos (54% do total), em relação aos epônimos que se apresentam em forma banalizada, que contabilizam 21 termos (46% do total).

Há termos eponímicos de origem estrangeira que denominam os nomes de tecidos e esses se manifestam nos textos em português sob a forma de empréstimos (52%), xenismos (41%) e termos da língua portuguesa (7%); no entanto no conjunto terminológico estudado, não identificamos nenhum termo que tenha sido incorporado à língua portuguesa por meio de transliteração. A transliteração geralmente ocorre em termos oriundos de países que não utilizam o alfabeto latino, como a China e a Índia, por exemplo. Em nossa tese encontramos termos eponímicos de origem indiana, russa, chinesa e outros, mas esses foram transliterados para outras línguas como o inglês e o francês, e depois adotados em português por meio de empréstimos ou xenismos. É o caso de *shantung*, que foi transliterado para o inglês e depois adotado em português tanto na forma xênica utilizada em inglês *shantung* quanto na forma de empréstimo *xantungue*, uma vez que teve sua grafia e pronúncia adaptada à nossa língua.

Verificamos ainda que há termos antroponímicos que homenageiam homens e mulheres, no entanto há predominância do gênero masculino (67%) na formação desses termos. Em

nossos dados, verificamos apenas dois nomes de mulheres (33%) que denominam tecido: “Suzette” e “Georgette”. Sobre a primeira não encontramos nenhuma informação, já sobre a segunda há dados de que tenha sido uma renomada estilista parisiense, mesmo assim não encontramos muitas informações sobre sua vida profissional, nem mesmo nos sites da França. O oposto ocorre com os homens homenageados, que têm vasta bibliografia disponível na internet em sites de vários países, por exemplo.

Esse quadro expressa um certo machismo no que diz respeito ao papel da mulher no mercado de trabalho, já que grandes fábricas têxteis empregam mulheres que participam ativamente nos diversos setores, no entanto essas têm remuneração inferior até hoje e não devidamente reconhecidas pelo importante papel que desempenham em seus empregos.

Vários países, regiões ou cidades serviram de referência para a formação dos termos eponímicos de base toponímica, a saber: Caxemira, China, Escócia, França, Índia, Inglaterra, Iraque, Itália, Marrocos, Panamá, Rússia, Síria e Turquia. Observamos que a França (28%) e a Inglaterra (18%) foram os países que mais se destacaram no que diz respeito à formação de termos eponímicos. No caso da França, tal fato se justifica por ser esse um país referência de moda no mundo todo há séculos. Já a Inglaterra é um país que se destaca pela produção têxtil. Os demais países também ocupam importante espaço no domínio têxtil, por exemplo, a Índia e a China são famosas pela produção de produtos têxteis variados comercializados por preços mais acessíveis.

Sobre os termos eponímicos, ainda vale ressaltar que 9 tiveram alguma adição ao radical da unidade terminológica, na maioria dos casos foram acrescentados sufixos ou algum outro tipo de terminação ao termo: *marroquim*, *oxfordine*, *musseline*, *musselina*, *lonita*, *escocês*, *damascado*, *cambraia*, *astracão* e apenas um termo teve adição de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: *adamascado*, isto é, foi formado por parassíntese. Desse modo, notamos que o processo de sufixação revelou-se produtivo na criação de termos eponímicos banalizados, pois dos 17

termos 9 sofreram adição de sufixo ao final do termo e apenas 7 foram criados sem adição de algum tipo de terminação.

Todos os termos de nosso trabalho são substantivos comuns, pois todos são nomes de tecidos apenas alguns termos complexos apresentaram seus determinantes sob a forma de adjetivo (pátrio) ou de locução adjetiva.

Em diversos casos, a região que passou a denominar o tecido, passou também a denominar o animal do qual era extraído a lã para confeccionar o tecido, assim, *angorá*, por exemplo, denomina não apenas uma região da Turquia, mas também a cabra angorá da qual se extrai a lã para fazer o tecido de mesmo nome.

Os termos simples compuseram 78% dos termos eponímicos estudados, por isso observamos que, ao contrário de outras áreas de especialidade, os termos sintagmáticos (apenas 22%) não se revelam produtivos na criação de termos do domínio têxtil.

Não conseguimos identificar a data inicial de fabricação de alguns tecidos, no entanto o local em que estes foram fabricados pela primeira vez encontra-se disponível em nossa pesquisa. Alguns tecidos possuem pouca descrição e percebemos que essas são praticamente iguais nas apostilas técnicas e nos sites de venda, o que dificultou a obtenção de dados minuciosos, como em *astracã*, *astracção*, *angorá*, *crepe romain*, *crepe marrocaïn*, *crepe marroquim* e *panamá*. Nos dois primeiros casos, encontramos mais informações a respeito do tecido que para os outros casos.

Quanto ao glossário, consideramos que dados básicos para a compreensão dos termos que denominam tecidos, não somente os termos eponímicos, que devam compor os verbetes sejam a definição dos termos, a classe lexical à qual pertencem, outras denominações, caso o tecido seja conhecido por outros nomes e o contexto de uso, que mostra utilização do termo em comunicação entre os especialistas do setor têxtil. Tais dados são importantes, uma vez que

servem como fonte de pesquisa para alunos de cursos de graduação e cursos técnicos do setor têxtil, e também para comerciantes que trabalham diretamente com a venda de tecidos.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (ABDI). **Estudo prospectivo setorial: têxtil e confecção**. Brasília, 2010. (Série Cadernos da Indústria ABDI, v. 18). Disponível em: <<http://www.abit.org.br/adm/Arquivo/Servico/114216.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2015.
- ALVES, A. Mas onde fica e como é o Panamá? **Do Panamá pro Mundo**: Impressões de um brasileiro, no Panamá, sobre o Panamá e o mundo. [Panamá], 7 ago. 2013. Disponível em: <<https://dopanamapromundo.wordpress.com/2013/08/07/mas-onde-fica-o-como-e-o-panama/>>. Acesso em: 9 set. 2017.
- ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. São Paulo, *Alfa*, v.40, p.11-16, 1996.
- ANDRADE, R. **A moda italiana antes de Milão: percorra a longa história da moda italiana fora da contemporânea Milão**. 2017. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/modabrasil/espaco_critico/prato/index2.htm>. Acesso em: 02 mar. 2017.
- ARAGÃO, E. F. (Coord.). **O Fiar e o tecer**: 120 anos da indústria têxtil no Ceará. Fortaleza: Sinditêxtil/FIEC, 2002. Disponível em: <<http://www.sinditextilce.org.br/pdf/publicacoes/livros/Livro%20O%20Fiar%20e%20o%20Tecer.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2015.
- ASTRACÃ. In: DICIONÁRIO Informal. 2017. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/astrac%C3%A3/>>. Acesso em: 2 ago. 2017.
- ASTRACÃ. In: PUEL, C. Glossário de tecidos. **Estilo Piti**, 1. set. 2012. Disponível em: <<http://glossario.estilopiti.com/2012/03/astraca.html>>. Acesso em: 9 set. 2017.
- AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas, 1996.
- AULETE, C. **Novíssimo Aulete**: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. [Organizador Paulo Geiger]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BAGNO, M. C. Fênix e outros mitos. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001. p.49-83.
- BANCO DO TECIDO. **Era uma vez um tecido xadrez- Biblioteca de tecidos**, 2016. Disponível em: <<http://bancodetecido.com.br/blog-textos/2016/12/1/era-uma-vez-um-tecido-xadrez>>. Acesso em: 8 ago. 2017.
- BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1981.
- _____. _____. São Paulo: Global, 1989.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2004. (Acadêmica, 54).

_____. **Conhecimento de terminologia geral para a prática tradutória**. São José do Rio Preto: NovaGraf, 2007.

BATISTA. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+batista.htm#>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIGIO, V. Crêpes Suzette. São Paulo, **Jornal Maturidades**. Sabor & Saber, n.33, [2007?]. Disponível em: <http://www.pucsp.br/maturidades/sabor_saber/crepes_33.html>. Acesso em: 9 ago. 2017.

BOULANGER, J. C. L'évolution du concept de NEOLOGIE de la linguistique aux industries de la langue. In: SCHAEZTEN, C. de. **Terminologie anachronique**. Paris: Conseil International de la Langue Française, 1989. p.193-211.

BOUTIN-QUESNEL, Rachel. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de la langue française).

_____. **La terminología: teoria, metodología, aplicaciones**. (Trad. castelhana de Carles Tebé). Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

_____. **La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

BRANDINI, V. Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX. **Revista signos do consumo**, São Paulo, v.1, n.1, p.74-101, 2009.

BURNS, E, M. **A Revolução Industrial dos séculos XIX e XX** [Tradução: Tradução de LOURIVAL GOMES MACHADO, LOURDES SANTOS MACHADO e LEONEL VALLANDRO] , 3 março de 2011. Disponível em: < <http://www.consciencia.org/a-revolucao-industrial-dos-seculos-xix-e-xx>> Acesso em 9 set. 2015.

CABRÉ, M. T. Variació per tema: el discurs especialitzat o la varietat funcional determinada per la temàtica: noves perspectives. València, **Caplletra: revista internacional de filologia**, n.25, p. 173-194, 1998. (Volum monogràfic sobre Variació lingüística coordinat per Joaquim Viaplana). Disponível em: <<https://ojs.uv.es/index.php/caplletra/article/view/6743/6523>>. Acesso em: 8 set. 2015.

CANO, W. Movimento da indústria e sua concentração regional (1930-1970). In: _____. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1995**. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2007. Cap.3, p.71-119.

CARVALHO, N. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Empréstimos lingüísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CHAMBRAY. In: **The MITCHELLI**: modern gentlemen style: glossary. [201-?]. Disponível em: <<http://www.themitchelli.com/glossary/#C>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

CLEMENTINO, M. do L. M. A evolução da indústria têxtil no contexto da afirmação do imperialismo americano. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 12., Bogotá. **Anais...** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2012.

CONEXÃO TECIDOS. **Musselina**, 2017. Disponível em: <<https://www.conexaotecidos.com.br/39-musselina-de-seda>>. Acesso em: 02 jun.2016.

CREPE cetim: descrição e propriedades dos tecidos. **Familysis**, c2016. Home & Family. Acessórios. Disponível em: <http://familysis.com/pt/pages/57662>. Acesso 02.04.2017.

DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONÔMICOS (DEPEC). **Têxtil e confecções**: setembro de 2016. Disponível em: <www.economiaemdia.com.br>. Acesso em: 2 mar. 2016.

DEPECKER, L. La terminologie est-elle une science? In: LA TERMINOLOGIE DISCIPLINE SCIENTIFIQUE. 2003, Paris. **Actes...** Paris: Société Française de Terminologie. Université de Paris III, 2004. p. 11-18. (Le savoir des mots).

DEROY, L. **L'Emprunt Linguistique**. Paris: Les Belles Letres, 1956.

DOUAT, P. Pashmina, um conforto para o inverno. **Moda Brasil. Forças da moda**. [São Paulo]: Universidade Anhembi Morumbi, [2016]. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/modabrasil/forcas_moda/pash/index2.htm>. Acesso em: 2 ago. 2017.

ESCOCÊS. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escoc%C3%AAs/>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

FERRAZ, Q. Revolução industrial, evolução da indústria do vestuário e tecnologia têxtil: onde a função encontrou a moda. Pt. 1/3. **Fashion Bubbles**, 13 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/revolucao-industrial-e-industrializacao-do-vestuario-onde-a-funcao-encontrou-a-moda-parte-1/>> Acesso em: 8 out. 2016.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação de Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4. ed. Curitiba: Positiva, 2009.

GOOGLE EARTH. **[Mapa do] Reino Unido**. Mountain View, 2017. Disponível em: <<https://earth.google.com/web/@47.73855,12.5088275,1244.3852174a,8004586.88993494d,35y,0h,0t,0r/data=Ck0aSxJFCiQweDI1YTNiMTE0MmM3OTFhOToweGM0ZjhhMDQzMzI4ODI1N2EzLjYk-WOwS0AhFoOHad98C8AqC1JlaW5vIFVuaWRvGAIgAQ>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

GOOGLE MAPS. **[Mapa da] França**. Mountain View, 2017. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Fran%C3%A7a/@46.136829,2.4367852,6z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xd54a02933785731:0x6bfd3f96c747d9f7!8m2!3d46.227638!4d2.213749>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larrouse Université, 1975.

HALLET, J. **Tapetes, Turquia**. 2017. Disponível em : <
<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=938>>. Acesso em 10 set. 2017.

JACOMEL, S. **História da moda**. Curitiba, [201-?]. Disponível em:
 <<http://www.susanjacomel.com.br/historia-da-moda/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

JAIGOBIND, A. G. A.; AMARAL, L; JAISINGH, S. **Confecção de vestuário**. [Curitiba]: Instituto de Tecnologia do Paraná, abr. 2007. (Dossiê técnico).

KRIEGER, M. G. Terminologia revisitada. In: _____; MACIEL, A. M. B. **Temas de terminologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; São Paulo: Humanitas/USP, 2000. p.47-60.

_____; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LE TRESOR DE LA LANGUE FRANÇAISE. Acesso em 28/08/2017. Disponível em:
<http://stella.atilf.fr/Dendien/scripts/tlfiv5/showp.exe?423;s=3075002925;p=combi.htm>

LIMA, L. F. A moda do século XVIII e sua relação com a arte Rococó na França. In: COLÓQUIO DE MODA, 8., 2012, [s.l.]. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda, 2012. Disponível em:
 <http://www.coloquiomoda.com.br/anais_ant/anais/8-Coloquio-de-Moda_2012/GT06/ARTIGO-DE-GT/103535_A_moda_do_seculo_XVIII_e_sua_relacao_com_a_arte_Rococo_na_Franca.pdf>
 . Acesso em: 9 out.16.

LOURIDO, R.D.F.A. Do ocidente à China pelas rotas da seda. **Revista Administração**, v.19, n. 73, p. 1073-1094, 2006.

MALUF, E.; KOLBE, W. **Dados técnicos para a indústria têxtil**. 2. ed. São Paulo: ABIT, 2003.

MAMEDES, J.J. **A mesquita da luz: o islã sunita no Rio de Janeiro**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

MANUFATURA dos Gobelins. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em:
 <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo881/manufatura-dos-gobelins>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

MANUFATURA Gobelins. **Do Artesanato Tradicional à Arte Industrial**, 2016. Disponível em: <<http://industriaarte.blogspot.com.br/2016/09/manufatura-gobelins.html>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

MAPAWI.COM. **Código Postales de Chambray-lès-Tours- Información sobre la ciudad en Chambray-lès-Tours**. 2017. Disponível em: <<http://codigo-postal.es.mapawi.com/francia/1/arrondissement-de-tours/3/102/chambray-les-tours/37170/10079/>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

McKUSICK, V. A. On the naming of clinical disorders, with particular reference to eponyms. Baltimore, **Medicine**, v.77, n.1, p.1-2, Jan. 1998.

NICOLINI, R. **TX7440. Tecelagem IV: tecidos: glossário.** [São Bernardo do Campo]: Centro Universitário da FEI, 2008. Apostila.

OLIVEIRA, G. I. A trama e a urdidura: o vocabulário têxtil e a história da língua portuguesa. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v.13, n.2, p.441-457, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/59895/63004>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION. **ISO 1087:1990: Terminologie: vocabulaire.** Geneva, 1990.

ORSI, V; CARMO, L. Reflexões sobre o léxico e a moda do século XIX. In: Moda documenta: museu, memória e design 2015. **Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda**, São Paulo, 2015. São Paulo: MIMo/Estação das Letras e Cores, ano 2, vol. 01, n. 01.

PALMEIRA, A. M. O que é o algodão de Madrás, Patchwork e Seersucker. **...é bom e eu gosto!** Tavira, 20 maio 2015. Disponível em: <<http://anamargaridapalmeiraebomeeugosto.blogs.sapo.pt/o-que-e-algodao-de-madras-patchorkw-e-17051>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

PAVEL, S.; NOLET, D. **Manual de terminologia.** Traduzido em português por Enilde Faulstich. Quebec: Departamento de Tradução do Governo Canadense, 2002. Disponível em: <<https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2011.

PILLA, E. H. **Os neologismos do português e a face social da língua.** Porto Alegre: Age, 2002.

REY, A. Néologisme: un pseudo-concept? Paris, **Cahiers de Lexicologie**, v.1, n.28, p.3-17, 1976.

RONDEAU, G. La néologie terminologique (néonymie). In: _____. **Introduction à la terminologie.** 2^e éd. Québec: Gaetan Morin, 1984. Cap. 5.

RUBERTELLI, M; WHITEMAN, V. **Coleção Folha Moda: glossário.** [Tradução: Wally Constantino]. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

RUSSOBRAS. **Subdivisões da Rússia:** região de AstraKhan (Astracã). Moscou: IDEM, c2009-16. Disponível em: <<http://www.russobras.com.br/subdiv/astrakhan.php>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

SAYURI, J. História dos tecidos: idade antiga e média. **Indústria Textil [sic] e do Vestuário. Textile Industry**, 13 set. 2010. Disponível em: <<http://textileindustry.ning.com/profiles/blogs/historia-dos-tecidos-idade>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

SEABRA, M. C. T. C. de. Referência e onomástica. In: SIMPÓSIO NACIONAL, 11.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2006. Uberlândia. **Múltiplas perspectivas em linguística.** Uberlândia: ILEEL, 2006. p.1953-1960.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL-SP (SENAI-SP). **Manual técnico. Têxtil e vestuário.** São Paulo: Escola SENAI “Francisco Matarazzo”, [2000?]. (SENAI Mix Design. Tecelagem, n.4). Disponível em:

<https://issuu.com/senaitextilvestuario/docs/manual04_tecelagem?embed_cta=download&embed_context=embed&embed_domain=textil.sp.senai.br&embed_id=13219499%252F34555306>. Acesso em: 02 jun.2017

SHANTUNG: nome masculino. In: Instituto de Língua Teórica e Computacional (ILTEC). **Vocabulário Ortográfico do Português**. Coimbra: Portal da Língua Portuguesa, [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/advanced.php?action=lemma&lemma=137911>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SILVA, D. N.; MENEZES, M. S. Design têxtil: revisão histórica, surgimento e evolução de tecnologias. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO, 21.; INTERNATIONAL COFERENCE ON GRAPHICS ENGINEERING FOR ARTS AND DESIGN, 10., 2013, Florianópolis. **Expressão gráfica: tecnologia e arte para inovação**. Florianópolis: Associação Brasileira de Expressão Gráfica, 2013. Disponível em: <<http://wright.ava.ufsc.br/~grupohipermedia/graphica2013/trabalhos/DESIGN%20TEXTIL%20REVISAO%20HISTORICA%20SURGIMENTO%20E%20EVOLUCAO%20DE%20TECNOLOGIAS.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2016.

SILVEIRA, F. A.; BARROS, L. A. Os termos eponímicos na terminologia da dermatologia. São Paulo, **Estudos Linguísticos**, v.34, p.1134-1139, 2005.

_____. _____. Uso de termos eponímicos em comunicação médica. In: BARROS, L. A.; ISQUERDO, N. A. **O léxico em foco: múltiplos olhares**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010. p.157-175.

SÍRIA. In: PORTAL São Francisco. Turismo. Limeira, c2017. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/siria>>. Acesso em: 9 set. 2017.

TURQUIA. In: PORTAL São Francisco. Limeira, c2017. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/turquia>>. Acesso em: 9 set. 2017.

VAN HOOFF, H. La traduction des éponymes médicaux banalisés de langue anglaise. Montréal, **Meta: Journal des traducteurs**, v.46, n.1, p.82-91, 2001.

WESTING HOME AND LIVING. **Tecido Vichy**. São Paulo, [2017?]a. Disponível em: <<https://www.westwing.com.br/tecido-vichy/>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

WESTING HOME AND LIVING. **Cetim**. São Paulo, [2017?]b. Disponível em: <<https://www.westwing.com.br/cetim/>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

WITKOSKI, M. **Processo operacional de um tear circular e manutenção**. Araranguá: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2013.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

- ANIMAIS.INFO. **Maior coelho angorá do mundo**. Disponível em: <<http://coelhos.animais.info/imagens-maior-coelho-angora-do-mundo-jpg>>. Acesso em 18.01.2018.
- ALTA **qualidade e estilo simples tecido sofá tapeçaria gobelin**. In: Alibaba.com. [Hong Kong], c1999-2017a. Disponível em: <<https://portuguese.alibaba.com/product-detail-img/alta-qualidade-e-estilo-simples-tecido-sof-tape-aria-gobelin-2004103387.html>>. Acesso em: 28 jun. 2017.
- ALTA qualidade tecido denim para jeans. In: Alibaba.com. [Hong Kong], c1999-2017b. Disponível em: <<https://portuguese.alibaba.com/product-detail/high-quality-cotton-denim-fabric-for-jeans-615266019.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.
- AMENI, M. **Príncipe de Gales**- Um tecido nobre. 2011. Disponível em: <https://amenimario.wordpress.com/2016/02/11/principe-de-gales-um-tecido-nobre/>>. Acesso em 15 jun.2017.
- AMISSIMA. **Blusa crepe cetim vazado**. São Paulo, c2013-17. Disponível em: <<http://www.amissima.com.br/blusa-crepe-cetim-vazado-8533.aspx/p>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- ANGORÁ. In: NANINE. ABC dos tecidos, moda e termos afins. **Desejos de Consumo**, 18 maio 2011. Disponível em: <<https://desejosdeconsumowish.files.wordpress.com/2011/05/boinas-leopard-mais-hat-padr25c325a3o-mulher-cores-1206831.jpeg>>. Acesso em: 29 jun. 2017.
- AUGEN, P. **História do mundo para leigos**. Tradução de Bianca Capitanio. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.
- BATISTA. In: Pinterest. San Francisco, c2017. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/410038741053385339/>>. (2017 a). Acesso em: 28 jun. 2017.
- BAZAR HORIZONTE. **Tecido Panamá**. São Paulo, [2017?]. Disponível em: <http://bazarhorizonte.vteximg.com.br/arquivos/ids/339116-450-450/018838_000006_1.jpg?v=636348461207300000>. Acesso em: 21 jun. 2017.
- BEAUMONT, A. Astracã. **Sempre Na Moda**, 28 fev. 2015. Disponível em: <<http://wwwsemprenamodablogspotcom.blogspot.com.br/2015/02/astraca.html>>. Acesso em: 28 jun. 2017.
- CAETANO, D. O clássico voltou. **Douglas Caetano Interiores**, 6 out. 2013. Disponível em: <<http://interiorescaetano.blogspot.com.br/2013/10/o-classico-voltou.html>>. Acesso em: 28 jun. 2017.
- CASA DAS CORTINAS. **Tecido Oxford com 3 metros de largura**. Itumbiara, [2017?]. Disponível em: <<https://tecidosecortinas.com.br/Tecido%20Oxford%20com%203%20metros%20de%20largura?search=oxford>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

CATÁLOGO DE TECIDOS. Disponível em: <<http://pginasdeamor.blogspot.com.br/p/catalogo-de-tecidos.html>>. Acesso em 28 jun. 2017.

[CAXEMIRA]. In: Alibaba.com. [Hong Kong], c1999-2017. Disponível em: <<https://portuguese.alibaba.com/product-detail/woven-in-kashmir-from-100-fine-wool-shawls-stoles-scarves-100775693.html>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

CENTER FABRIL. **Crepe romain**. São Paulo, c2015. Disponível em: <<https://www.centerfabril.com.br/tecido-crepe-romain-8594.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

CHEVIOT. In: Pinterest. San Francisco, c2017. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/410038741053387781/>>. (2017b). Acesso em: 28 jun. 2017.

CIA DE PAPEL. **Tecido lonita**. Atibaia, [2017?]. Disponível em: <<http://www.ciadepapel.com/product-page/tecido-lonita>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

COSTA, L. Caprinos: principais raças do mundo. **Stravaganza**, 31 maio 2011. Disponível em: <<http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br/2011/05/caprinos-principais-racas-do-mundo.html>>. Acesso em: 1 jul. 2017.

CREPE da China. In: Pinterest. San Francisco, c2017. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/410038741053392940/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

CRÊPE georgette. In: HUREL Textile et Broderie. Paris, c2008. Disponível em: <http://www.hurel.fr/wp_fr/crepe-georgette/>. Acesso em: 28 jun. 2017.

CREPE Suzette 75D. In: Made-in-China.com. CAETANO. c1998-2017. Disponível em: <<http://dhtextile.en.made-in-china.com/product/goandrCMCXcG/China-Crepe-Suzette-75D.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

FIDELIS, L. Especial vestidos de noiva: tipos de tecidos. **Falando de Casamento**, 21 nov. 2014. Disponível em: <http://assessorialidianefidelis.blogspot.com.br/2014/11/especial-vestido-de-noiva-tipos-de_21.html>. Acesso em: 29 jun. 2017.

GOMES, C. Tecidos para vestidos de festa. **Sigbol Fashion**, 9 mar. 2016. Disponível em: <<https://blogsigbolfashion.com/2016/03/09/tecidos-para-vestidos-de-festa/>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss conciso**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss, organizador; [editor responsável Mauro de Salles Villar]. São Paulo: Moderna, 2011.

MALHARIA IPANEMA. **Tecido lona**. Taquatinga, DF, c2015. Disponível em: <<http://malhariaipanema.com.br/index.php/catalogsearch/result/?cat=&q=tecido+lona+cru>> Acesso em: 29 jun. 2017.

MOROCCAN crepe, crêpe marocain. In: WEAVINGLIBRARY. Dictionary. Lyon, [201-?]. Disponível em: <<http://www.weavinglibrary.org/2012/03/crepe-marocain.html>>. Acesso em: 25 jun. 2017

MUNDO DOS TECIDOS. **Tecido escocês 1**. Porto, [2017]. Disponível em: <<https://www.mundodostecidos.pt/loja/xadrez-escoces/596-tecido-escoces-1.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

NEW ZEALAND RARE BREEDS. **Cheviot sheep**: A minority breed of British origin. Christchurch: Rare Breeds Conservation Society of New Zealand Incorporated, 2002-06. Disponível em: <<https://www.rarebreeds.co.nz/cheviot.html>>. Acesso em: 1 jul. 2017.

OLIVEIRA, J. M. Vichy: versátil e atemporal. **Mundo Moda**. 8 maio 2015. Disponível em: <<https://mondomoda.com.br/2015/05/08/vichy-versatil-e-atemporal/#jp-carousel-102026>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

OTOMANO. In: AULETE, C. **Dicionário Caldas Aulete**. Rio de Janeiro: Lexikon, c2008. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/otomano>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

OXFORDINE liso. In: Elo7. São Paulo, c2017. Disponível em: <<https://www.elo7.com.br/oxfordine-liso/dp/8CF4BB>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

PHOTOBUCKET. **Gros de Tours**. Largura 450 pixels. Altura 600 pixels. Formato JPEG. [201-?]. Disponível em: <<http://photobucket.com/gallery/user/moriel2/media/cGF0aDpUZWNpZG9zL2dyb3MtZGUtdG91ci5qcGc=/?ref=>>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

PORTAL SDR. Já escutou falar em casacos ou estolas de astracã? Porto Alegre, **Jornal. Dicas da semana**, [8 dez. 2016]. Disponível em: <<https://www.sdr.com.br/Curiosidades/045.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

RODRIGUES, L. Tendência: xadrez Madras: histórias e dicas. **IG Moda Masculina**, 7 set. 2011. Disponível em: <<http://modamasculina.ig.com.br/index.php/2011/09/07/tendencia-xadrez-madras-historia-e-dicas/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

SHANTUNG. In: Google.it. Imagens. Disponível em: <https://www.google.it/search?q=shantung+tecido&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwicyI_WnOjKAhWDFywKHYlFDRMQsAQIHw&biw=1280&bih=699#imgsrc=Xk6PpP4qq6aFZM%3D>. Acesso em: 8 fev. 2016.

TAMAKI, I. Casaco tweed: confira como incorporar essa peça clássica ao seu estilo. **Dicas de Mulher**, [2017?]. Disponível em: <<https://www.dicasdemulher.com.br/casaco-tweed/>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

TECIDO chambray. **Marlan Malhas**. Guaramirim, 18 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.marlan.com.br/blog/moda-infantil/tecido-chambray/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

[TECIDO Jersey]. In: MLSTATIC.com. Disponível em: <https://http2.mlstatic.com/tecido-jersey-ford-maverick-D_NQ_NP_374111-MLB20485337136_112015-F.jpg>. Acesso em: 28 jun. 2017a.

TECIDO Melton marfim. In: Tanlup. Disponível em: <<http://www.tanlup.com/tecido-unifloc-melton-marfim-50cmx1-60m-1146320>>. Acesso em: 28 jun. 2017b.

[TECIDO otomano francês]. In: Alibaba.com. [Hong Kong], c1999-2017a. Disponível em: <<https://portuguese.alibaba.com/product-detail-img/100-algod-o-tecido-otomano-franc-s-costela-tric-tecido-venda-60231682303.html>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

TECIDO para decoração jacquard creme 2,80x1mt. In: Mercado Livre. Osasco, c1999-2017b. Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-797592680-tecido-para-decoracao-jacquard-creme-280x1mt-_JM>. Acesso em: 28 jun. 2017.

SANTOS, R. Índia: conflito da caxemira, crescimento da economia e da desigualdade social. Aracaju, **Síntese**, 31 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.sintese.org.br/index.php/panorama/blogs-e-colunistas/roberto-santos/3344-india-conflito-da-caxemira-crescimento-da-economia-e-da-desigualdade-social>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

SHETLAND. In: TEXTSITE.info. **Dicionário de definições do ramo têxtil**. Brno: Textilní zkušební ústav, c2006-08. Disponível em: <<http://pt.textsite.info/Shetland>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

TRUE FRIENDS. **Tecido nacional cambraia rosa**. Joinville, c2017. Disponível em: <<http://www.truefriends.com.br/tecido-nacional-cambraia-rosa-2-55m-largura.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

WINDSWEPT FARMS. **Shetland sheep**. Southwest Michigan, c2008. Disponível em: <<http://www.windsweptfarms.com/shetland-sheep.html>>. Acesso em: 1 jul. 2017.

REFERÊNCIAS DAS DEFINIÇÕES

AMARAL, L; JAIGOBIND, A, G. A; JAISINGH, S. **Dossiê Técnico Confecção** de Vestuário. Instituto de Tecnologia do Paraná, Abril de 2007.

BH MÁQUINAS DE COSTURA. **Tecidoteca**: nome dos tecidos online. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <<http://www.maquinasdecosturabh.com/tecidoteca-nome-dos-tecidos-online/>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

NICOLINI, Rubens. TX7440 - **Tecelagem -IV-Tecidos – Glossário**. Centro Universitário da FEI, Apostila de tecelagem. 2008.

PUEL, C. Glossário de tecidos. **Estilo Piti**, 1. set. 2012. Disponível em: <<http://glossario.estilopiti.com/2012/03/astraca.html>>. Acesso em: 9 set. 2017.

RUBERTELLI, M; WHITEMAN, V. **Coleção Folha Moda**: glossário. [Tradução: Wally Constantino]. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

REFERÊNCIAS DOS CONTEXTOS DE USO

ABLING, B.; MAGGIO, K. Ferramentas e materiais. In: _____. **Moulage, modelagem e desenho: prática integrada**. Porto Alegre: Bookman, 2014. Cap. 1. Disponível em:

<http://www.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/A/ABLING_Bina/Moulage_Modelagem_Desenho/Lib/Cap_01.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2017.

ADRI AIACH. **O que é devore?** São Paulo, [2017?]. Disponível em:

<<http://www.adriaiach.com.br/devore>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

ANDREA, L. **A história da chita, um tecido (quase) brasileiro**. [Florianópolis]:

AUDACES, 16 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.audaces.com/a-historia-da-chita-um-tecido-quase-brasileiro/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ANGORÁ. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em:

<<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+de+angora.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

ARQUIVO NACIONAL. **A indumentária colonial. Bens da Jacinta**. Rio de Janeiro, [201-?]. Disponível em:

<<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1304&sid=121>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ARTÍBALE, M. E. S. et al. Uma nova opção para contenção no tratamento do linfedema em crianças. Porto Alegre, **Jornal Vascular Brasileiro**, v.4, n.3, p.311-313, set. 2005.

ASTRACÃ. In: Pinterest. San Francisco, c2017. Disponível em:

<<https://www.pinterest.pt/pin/410038741053385130/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BARBOSA, M. Você sabe o que é feltro? Descubra aqui! **Revista Artesanato**, [2016].

Disponível em: <<http://www.revistaartesanato.com.br/o-que-e-feltro>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

BARBOSA, M. I. **Sem limite para o luxo**. São Paulo, 11 mar. 2007. Textos e Entrevistas - Casa Estadão. Disponível em:

<<http://www.mariaignezbarbosa.com/asp/listagemDet.asp?idsecao=1&idveiculo=3&p=101>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

BERGON. **Lona**. São Paulo, c2008. Disponível em:

<<http://www.bergon.com.br/blog/?p=94>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

BH MÁQUINAS DE COSTURA. **Tecidoteca**: nome dos tecidos online. Belo Horizonte.

[2017?]. Disponível em: <<http://www.maquinasdecosturabh.com/tecidoteca-nome-dos-tecidos-online/>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

BORGES, R. Challis. **Tecidos**, 2014. Disponível em:

<<http://tecidostecidos.blogspot.com.br/p/chalis.html>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

BRINTEX TECIDOS. **Tecido cretone**. Belo Horizonte, [2017?]. Disponível em: <<http://brintextecidos.com.br/wwwbrintextecidoscombr.html>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

CASAS FRANKLIN. **Microfibra x algodão**: saiba qual o tecido ideal para sua roupa de cama. 23 jan. 2017. Disponível em: <<http://blog.casasfranklin.com.br/microfibra-x-algodao-saiba-qual-o-tecido-ideal-para-sua-roupa-de-cama/>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

CATARINENSE IMPORTADORA E DISTRIBUIDORA. **Tecido cambraia liso 2,55m largura**. São Bernardo do Campo, c2017a. Disponível em: <http://www.dcatarinense.com.br/DetalhesProduto.aspx?id_produto=310&id=28&n1=3>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CATARINENSE IMPORTADORA E DISTRIBUIDORA. **Tecido Juliana reps chitão**. São Bernardo do Campo, c2017b. Disponível em: <http://www.dcatarinense.com.br/DetalhesProduto.aspx?id_produto=316&id=28&n1=>. Acesso em: 31 jul. 2017.

CATARINENSE IMPORTADORA E DISTRIBUIDORA. **Tecido juta cru**. São Bernardo do Campo, c2017c. Disponível em: <http://www.dcatarinense.com.br/DetalhesProduto.aspx?id_produto=365&id=33&n1=>. Acesso em: 1 jun. 2017.

CEARÁ. Secretaria da Educação. Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP). Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. **Curso técnico em modelagem do vestuário**: tecidos e fibras. Fortaleza, [2015?]. Disponível em: <http://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/material_didatico/modelagem_do_vestuário/MODELAGEM_DO_VESTUÁRIO_-_Tecidos_e_fibras.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CENTER FABRIL. **Tecido crepe lã lisa preta hisud larg 150 cm**: 100% lã. São Paulo, c2015a. Disponível em: <<http://www.centerfabril.com.br/tecido-la-pura-6697.html>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

CENTER FABRIL. **Tecido lingerie...** São Paulo, c2015b. Disponível em: <<http://www.centerfabril.com.br/tecido-lycra-lingerie.html>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

CHAPE. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+chape.htm#>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

CHEVIOT. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+cheviot.htm#>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

CONSENTINO, A. **Como são feitos os tecidos batiks**. Jundiaí: Patchwork Sem Segredos, 9 maio 2017. Disponível em: <<http://patchworksemsegredos.com.br/tecidos/tecidos-batik>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

COTELÊ. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+cotele.htm#>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

C.R. **Como fazer tapeçaria holandesa na talagarça: passo a passo detalhado.** **Arteblog**, 16 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.arteblog.net/2013/11/16/tapeçaria-holandesa-talagarça-passo-passo-detalhado/>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

CREMER. **Compressa de gaze algodoadada estéril.** São Paulo, c2013. Disponível em: <<http://www.portal.cremer.com.br/site-corporativo-cremer/negocios/divisao-consumo/visualizar-produtos.html?productId=74c388f732124068918e04a5bfb36153>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

CREPE. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca.** [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+crepe.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

CREPE da china. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca.** [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+crepe+da+china.htm#>>. Acesso em: 4 jun. 2017.

[CREPE suzette]. In: Alibaba.com. [Hong Kong], c1999-2017. Disponível em: <<https://portuguese.alibaba.com/product-detail/2015spring-new-style-high-quality-silk-crepe-suzette-shawl-sp2260-3--60218285623.html?spm=a2700.8698675.29.42.291df7a1yK6Pqt>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

CREPOM. In: DICIO: dicionário online de Português. Matosinhos: 7Graus, 2017. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/crepom/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CRUZ, L. **Brocado.** In: Knoow.net: enciclopédia temática. [s.l.], 2016. Disponível em: <<http://knoow.net/lifestyle/moda-beleza/brocado/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CVI TECIDOS E DECORAÇÃO. **Tecido para sofá chevron listrado vermelho coleção Vicenza.** São Paulo, [2017?]. Disponível em: <<https://cvitecidosdecor.com.br/produto/colecao-vicenza/tecido-para-sofa-chevron-listrado-vermelho-colecao-vicenza-vermelho/Nacional>>. Acesso em: 4 jun. 2017.

DASH UNIFORMES. **E afinal, o que é tecido Oxford?** 2012. Disponível em: <<http://www.dashuniformes.com.br/blog/e-afinal-o-que-e-tecido-oxford/>>. Acesso em 04 jun.2017.

ENTREMALHAS TECIDOS. **Tecido crepe mousse.** Novo Hamburgo, 10 dez. 2016. Facebook institucional. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Entremalhas/photos/a.122094247932011.19449.122033921271377792747697533326/?type=3&theater>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

ENTRETELA. In: DICIO: dicionário online de Português. Matosinhos: 7Graus, 2017. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/entretela/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ESCOCÊS. In: DICIO: dicionário online de Português. Matosinhos: 7Graus, 2017. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/escoces/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ESTEVEES, R. Glittery Jersey: tecido da tendência. **Poá Amarelo**, 17 nov. 2016. Disponível em: <<http://poaamarelo.com.br/glittery-jersey-tecido-da-tendencia/>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

ESTILOTEX. **Etamine**. Santa Bárbara d'Oeste, c2017. Disponível em: <<http://www.estilotex.com.br/produto.php?id=MQ==&sub=2&categoria=1>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

FABRIC MARKER. **Tecido flocado**. Zhejiang Provinc, [2017?]. Disponível em: <<http://fabric-maker.com.br/7-flocking-cloth.html>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

FAILLE. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+faille.htm#>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FITMODA. **Poliamida X Poliéster**. Nova Friburgo, c2017. Disponível em: <<http://www.fitmoda.com.br/POLIAMIDA-POLIESTER>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

FLANEL FABRIC. **Tecido de algodão serge**. Disponível em: <<http://pt.rsflannelette.com/flannel-fabric/woven-printed-flannel/cotton-serge-fabric.html>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

FLEXPÉ CALÇADOS. **Qual a diferença entre camurça e nobuck?** Mogi das Cruzes, [2015]. Disponível em: <<http://www.flexpe.com.br/2015/08/qual-a-diferenca-entre-camurca-e-nobuck/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

FONSECA, P. Deleite turco. **Concepção**: diário de viagem online, 7 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.historias.interativas.nom.br/lilith/aula/conceptart/deleite.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

FORTALEZAS.ORG. **Aniagem**. Florianópolis: SeCArte; UFSC, 2017. Disponível em: <http://fortalezas.org/?ct=verbete&id_verbete=43>. Acesso em: 29 jul. 2017.

FOXSTEXTIL. **Tecido flanela 100% algodão**. São Paulo, c2016. Disponível em: <<https://foxstextil.com.br/produto/tecido-flanela-100-algodao-tx-a2>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

FRANÇA: a seda lionesa, com fio importado do Brasil, aposta no luxo. Agence France-Presse (AFP). **UOL Notícias. Últimas**. 5 dez. 2011. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/12/05/franca-a-seda-lionesa-com-fio-importado-do-brasil-aposta-no-luxo.jhtm>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

FUSTÃO. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+de+fustao.htm#>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

GONZAGA, K. Pied-de-poule. **Torre Tecidos**, 24 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.torretecidos.com.br/blog/pied-de-poule/>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

GORINI, A. P. F. O segmento de índigo. Rio de Janeiro, **BNDES Setorial**, n.10, p.313-334, set. 1999. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/3161/1/BS%2010%20O%20segmento%20de%20indigo_P.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2017.

GOULART, M. **Bayadere**. Disponível em: <<http://www.glossariofashion.com.br/site/2013/11/04/baydere/>>. Acesso em: 1 jul. 2017.

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA. **Casimira de cabras brasileiras seria a melhor do mundo, se fosse feita**. Campinas, 9 jun. 2017. Disponível em:

<<http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=casimira-brasileira-melhor-do-mundo&id=010160170609#.WX1Xe1HmO00>>. Acesso em: 8 jan. 2016.

JB DUBLAGEM. O que é helanca e como é dublada? **Jbdublagementblog**, 21 out. 2016.

Disponível em: <<http://jbdublagem.com.br/blog/o-que-e-helanca-e-como-e-dublada/>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

KENIA. Descrição do produto fil a fil. **Soluções Industriais**, c2017a. Disponível em:

<<http://www.solucoesindustriais.com.br/empresa/textil/kenia/produtos/textil/tecido-fil-a-fil-preco>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

KENIA. Descrição do produto tecido panamá. **Soluções Industriais**, c2017b. Disponível em:

<<http://www.solucoesindustriais.com.br/empresa/textil/kenia/produtos/textil/tecido-panama-preco>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

KING STAR COLCHÕES. **Conjunto cama box com colchão chancellor**. [São Paulo, 2017?]. Disponível em: <

<https://www.kingstarcolchoes.com.br/conjunto-chancellor-p137/>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

LARTEX. **Lartex, produção de tecido em Jacquard**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<<http://www.lartex.com.br/saiba-tudo-sobre-jacquard/>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

LOJAS104. **Failte rosa claro**. Barbacena, 2017. Disponível em:

<https://lojas104.com.br/index.php?route=product/product&path=70&product_id=147>. Acesso em: 1 jun. 2017.

MADRAS. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em:

<<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+madras.htm#>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

MÃO E ARTE. **Tecido bailarina: 100% algodão**. Parnamirim, [2017?]. Disponível em:

<<https://maoarte.commercesuite.com.br/tecidos/tecido-animal-print-tigre-100-algodao>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

MAQUINÁRIO ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO. Tropicalismo inspira Coleção da Cactus para o verão. **Textília.net**, São Paulo, 23 jul. 2013. Hit da estação. Disponível em:

<http://www.textilia.net/materias/ler/moda/moda-hit-da-estacao/tropicalismo_inspira_na_colecao_verao_2014_da_cactus>. Acesso em: 20 jul. 2017.

MARES, S. **Laise: o tecido mais charmoso do guarda-roupa**. Divinópolis, 2017. Disponível em:

<<http://www.silvaniamares.com.br/laise-o-tecido-mais-charmoso-do-guarda-roupa/>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

MARIANO, M. (Ed.). Novo talento estreia na passarela da SPFW. **Textília.net**, São Paulo, 23 jan. 2012a. SPFW Outono/Inverno 2012. Disponível em:

<http://www.textilia.net/materias/ler/eventos/spfw_outono_inverno_2012/novo_talento_estrei_a_na_passarela_da_spfw>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MARIANO, M. (Ed.). Cedro resgata chita para coleção de Victor Dzenk. **Textília.net**, São Paulo, 5 jan. 2012b. Senac Rio Fashion business inverno 2012b. Disponível em: <http://www.textilia.net/materias/ler/eventos/senac_rio_fashion_business_2012/cedro_resgata_chita_para_colecao_de_victor_dzenk>. Acesso em: 31 jul. 2017.

MARQUISETTE. In: TEXSITE.info. **Dicionário de definições do ramo têxtil**. Brno: Textilní zkušební ústav, c2008. Disponível em: <<http://pt.textsite.info/Marquissette>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

MASSENA, J. Direto dos anos 80: lamê, tecido super brilhante, está de volta. **De salto alto**, Porto Alegre, 5 jan. 2015. Disponível em: <<http://itapemafm.clicrbs.com.br/saltoalto/2015/01/05/direto-dos-anos-80-lame-tecido-super-brilhante-esta-de-volta/>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

MATARAZZO, C. **Etiqueta sem frescura**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

MAURILIO, L. O xadrez tartã: origem e história. **Fashion Bubbles**, 10 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/o-xadrez-tarta-origem-e-historia/>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

MAXIMUS TECIDOS FINOS. **Tecido shantung com elastano marsala**. Disponível em: <<https://www.maximustecidos.com.br/tecido-shantung-com-elastano-marsala-p18279/>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

MEIA/TELA arrastão: da rebeldia à sofisticação. **Moda de Subculturas**, 22 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.modadesubculturas.com.br/2016/03/meiatela-arrastao-da-rebeldia.html>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

MELTON. In: BH MÁQUINAS DE COSTURA. **Tecidoteca**: nome dos tecidos online. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <<http://www.maquinasdecosturabh.com/tecidoteca-nome-dos-tecidos-online/>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

MIX LAR. **Explicações sobre tecidos**. Ibitinga, c2014. Disponível em: <<http://www.mixlar.com.br/explicacao-sobre-tecidos/>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

MOBLY. **Puff Londres Luis XV Tecido Patchwork Pés Madeira 585 Lym Decor Colorido**. Itupeva, c2017. Disponível em: <<https://www.mobly.com.br/puff-londres-luis-xv-tecido-patchwork-pes-madeira-585-lym-decor-colorido-299114.html>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

MODA ROSA. **Um tecido verdadeiramente charmoso**. 2014. Disponível em: <<http://blog.modarosa.com.br/2014/10/um-tecido-verdadeiramente-charmoso/>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

MOMENTO TÉCNICO. **Limpeza mecânica de telas formadoras**. 2005. Disponível em: <http://www.albint.com/business/mc/en-us/pmc/mt/Momento_Tecnico_Files_PT/Momento_Tecnico_Ed_08.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2017.

MW UNIFORMES. **O tecido brim e suas qualidades**. Cariacica, 5 dez. 2014. Disponível em: <<http://mwuniformes.com.br/o-tecido-brim-e-suas-qualidades/>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

NEIVA, T. Como trabalhar com tecidos delicados: tecidos com pêlo. **Blog Tânia Neiva**, 17 jul. 2016. Disponível em: <<http://tanianeiva.com.br/2016/07/17/como-trabalhar-com-tecidos-delicados-renda/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

NINHO DE ABELHA. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+ninho+de+abelha.htm#>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

O QUE É FLAMÊ?! **Urbanfor**, 18 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.urbanfor.com/blog/2012/07/o-que-e-flame/>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

OVER MODA. **Vestido importado cloquê**. Fortaleza, [2017?]. Disponível em: <<https://www.overmoda.com.br/p-gina-de-produto/vestido-importado-cloqu%C3%AA>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

PAINT COLOR. **Tecido canvas**. São Paulo, c2015. Disponível em: <<https://www.paintcolor.com.br/tecido-canvas-poliester-a3-10un>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

PASSEIO DAS ÁGUAS SHOPPING. **Você conhece o xadrez gingham?** Goiânia, 1 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.passeiodasaguasshopping.com.br/blog/voce-conhece-o-xadrez-gingham/>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

PEREIRA, G. S. **Curso têxtil em malharia e confecção**: módulo 2: introdução a tecnologia têxtil. Araranguá: Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina Unidade de Ensino de Araranguá, [2000?].

POLI, M. **Saiba como usar as leggings de cirré, hit entre as famosas**. [São Paulo]: R7, 19 set. 2010. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/moda-e-beleza/noticias/saiba-como-usar-as-leggings-de-cirre-hit-entre-as-famosas-20100919.html>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

PORTAL DO CONFECCIONISTA. **Roselen textil**. Disponível em: <http://portaldoconfeccionista.com.br/fornecedor.php?op=ver_fornecedor&id=755>. Acesso em: 1 jun. 2017.

PORTEIRO, S. **Nomenclatura dos tecidos de acordo com suas características**. Americana, Walter Porteiro Máquinas, 4 fev. 2015. Disponível em: <http://www.walterporteiro.com.br/nomenclatura-dos-tecidos/>. Acesso em: 2 jun. 2017.

POSTAHUS. **Vestido em crepe cetim lilás**. Blumenau, [2017?]. Disponível em: <http://www.posthaus.com.br/moda/vestido-em-crepe-cetim-lilas_art180791.html>. Acesso em: 31 jul. 2017.

PRÍNCIPE de Gales. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+principe+de+gales.htm#>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

PRIVALIA. **Os diferentes tipos de malha**. c2017. Disponível em: <<https://blog.br.privalia.com/os-diferentes-tipos-de-malha/>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

ROCHA, L. Philips anuncia carpete com iluminação por LED integrada ao tecido. **Tecmundo**, 21 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/philips/47313->

philips-anuncia-carpete-com-iluminacao-por-led-integrada-ao-tecido.htm>. Acesso em: 26 jun. 2016.

SANTINI, C. Tipos de tecidos. **Costurinha**, abr. 2013. Disponível em: <<http://costurinhadaclau.blogspot.com.br/2013/04/tipos-de-tecidos.html>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

SARTORI, M. Cetim: o tecido dá o tom do verão 2017. **Moda que rima**, 20 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.modaquerima.com.br/cetim-o-tecido-da-o-tom-do-verao-2017/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

SOARES, A. **Guia para entender tipos de fibras e tecidos** 2016. Disponível em: <<http://www.hojevouassimoff.com.br/2016/05/05/guia-para-entender-tipos-fibras-tecidos/>>. Acesso em 06 nov. 2017.

SHETLAND. In: Pinterest. San Francisco, c2017. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/410038741053448735/>> Acesso em: 6 jun. 2017.

TECIDO canelado verão 2017. **Tendências**, 5 nov. 2016. Disponível em: <<http://tendencias.blog.br/tecido-canelado-verao-2017/>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

[TECIDO pongee]. In: Alibaba.com. [Hong Kong], c1999-2017. Disponível em: <<https://portuguese.alibaba.com/g/pongee-fabric.html>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

TECIDO tropical. In: TEXTSITE.info. **Dicionário de definições do ramo têxtil**. Brno: Textilní zkušební ústav, c2008. Disponível em: <http://pt.textsite.info/Tecido_tropical>. Acesso em: 1 ago. 2017.

TECIDOS BARATOS. **Tecido crepe Georgette diversas cores**. São Paulo, c2017. Disponível em: <https://www.tecidosbaratos.com.br/crepe/georgete/crepe_georgete_diversas_cores/>. Acesso em: 31 jul. 2017.

TECIDOS.COM.PT. **Tecidos de decoração: chenille**. Disponível em: <<https://www.tecidos.com.pt/tecidos-de-decoracao-chenille.html>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

TERGAL. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+tergal.htm#>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

TEXTIL ABRIL. **Tendências verão 2015: Guipire**. 24 out. 2014. Disponível em: <<https://textilabril.com.br/tendencia-verao-2015-guipire/>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

TR DISTRIBUIDORA. **Tecido cristal**. São Paulo, [2017?]. Disponível em: <<http://www.trdistribuidora.com.br/tecido-cristal.php>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

TRICOTINE. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+tricotine.htm>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

TUSSOR. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+tussor.htm>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

TWEED. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+tweed.htm#>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

TWILL. In: PORTAIS da Moda. **Teciteca**. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario-moda~tecido+twill.htm>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

UNIFORMES PALLAVITINO. **Avental de frente risca de giz**. São Paulo, c2017. Disponível em: <<https://www.pallavitino.com.br/avental-de-frente-risca-de-giz>>. Acesso em: 9 jan. 2016.

URIBARRI, S. **Pintura em lonita**. Ibiúna, [2017?]. Disponível em: <<https://www.susanauribari.com.br/pintura-em-lonita>>. Acesso em: 1 jun. 2017

VIDAL, K. **A tradição dos Bacamarteiros de Caruaru** 2016. Disponível em: <<http://www.blogdapipa.com.br/2016/06/a-tradicao-dos-bacamarteiros-de-caruaru.html>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

VIRTUAL FASHION. **Tecido para lingerie bastante popular**. Disponível em: <<http://blog.virtualfashion.com.br/serie-tecido-para-lingerie-conheca-mais-sobre-a-lycra/>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

WEBER, C. **Rainha da moda**: como Maria Antonieta se vestiu para a revolução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

WEICKERT, M. Sabe a diferença entre sarja e jeans?: descubra a resposta com Mari Weickert. **GNT. Moda e Beleza**, [Rio de Janeiro], 16 maio 2014. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/moda-e-beleza/materias/sabe-diferenca-entre-sarja-e-jeans-descubra-resposta-com-mari-weickert.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

WESTING HOME AND LIVING. **Tecido Vichy**. São Paulo, [2017?]a. Disponível em: <<https://www.westwing.com.br/tecido-vichy/>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

WESTING HOME AND LIVING. **Tecido Pied-de-poule**. São Paulo, [2017?]b. Disponível em: <<https://www.westwing.com.br/tecido-pied-de-poule/>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS CONSULTADAS

PUEL, C. Astracã. Glossário de tecidos. **Estilo Piti**, 1. set. 2012. Disponível em: <<http://glossario.estilopiti.com/2012/03/astraca.html>>. Acesso em: 9 set. 2017

AUDACES. **Tipos de tecidos**: lista de A a Z. [Florianópolis, 2013]. Disponível em: <<http://conteudo.audaces.com/tipos-tecidos-de-a-z>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

AULETE, C.. **Dicionário Caldas Aulete**. Rio de Janeiro: Lexikon, c2008. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 4 jun. 2017.

BIASI, R. de. Dicionário da moda. **ABCD MODA**, 8 dez. 2010. Disponível em: <<http://abcdmoda.blogspot.com.br/2008/12/dicionrio-da-moda-acetato-uma-fibra.html>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

CASA PINTO. **Dicionário da moda**. Glossário de moda, têxtil e curiosidades. Rio de Janeiro, c2013. Disponível em: <<http://www.casapinto.com.br/dicionariodamoda>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

CENTER FABRIL. **Glossário têxtil**. São Paulo, c2015. Disponível em: <<https://www.centerfabril.com.br/dicionario-textil/>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES. **Dicionário da moda**: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda. 2. ed., rev. e ampl. Cataguases, 2017. Disponível em: <http://www.cataguases.com.br/Content/assets/img/connecta/DICIONARIO_MODA.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2017.

CRUZ, C. L. S. **Glossário de terminologias do vestuário**. Brasília, DF: Ed. IFB, 2013. Disponível em: <revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/article/download/186/87>. Acesso em: 4 dez. 2017.

CURSOS ONLINE SP DO BRASIL. **Curso corte e costura**. Porto Alegre, [201-?]. Disponível em: <http://www.cursosonlinesp.com.br/product_downloads/k/curso_corte_e_custura__50133.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2017.

DICIO: dicionário online de Português. Matosinhos: 7Graus, 2009-2017. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

FALCÃO, D. Catálogo de tecidos: mais de 150 tecidos. **Páginas de Amor**. [201-?]. Disponível em: <<http://pginasdeamor.blogspot.com.br/p/catalogo-de-tecidos.html>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

FELIPE, M. G. **Dicionário de terminologia do vestuário**. Natal: EDUFRN; Campina Grande: EDUEPB, 2011.

GONÇALVES, N.; OLIVEIRA, A.; ALEXANDRIA, F. **Tecidos**. Salvador: Universidade Salvador, [2017?]. Design de interiores. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/presentation/161615493/Glossario-tecidos-design-de-interiores-versao-2>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss**. São Paulo: Universo Online, 2017. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#0>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

LAVOS JUNIOR, G. R. Corte e costura. **Minhateca.com.br**, c2012. Disponível em: <<http://docs14.minhateca.com.br/564160483,BR,0,0,Corte-e-costura.docx>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

LOJA MUNDO NOVO. **Dicionário têxtil**. Formiga, [2011?]. Disponível em: <<http://lojamundonovo.blogspot.com.br/p/promocional.html>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

MAXIMUS TECIDOS FINOS. **Dicionário de tecidos**. Toledo, c2017. Disponível em: <<https://www.maximustecidos.com.br/dicionario-de-tecidos-h21/>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

MICHAELIS. Dicionário português brasileiro. [São Paulo]: Melhoramentos, c2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

NEIVA, T. Dicionário de tecidos. **Blog Tânia Neiva**, 17 jul. 2016 Disponível em: <<https://tanianeiva.com.br/2016/07/17/dicionario-de-tecidos/>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

OLIVEIRA, I. G. A trama e a urdidura: o vocabulário têxtil e a história da língua portuguesa. São Paulo, **Filologia e Linguística Portuguesa**, v.13, n.2, p.441-457, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/59895/63004>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

PERRONE, A.; SIMIDU, R. **Teciteca**: nomenclatura de tecidos. **Moda Brasil**. [São Paulo]: Universidade Anhembi Morumbi, [2016?]. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/teciteca/a.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

PORTAL DO CONFECCIONISTA. **Tecido pronto**. Tecidos atacadistas. c2011-16. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20161014054041/http://portaldoconfeccionista.com.br/?pag=for-necedores&id=3&idcat=3#subpage>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

PORTAL LUA. **Glossário têxtil e curiosidades**. [São Paulo, 201-?]a. Disponível em: <[http://www.luagrupo.com/index.php/luapedia/textil/150-glossario-textil-e-curiosidades%20\(LUA\)](http://www.luagrupo.com/index.php/luapedia/textil/150-glossario-textil-e-curiosidades%20(LUA))>. Acesso em: 2 dez. 2017.

PORTAL LUA. **Tabela de composição têxtil dos tecidos**. [São Paulo, 201-?]b. Disponível em: <<http://www.luagrupo.com/index.php/luapedia/textil/107-tabela-de-composicao-textil-dos-tecidos>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

PORTAIS DA MODA. Glossário têxtil. [Cianorte?], [201-?]. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/glossario.htm>>. Acesso em: 8 set. 2017.

PORTEIRO, S. **Nomenclatura dos tecidos de acordo com suas características**. Americana, Walter Porteiro Máquinas, 4 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.walterporteiro.com.br/nomenclatura-dos-tecidos/>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

REIKA, P. Iniciantes: catálogo têxtil. **Diversidade Visual**. 20 jun. 2010. Disponível em: <<http://diversidadevisual.blogspot.com.br/2010/06/iniciantes.html>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

SANTANENSE. **Glossário**. Itaúna, [201-?]. Disponível em: <http://www.santanense.com.br/workwear/glossario/2/A/page:3?workwear%2Fglossario%2F2%2FA_html>. Acesso em: 2 dez. 2017.

SANTINI, C. Tipos de tecidos. **Costurinha**, abr. 2013. Disponível em: <<http://costurinhadaclau.blogspot.com.br/2013/04/tipos-de-tecidos.html>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

TECIDOTECA. Tecidos. **Simpledecor**, 9 set., 2009. Disponível em: <<https://simpledecor.wordpress.com/category/tecidos/>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

TEXSITE.INFO. **Dicionário de definições do ramo têxtil**. Brno: Textilní zkušební ústav, c2006-08. Disponível em: <http://pt.texsite.info/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 11 dez. 2017.

TEXTILE INDUSTRY. **Glossário têxtil e do vestuário**. 17 mar. 2012. Disponível em: <<http://textileindustry.ning.com/forum/topics/glossario-textil>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

WEHBE, D. C. **Como montar uma loja de tecidos**. [Brasília, DF]: Sebrae, [201-?]. (Ideias de Negócios). Disponível em: http://www.sebrae.org.br/appportal/reports.do?metodo=runReportWEM&nomeRelatorio=ideiaNegocio&nomePDF=Loja%20de%20tecidos&COD_IDEIA=ef987a51b9105410VgnVCM1000003b74010a_____. Acesso em: 2 dez. 2017.